Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Outubro 1977
Sábado
29
ANO 57.º
N.º 19 493
6 escudos

EM SACAVÉM

Passageiros tentam desviar um comboio

Ontem ao princípio da noite, um comboio que partiu do Rossio com meia hora de atraso, esteve na origem dos incidentes em Sacavém, local onde aquela composição devia fazer ligação com um comboio entretanto saído de Santa Apolónia, em direcção a Vila Franca de Xira. Como a ligação não se efectuasse e centenas de passageiros se sentissem lesados, tentaram obrigar o maquinista do comboio vindo do Rossio a levar a composição até Vila Franca de Xira. O que não conseguiram.

Os passageiros obstruíram então as linhas durante algum tempo, impedindo a circulação ferroviária entre Lisboa e Porto.

Esta situação gerou grandes confusões em Santa Apolónia, onde mais de mil passageiros esperaram quase quatro horas que os comboios começassem a partir.

A CP pediu a intervenção das autoridades em Sacavém e ao fim de certo tempo, a GNR conseguiu, sem utilizar métodos repressivos, restabelecer a ordem e possibilitar o recomeço do trânsito na via férrea.

O Padrinho (III Parte) é o tema dominante do «Sete-Ponto-Sete» que incluímos nesta edição do «DL».
No seu estilo característico, o nosso suplemento revela alguns aspectos da actuação da Mafia que em Portugal «trabalha» na maior legalidade, sob a orientação de Don Diogo.
Para além do mui lido Correio Sentimental (hoje: «O meu amor é traiçoeiro») o «Sete-Ponto-Sete» publica ainda as habituais secções de Cinema, Livros, Teatro, Música e Televisão.

Manuel de Lima "barbaramente" presente

Manuel de Lima, escritor, jornalista, crítico musical e de televisão morreu há precisamente um ano. A sua intervenção ficará decerto a assinalar, com indiscutível originalidade, o panorama da cultura portuguesa contemporânea. Recordamos hoje alguns aspectos da sua personalidade, numa singela homenagem à sua memória. As fotos que ilustram os textos evocativos foram-nos cedidas por Eduardo Gageiro.

(Páginas centrais)

EMIGRAÇÃO

Acordos com a França vão ser reexaminados

(Pág. 5)

COSTA GOMES SOBRE RAMIRO CORREIA:

Para ele o Povo tinha a dimensão do homem

Costa Gomes perante milhares de pessoas: «Ramiro Correia teve a capacidade para receber o testemunho que era uma ideia e passá-lo ao futuro como uma prática»

Minuto de silêncio em memoria de Ramiro Correia. Na foto: general Vasco Gonçalves, João Freitas Branco e José Gomes Ferreira

Há homens cuja passagem pela vida, por breve que seja, deixam na História, e na nossa recordação, o traço indelével do carácter que os animou. Ramiro Correia foi um desses homens. **Sê-lo-á sempre»** — assim principiou o general Costa Gomes o elogio àquele «Capitão de Abril», na sessão de homenagem que, ontem à noite, levou milhares de pessoas ao Pavilhão dos Desportos.

E Costa Gomes prosseguiu:

«É difícil ocultar a dor e o espanto de vermos, brutal e **subitamente arrancado ao nosso convívio este camarada e** companheiro de jornada: a quem o conheceu, Ramiro Correia **evocava, por vezes,** a própria imagem, palpitante da vida.

Dotado de um entusiasmo, que roçava a paixão, de um poder de concretização, que desafiava o seu espírito sonhador **e incoformista, ele causa**va uma profunda impressão em todos os que com ele privavam.

Ramiro Correia, soube sempre, que viver, não era apenas, manter-se vivo. Devemos-lhe esse exemplo, que uma homenagem, não bastará para saldar. Contudo, a nossa presença aqui, é uma resposta ao apelo implícito na sua atitude como Homem, como Camarada e como Amigo. É a nossa forma de estarmos vivos.

Ramiro Correia era bem a antítese do desânimo e do **abandono. Aliando, a um sen**tido do humor vibrante e oportuno a seriedade de um ânimo forte e determinado, soube muitas vezes encontrar a palavra justa de quem está certo, do que sonha, do que quer e do que pode.

Poucos sectores haverá em que a sua actividade se não tenha feito sentir de forma vincada. A riqueza da sua formação humana, cultural e **técnica impuseram-no ao res**peito de quantos, com ele ou contra ele, viveram no seu espaço e no seu tempo.

Não se estranhará, assim, que a sua intervenção datasse de quando ainda a Revolução de Abril era um sonho mais ou menos distante que unia os que quiseram e souberam fazer da justiça e da paz um esteio da própria vida.

Após o 25 de Abril, Ramiro Correia ocupou o lugar na Revolução para que apontava toda a sua atitude anterior, assumindo responsabilidades crescentes e vindo a ser eleito pelos seus camaradas da Armada para o Conselho da Revolução.

Também aí soube dar expressão às suas múltiplas qualidades. O seu espírito criador e a sua lucidez permitiram frequentemente que se atingissem soluções justas e equilibradas para os múltiplos problemas que àquele órgão nascido da Revolução continuamente se apresentavam. A espontaneidade fértil, das suas intervenções e soluções não escondia uma avaliação serena e pensada das questões em jogo, nem a inteligência viva nelas patente se sobrepunha à lealdade e espírito de colaboração que sempre revelou.

Foi a sua intensa preparação cultural, combinada com as qualidades humanas que possuía, que o levaram à chefia da Quinta Divisão do Estado-Maior General das Forças Armadas. Da actividade que desempenhou neste sector subsistem hoje bem mais do que vestígios, e algumas das marcas jamais se apagarão.

É por certo prematura uma **avaliação justa do que foi a Di**namização Cultural. O seu tempo mais fecundo coincidiu com um período de complexas transformações no nosso viver colectivo, ao qual se reage ainda com demasiada emotividade.

Continua na pág. 8

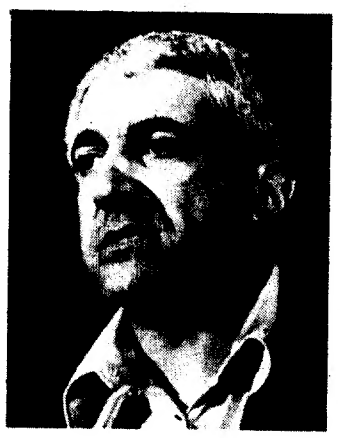
Otelo membro do Tribunal Russel

O major Otelo Saraiva de Carvalho será um dos 26 membros do «Terceiro Tribunal Internacional de Russel», que se vai reunir em Francforte em Abril de 1978 com o objectivo de investigar os atentados aos Direitos do Homem na RFA resultantes de proibições profissionais por motivos políticos.

Este Terceiro Tribunal compreende entre outras individualidades o Lord Gifford, advogado britânico, Otto Nathan, antigo conselheiro financeiro do governo americano, o senador socialista italiano Ricardo Lombardi, dois membros do PCI, Luigo Lombardo-Radice e Umberto Terracini que presidiu à Assembleia Constituinte Italiana e ainda o historiador jugoslavo Vladimir Dejider e os franceses Georges Casalis (teólogo), Claude Bourdet (jornalista). David Rousset (antigo deputado), Albert Soboul (historiador) e André Jeanson, antigo presidente da CFDT.

O comunicado dos organizadores deste Terceiro Tribunal, depois de reafirmar os seus objectivos recorda que em 1972, os candidatos a cargos efectivos na função pública na RFA têm sido cuidadosamente joeirados para se garantir que a nenhum «extremista político» seja dado emprego. A filiação política de quase um milhão de pessoas foi verificada e foram negados empregos a mais de quinhentas pessoas.

O primeiro Tribunal Bertrand Russel (do nome do matemático e fisósofo inglês) foi formado em 1966 para investigar os crimes de guerra do Vietnam; o segundo em 1973, ocupou-se dos Direitos Humanos na América Latina.



Otelo Saraiva de Carvalho

post-scriptum

Aspecto do cemitério do Campo de Concentração. No primeiro plano a sepultura de Bento Gonçalves.

TARRAFAL: não esquecer

Passa-se hoje mais um ano sobre a data da inauguração do tristemente célebre campo de concentração do Tarrafal.

A 29 de Outubro de 1936 entraram nesse rectângulo cercado de arame farpado, os primeiros 150 presos políticos.

«Campo da Morte Lenta» justamente se lhe chamou, pois ali se assassinaram, não por fuzilamento ou em forno crematório, mas aos poucos, dia a dia, com agressões, com fome e com doenças não tratadas, dezenas de antifascistas.

Lá ficaram no cemitério da vila do Tarrafal alguns destacados dirigentes do movimento operário, como o Bento Gonçalves, Mário Castelhano, Alfredo Caldeira e outros activos militantes que o fascismo salazarista quis e conseguiu roubar à luta que o nosso povo travava contra o regime de terror que nos vexava e oprimia.

Passados 41 anos sobre a data fatídica, é bom recordar o que representou essa prisão para que se tenha bem presente o que foi o fascismo.

Perante a escandalosa benevolência com que os tribunais vêm tratando os «pides», alguns dos quais se celebrizaram nas violências e insultos aos presos do Tarrafal e doutras prisões fascistas, esquecer, seria além de injusto, extremamente perigoso.

A defesa da liberdade e da democracia exige de todos os antifascistas atenta vigilância, pois os «saudosistas» do Tarrafal, de Caxias, do Aljube e de Peniche aí estão, activos, procurando o regresso ao passado que originou a existência desses antros repressivos.

Pensa-se trazer em breve para Portugal os restos mortais dos que caíram no Tarrafal. É acto de alto significado e que vai ser certamente patrocinado por todos os antifascistas, que não deixarão de prestar condigna homenagem àqueles que deram a vida para que houvesse em 1974 um 25 de Abril.

João Faria Borda
LISBOA

É isto cumprir a Constituição?

Concluí no ano lectivo de 1976/77 o curso liceal com a média final de 16 valores, tendo nas nucleares a média de 15. Pretendo ingressar na Faculdade de Letras, mas as medidas tomadas pelo Ministério da Educação vieram comprometer as minhas esperanças como, aliás, as de milhares de estudantes de Portugal. O ingresso na Universidade é quase impossível devido às irresponsabilidades tomadas por aquele Ministério da Educação. Objecta-se, em prol destas medidas, a falta de instalações e de professores (entre outras). No entanto, por esta Lisboa, existem Universidades particulares. Será que para os alunos que frequentam as ditas já existem instalações e não há falta de professores?!? É claro que não...

Estas escolas só serão frequentadas por alunos que na sua generalidade não serão talvez os melhores alunos dos liceus, mas a quem apenas as benesses da fortuna, e já não é pouco, permitem, por linhas mais ou menos tortuosas, o ingresso em universidades particulares, às quais não nego o seu valor pedagógico, mas — e lá voltamos ao mesmo — isto estará de acordo com a alínea 1 do artigo 74 da Constituição? Ela diz: «O Estado reconhece e garante a todos os cidadãos o direito ao ensino e à igualdade de oportunidades na formação escolar.» E nem há necessidade de citar as outras alíneas do mesmo artigo...

Agora pergunto eu: é isto cumprir a Constituição? É isto ser membro de um Governo dito «socialista»?

Há algo de podre no Reino da Dinamarca...»

Judite I O. C. de Lima
— LISBOA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 36 87 40

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

A PROPÓSITO DE UMA EXPOSIÇÃO

Produzimos apenas 10 por cento dos nossos brinquedos

. No palácio Foz termina, depois de amanhã, a exposição «O Brinquedo Através dos Tempos», organizada pelo Centro de Coleccionadores em colaboração com a Divisão de Relações Públicas da Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Ao longo de duas semanas têm desfilado centenas de pessoas face às peças expostas que se elevam a mais de uma centena: polichinelos articulados, fantoches, teatros de papel, grandes construções de papel para montar, navios antigos, combóios históricos, bonecos articulados, brinquedos populares, brinquedos científicos, automóveis, camiões e as enevitáveis viaturas militares com ou sem figuração.

Algumas peças prendem a atenção do espectador por mais tempo é o caso do primeiro combóio português que, em 1856, inaugurou o troço de caminho de ferro de Lisboa ao Carregado. Construído de folha de ferro zincado e de latão, movido por um dispositivo de corda de longa duração. No interior da carruagem real, no compartimento régio, podem ver-se o rei D. Pedro V e o rei D. Fernando, seu pai, o infante D. Afonso e as infantas D. Isabel Maria e D. Antónia. Nos restantes compartimentos convidados e damas do paço. Trata-se de um modelo da colecção do Centro.

O BRINQUEDO QUE NÃO SE TEVE

«Desde pequena que sempre desejei ter um bebé chorão mas nunca consegui. Não foi bem por uma questão económica porque a minha mãe comprou-me outros brinquedos mais caros mas a verdade é que, até hoje nunca me esqueci deste brinquedo que desejei», a nostalgia foi objectivada por uma moça dos seus vinte anos

que observava atentamente na exposição o palhaço equilibrista de madeira proveniente da China mas que encontra réplica no México e até mesmo em Portugal.

Um jovem chamou-nos a atenção para o escaparate do brinquedo popular português fabricado artesanalmente no Norte, com estamparia sobre folha, de Ermesinde (1940 a 1958). Em plena Segunda Guerra Mundial as dificuldades dos países beligerantes de se dedicarem ao amor pela criança, por só pensarem na destruição dos outros homens, levou a activa gente do Norte à fabricação de brinquedos para abastecer o país. Como não havia folha-de-flandres, utilizavam as latas de conservas e tudo o que no género pudesse ser utilizado. Assim, começaram a surgir o que são hoje deliciosas raridades no mundo do brinquedo, num misto de folha e cartão. Apareceram os pequenos automóveis toscamente pintados no mais popular estilo português e temos impressos por estamparia em relevo «Sardinhas portuguesas em puro azeite de oliveira». Constituem hoje a mais alta raridade do brinquedo português de 1940.

PRODUÇÃO NACIONAL DIMINUTA

A produção nacional é pequena: apenas 10 por cento da produção dos brinquedos que encontramos no país. De acordo com alguns dados estatísticos em 1975, foram importados 215 mil contos de brinquedos; 300 mil em 1976 e 120 mil este ano devido às medidas de contingentação. A produção nacional é constituída por brinquedos de madeira, bicicletas (somos auto-suficientes) sendo bastante expressiva a produção de brinquedos em plástico, e de bonecas, e dos chamados jogos de sociedade (Xadrez, Damas, jogos do tipo da Glória). Não temos fabrico de brinquedos electrificados.

Muitos dos brinquedos portugueses têm boa aceitação e apreciável qualidade, atingindo o negócio dos brinquedos montantes elevados, sendo a capitação do consumo de brinquedos de cerca de 300$00 por ano.

INCENTIVAR A CRIATIVIDADE

Ao visitar uma exposição de brinquedos ou o próprio centro coleccionador verifica-se que a maioria esmagadora dos brinquedos são feitos à semelhança do mundo dos utensílios dos adultos daí a célebre reflexão de Roland Barthes «o emburguesamento do brinquedo não se manifesta apenas nas suas formas, todas funcionais, mas também pela sua substância. Os brinquedos correntes são de uma matéria ingrata, produtos da química, não da natureza». Continuando o desenvolvimento do raciocínio o pensador francês das «Mitologias» lembra «o desaparecimento progressivo da madeira, matéria portanto ideal pela sua firmeza, a sua facilidade de moldagem, o calor natural do seu contacto. A madeira elimita as feridas das unhas demasiado vivas e o frio químico do metal».

De facto, tirando um numero reduzido de brinquedos que permitem o desenvolvimento livre da imaginação da criança, nomeadamente os jogos de construção, a maioria dos brinquedos amarram a criança ao mundo utilitário dos adultos em que a burocracia o vazio da imaginação são a realidade mais frequente.

Os tempos vão difíceis e por isso talvez tenha sentido lembrar a produção de brinquedos feita na Alemanha do pós-guerra a nível do artesanato familiar. Era toda uma organização montada pelos familiares que se encarregavam uns das cabeças, outros dos corpos, vestes, de modo a ter uma autêntica produção de bonecos em cadeia a nível do artesanato.

PARA QUANDO UM MUSEU DA CRIANÇA?

Para se criar é fundamental o contracto com a realidade. Neste sentido um conhecimento do que se tem feito na história do brinquedo parece-nos fundamental e nesta perspectiva a criação de um «Museu da Criança», esperança que há 10 anos vem sendo alimentada por vários aficionados de brinquedos, nomeadamente pelo núcleo do Centro de Coleccionadores, merece uma resposta urgente do Governo. Actualmente o centro está instalado numa cave, em Benfica, de proporções exíguas onde muitos dos brinquedos continuam empacotados e vedados à observação dos curiosos e amadores.

FOLHA OFICIAL

Legislação hoje publicada no Diário da República, 1.ª série:

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS:

Resolução n.º 279/77:

Aprova a agregação ao Grupo de Trabalho para o Estudo da Regulamentação da Zona Económica Exclusiva das 200 Milhas de mais três membros.

MINISTÉRIOS DO PLANO E COORDENAÇÃO ECONÓMICA E DAS FINANÇAS:

Despacho Normativo n.º 209/77:

Fixa no vencimento máximo nacional o valor padrão a que se refere a alínea a) do n.º 1 da Resolução do Conselho de Ministros n.º 274/77, de 17 de Agosto de 1977, que estabelece critérios de fixação das remunerações dos gestores de empresas públicas e equiparadas.

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA:

Decreto-Lei n.º 451/77:

Cria a esquadra da Polícia de Segurança Pública no Bairro de Miraflores, Algés, concelho de Oeiras.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS:

Decreto-Lei n.º 452/77:

Autoriza o Governo a dar o seu acordo ao aumento da quota de Portugal no Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento de 99,8 para 132,4 milhões de dólares dos Estados Unidos da América, do peso e toque em vigor em 1 de Julho de 1944.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS:

Despacho Normativo n.º 210/77:

Estabelece as condições em que é garantida a integração no sistema bancário nacionalizado português aos trabalhadores portugueses na banca de Angola e Moçambique.

MINISTÉRIOS DA AGRICULTURA E PESCAS E DO COMÉRCIO E TURISMO:

Despacho Normativo n.º 211/77:

Autoriza a substituição da embalagem com a capacidade de 15 kg do produto fitofarmacêutico com base em clortolurão por outra embalagem com a capacidade de 20 kg.

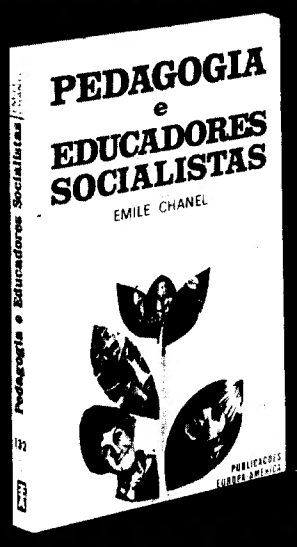
MINISTÉRIOS DO COMÉRCIO E TURISMO, DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES:

Portaria n.º 667/77:

Concede, obrigatoriamente, passes nos transportes colectivos de passageiros em carreiras interurbanas a estudantes abrangidos pelo Decreto-Lei n.º /V/77, de 24 de Setembro.

AO IDEAL DUMA SOCIEDADE NOVA CORRESPONDE UMA EDUCAÇÃO NOVA

PEDAGOGIA E EDUCADORES SOCIALISTAS



ÉMILE CHANEL

De Platão a Gramsci, aqui se reúnem os textos mais significativos, completados com a exposição das experiências mais notáveis, nomeadamente a soviética, a chinesa e a cubana.

Livros para quem sabe o que deve ler
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

ponto a ponto

O Presidente Ramalho Eanes, acompanhado da esposa, efectua uma visita oficial à República Federal Alemã, de 12 a 15 de Dezembro, a convite do presidente Walter Scheel, sde gundo foi ontem oficialmente anunciado em Bona.

O «leader» do grupo parlamentar do Partido Socialista austríaco encontra-se de visita a Portugal a convite do grupo parlamentar do PS. Ontem, o dr. Heinz Fischer em conversações com uma delegação do Secretariado deste partido, composta por Salgado Zenha, Tito de Morais e Rosa Gomes. O dirigente socialista austríaco avista-se hoje com o Primeiro-Ministro, Mário Soares.

As posições internacionalistas do Partido Comunista Português foram reafirmadas por Álvaro Cunhal em entrevista ontem publicada pelo jornal «Pravda» a propósito do 60º aniversário da Revolução de Outubro. Cunhal frisou que o seu partido não se afastaria do mundo socialista, fossem quais fossem as pressões nesse sentido.

A UDP apoia uma romagem à campa do jovem operário Luís Caracol, morto na sequência de incidentes com a PSP no dia da primeira audiência do julgamento de Rui Gomes, facto que deu origem a um inquérito cujos resultados ainda não são conhecidos e a um processo instaurado pela família contra a PSP. A romagem é promovida pela UJC(R).

Para quando os embaixadores necessários?

VÍTOR BENTO

. Quem tem tido a paciência de nos ler, sabe que nunca envolvemos na nossa crítica quaisquer individualidades que não sejam aquelas que se têm colocado na corrida ao poder. No propósito democrático, esses, gostem ou não, recusamos. Por várias razões: porque vivemos numa sociedade que não está educada para aceitar a crítica pois confundem-se pessoas com ideias, porque defendemos intransigentemente a liberdade da opinião que não ofende e porque normalmente sempre se acaba em polémicas estéreis de escrevinhadores, que não interessam aos problemas concretos da população, a qual ainda por cima teve de custear os encargos da sua instrução. Desta vez, fugimos ligeiramente à regra.

Vem isto a propósito de um artigo cujo autor não interessa aqui nomear. Intitulado «Passos Necessários» constitui, em nossa opinião, uma bem urdida prosa reaccionária que instilando subtil veneno ataca a ordem constitucional. Que tem ainda a particularidade de ser subscrito pelo embaixador de Portugal no Conselho da Europa (que pelos vistos quer ir mais longe). Publicado num jornal que costuma ser considerado mais ou menos oficioso (qualquer que seja o regime político) mostra até onde vai o «pluralismo», para a direita, do partido do Governo. Eis algumas passagens dessa prosa:

O ARDIL

«O regime constitucional inaugurado há pouco mais de um ano tem-se mantido e as forças internacionais e nacionais capazes de o derrubar não parecem, até agora, estar interessadas em fazê-lo. Tudo isto é encorajador mas não deve esquecer-se que as jovens instituições democráticas só têm podido ensaiar os seus primeiros passos por consentimento dessas forças. E que, se o tempo assim consentido não for habilmente aproveitado, a democracia não chegará a vigorar e o que tem passado por ela não mobilizará as consciências dos cidadãos para a sua prática e, consequentemente, para a sua defesa...»

. «A democracia nasce em Portugal contra duas forças adversárias e pesadíssimas: a estrutura económica, herdada do gonçalvismo e a estrutura administrativa herdada do salazarismo. Estes dois monstros dominam, quase constituem, o Estado e, enquanto não forem substancialmente desmantelados, o que passa em Portugal por democracia não será mais do que um cosmético ou um enfeite, sem penetração profunda nas instituições e nas consciências...»

. «É uma fraqueza clássica da esquerda (de todas as esquerdas: no caso português quer da esquerda actualmente no Governo quer da esquerda comunista) ser profundamente ignorante da criação da riqueza. Todo o esforço imaginativo e sistemático se aplica à sua distribuição. É como se a criação da riqueza fosse uma tarefa feia, melhor deixada aos capitalistas, cabendo à esquerda a tarefa nobre de, como o espólio destes, construir a sociedade justa. Só que se se acaba com os capitalistas (ou melhor com uma economia de mercado animada por empresários privados) a riqueza não se cria como antes e o que resulta não são sociedades justas mas sociedades fortemente policiadas...»

. «O Governo — este ou qualquer outro que tivessemos — tem, portanto, que intervir com medidas drásticas e impopulares. Mas não pode perder de vista que essas medidas são a contrapelo e têm que ser acompanhadas de um aumento dos investimentos que relancem a economia. Tais investimentos terão sobretudo que vir do sector privado mas para se fazerem — o dinheiro existe — será preciso que o Governo dê confiança aos investidores, não fornecendo planos exaustivos e utópicos que lhes guiem todos os passos e lhes abafem a iniciativa mas criando condições que lhes permitam correr, racionalmente, riscos calculados, na mira de lucros satisfatórios...»

. E, finalmente, acaba com um apelo não se sabe bem a quem (o autor talvez saiba...) já que parece acreditar na auto-reforma das instituições:

. «Cabe aos poderes públicos atalhar este estado de coisas intervindo (ou melhor desintervindo) na economia e pondo o Estado através de uma profunda reforma administrativa ao serviço dos cidadãos. Se não o fizerem depressa não haverá democracia em Portugal.»

. Seria muito extenso um comentário à prosa do senhor embaixador, mas limitamo-nos a dois apontamentos:

A RAZÃO NACIONAL

Em Agosto de 1974, portanto antes do «monstro gonçalvista», a fina flor dos empresários oligopolistas formava o MDES e escrevia na sua apresentação: «A crise não é de agora nem começou com o movimento do 25 de Abril. Pelo contrário, é consequência de erros acumulados que muitos dos componentes do MDES não deixaram de referir na devida altura, embora sem qualquer êxito.»

. Depois de ter assim manifestado a sua ingratidão àqueles que tinham deixado engordar essa minoria à custa da maioria, a fina flor da «iniciativa privada» apresentava uma lista de investimentos que em nada ajudava a mudar as deficiências estruturais da produção portuguesa (pudera, era a eles que elas convinham!...)

. Então, como agora, quando o Governo e a Assembleia já destruiram todo o edifício legislativo «gonçalvista» (a afirmação é também dos dirigentes do PS) também se invocava a crise de confiança». Esta é a desculpa mágica para uma inércia que tem regras bem conhecidas e sobre as quais não vale a pena «zangarmo-nos». Então, como agora, cá estamos na cauda da Europa. Competiria, portanto, aos poderes públicos actuar de modo a ultrapassar essa inércia. Eis a filosofia de base da intervenção do Estado na economia a qual é, afinal, entre nós, do mesmo nível que em outros países europeus, como o senhor embaixador deveria saber.

E, assim, surge um segundo apontamento, este sobre a crise económica internacional. Embora com o risco de alongar demasiado esta nota, transcrevemos na íntegra este extraordinário documento, aparecido no insuspeito «Economist» de 8 de Outubro:

A RAZÃO INTERNACIONAL

«Trabalhado
e Japão, uni-vos!»

. «Os ministros das Finanças dos países cimeiros ainda em situação deficitária (Inglaterra, Canadá, França, Itália e Estados Unidos) reuniram-se secretamente em Washington na

Continua na pág. 4

política

de A a Z

AS CONVERSAÇÕES E AS IMPOSIÇÕES

Não são animadoras as notícias que nos chegam das conversações que o Primeiro-Ministro tem tido, de seus ministros acompanhado, com os representantes dos partidos com assento na Assembleia da República, com as forças sindicais e outras associações a que hoje se dá o nome de sociais para esquecer o seu carácter corporativo. Não conhecemos o conteúdo dessas conversações, a extensão das informações e das explicações que aos interlocutores do Governo foram fornecidas. Sabemos, sim, que os interlocutores marcaram atitudes de recusa e de reserva, se mantiveram na expectativa ou manifestaram interesse por informações complementares. Não cremos que se tenha avançado para uma plataforma de entendimento ou de cooperação, de apoio a uma iniciativa tão grave e tão vinculativa como a dos empréstimos contraídos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), ou que se tenha alcançado para as diligências políticas que a «crise» impõe e para as medidas económicas e financeiras que a «crise» exige, um consenso ou que das conversações oficiais tenha nascido uma disposição dialogante.

Não se poderá confundir o exercício do «poder» por um partido, exercício solitário por decisão política, com um «poder» que com o País em vez de dialogar cultiva a arte do monólogo. Ainda que o monólogo seja amável (e não autoritário), aliciador (e não ameaçador), sorridente (em vez de carrancudo). Mas **monólogo** é **monólogo**. E os monólogos alternativos não preenchem a condição do **diálogo**. Este deverá ser troca de ideias (e não só de palavras), confronto de argumentos (e não só registo de posições). O **pluralismo** implica o **diálogo** entre as diversas correntes. O **pluralismo**, exclui, por princípio, o desprezo pelas opiniões que nos contradizem ou nos criticam, pressupõe a complementaridade, propõe a cooperação, dentro das linhas do projecto constitucional adoptado.

A recusa do **diálogo**, ou a recusa da **cooperação**, encaminha para uma solução política diferente. Não sabemos se está à vista o termo desta experiência de «Governo minoritário», mas sabemos que a «coligação» que o CDS e o PSD propõem, que o «acordo político» por que se batem constitui um risco grave para a institucionalização de uma vida democrática que respeite, defenda e valorize as conquistas de Abril.

E parece-nos deselegante (a palavra é empregada por ironia) que se aproveite a «crise» para fazer imposições ao Partido Socialista que vão muito para além do «acordo político» que os empréstimos externos justificariam. Estamos perante um aproveitamento oportunista das dificuldades nacionais, conjunturais umas estruturais outras. Aproveitamento que forças «centristas» e da «direita», reaccionárias ou predominantemente movidas pela ambição do «poder», levam ao extremo de provocar uma crise política que pode desencadear um surto de desestabilização político-militar.

Não defendemos o Governo. Denunciamos um «cerco» ao Governo que não conduz a uma solução política, que não conduz à «mobilização social», que representa um risco para a Democracia.

As soluções deverão ser encontradas no quadro constitucional e de harmonia com as indicações da vontade popular. O Povo votou a Democracia, votou o Socialismo, votou **esta** Constituição.

O DILEMA

Este Governo minoritário, este Governo socialista, já não é um «Governo socialista homogéneo». Apresenta-se como uma coligação, ou uma confusão, de socialistas com passado antifascista e de socialistas recentes, de socialistas que são sociais-democratas e de tecnocratas que se não despiram de preconceitos e de interesses neocapitalistas. Designe-se o Governo Constitucional, na sua actual versão, por «Governo de direcção socialista». Com efeito, o Primeiro-Ministro é o secretário-geral do Partido Socialista.

De qualquer modo, e sem esquecer o que é, e como é, o Partido Socialista que temos, **este Governo** e este **Partido Socialista** deverão ser considerados no «campo democrático e antifascista». E, sejam quais forem as excepções, e muitas serão, os partidos do «centro» (o social-democrata) e da «direita» (o dito **centrista**) representam forças que se opõem (salvo casos excepcionais, e bem determinados sectores) às conquistas políticas, e económicas e sociais de Abril. Muita parra e pouca uva, ou vertendo o prolóquio popular para uma linguagem política: muita «democracia», muita «liberdade» no discurso político e um visceral conservantismo (**de classe**) na prática política.

Sabemos, claro que sabemos, e a experiência (inglória, talvez) do **separatismo do MSD** aí está a advertir-nos, que um PSD não é homogéneo, que poderá desembaraçar-se de lideranças comprometidas e comprometedoras. Mas sabemos, claro que sabemos também, que os jogos de oposição não são inocentes e levam longe. Sabemos que a lógica oposicional (ou o aguilhão da ambição pessoal) levam o dr. Francisco Sá Carneiro a perder autoridade nacional e o verniz político democrático. Estava esquecido, ou quase esquecido, o seu «golpe presidencial» com Spínola, e agora regressamos a esse plano inclinado em que da «oposição» impositiva se resvala para a «imposição não constitucional». À espreita, bem sabemos, o que se encontra: a tentação diabólica do «golpe de força».

Para o cidadão António Ramalho Eanes, a quem até um Adriano Moreira recordou, num livro recente, que o «novo sistema tem, felizmente, um elemento de legitimidade suprema, que é o Presidente da República», coloca-se o problema simples: resistir às sereias reaccionárias, defender a Constituição, cumpri-la. E cumprir a Constituição é prevalecer-se, se tal for necessário, dos dispositivos constitucionais pertinentes.

Para o Governo Socialista, coloca-se o problema de criar condições para governar, e para tal, chegou a hora da decisão: avançar pela «esquerda». Não só para se libertar do cerco da «direita», como para «vencer a crise e salvar a Revolução».

SERVIÇO DE CARGA AÉREA DA TAP

Adivinha-se o período de Natal, o qual, como já é do conhecimento geral, origina elevada procura do transporte aéreo.

No sentido de obstar aos inconvenientes que esta procura, de forma geral, ocasiona aos utentese destes transportes, recomenda-se aos nossos estimados clientes que, além de tentarem expedir as suas mercadorias com a maior antecedência possível, assegurem com a indispensável antecedência a reserva de espaços e isto através dos telefones números 89 71 51/2/3/4/5 e 89 04 17, sendo esta a única forma de a TAP poder garantir o transporte desejado em devido tempo.

Embora este procedimento se aplique genericamente a todos os destinos da TAP, chamamos a especial atenção para os problemas que em relação aos Açores, Madeira, República Popular de Cabo Verde e República d- Guiné-Bissau, se podem criar e sobre os quais se verifica maior acuidade.

Assim, entre 1 de Novembro próximo e 15 de Janeiro de 1978, na aceitação dos consignamentos para estes destinos, serão rigorosamente observados os procedimentos acima referidos.

Simultaneamente, comunica-se aos nossos clientes que as expedições para aqueles destinos, uma vez garantida a indispensável reserva de espaço, só poderão ser aceites com uma antecedência máxima de 72 horas e mínima de 24 horas sobre os horários da partida dos respectivos voos.

Agradecemos antecipadamente a melhor colaboração e compreensão dos nossos estimados clientes no cumprimento destas normas, as quais se destinam essencialmente a criarem um serviço de operações de transporte aéreo de maior acolhimento aos seus desejos e necessidades.

EPAL
EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

AVISO

Devido a trabalhos inadiáveis a efectuar na rede de distribuição de água, avisam-se os consumidores da área de Campolide, que ficarão privados de abastecimento de água, no período compreendido entre as 0 e 8 horas do próximo dia 31 (noite de Domingo para 2.ª Feira).

Lisboa, 28 de Outubro de 1977.
Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da CFAL
João Bau

À Classe Médica

o mercado encontra-se devidamente abastecido com

ESÕBACTULIN

a conhecida e eficaz VACINA CONTRA GRIPES E CONSTIPAÇÕES

ENCONTRO PROMOVIDO PELA CNEP

Equilibrar a economia pela via das exportações

«Só pela via da exportação é possível combater os desequilíbrios fundamentais da economia, em particular o da balança de pagamentos, investimento e emprego». Esta é a primeira das conclusões a que chegaram os participantes no «Primeiro Encontro Nacional de Exportadores» promovido pela CNEP, Centro Nacional de Estudos e Planeamento, instituição de carácter privado que se afirma «sem qualquer filiação política ou religiosa».

O Encontro decorreu a semana que hoje finda e teve a participação de personalidades ligadas à EFTA e à CEE, respectivamente o dr. Xavier Pintado, antigo ministro de Marcelo, e o dr. Roger Goffin (foi muito notado um dos conselhos de Goffin a Portugal: vender artesanato para a Europa. Falaram ambos da situação actual e das perspectivas que eventualmente se desenharão nas relações comerciais com os países dos blocos que representavam.

Por seu turno, o dr. Wilhelm Hendricks apresentou um estudo sobre os «mercados de economia centralizada», partindo do exemplo das relações entre o seu país, a Áustria, onde é director de um banco nacionalizado, com os países socialistas. Outro dos participantes D. Miguel Sanchez Oca, secretário geral do Ministério para as regiões do governo espanhol, referiu as dificuldades de penetração nos mercados da América Latina.

Na conferência de Imprensa realizada depois de terminados os trabalhos do Encontro, o dr. Pedro Sousa Santos, director do CNEP, anunciou para breve a realização de um encontro de exportadores portugueses e espanhois, organizado também pela empresa que dirige tendo em vista o estudo dos mercados potenciais. Além dos já citados, os mercados árabe e africano.

«Se não saíram daqui medidas concretas para se aplicarem já amanhã, do Encontro resultou uma série de equacionamentos sobre que vamos reflectir» — disse o director da empresa promotora do Encontro, cuja inauguração contou com a presença do secretário de Estado do Comércio Externo.

Notória a ausência do Fundo de Fomento de Exportação. Disseram-nos, no entanto, que especialistas do Fundo estiveram a algumas sessões na qualidade de observadores.

Passe de estudantes tem desconto de 25 por cento

As empresas de transporte colectivo de passageiros em carreiras interurbanas concederão obrigatoriamente bilhetes de assinatura com uma redução de 25 por cento aos estudantes, para o número de viagens a indicar pelos respectivos estabelecimentos de ensino — determina o MEIC, pela portaria número 667/77, inserta no «Diário da República» de hoje.

Os estudantes cuja idade seja inferior a 12 anos e igual ou superior a quatro, continuarão a beneficiar do desconto de 50 por cento.

Os estabelecimentos de ensino requisitarão os bilhetes de assinatura até 15 dias antes do início do período lectivo a que aqueles bilhetes se referem.

Novos embaixadores

Continuação da pág 3

passada semana e decidiram espalhar panfletos, a lançar de avião, sobre a Alemanha e o Japão, dirigidos aos trabalhadores, avisando-os das consequências da continuidade dos seus excedentes na balança de pagamentos. O «Economist» obteve um exemplar.»

. «Passámos uma grande parte da semana passada a falar com os vossos ministros económicos. Gostaríamos, agora, de falar com vocês, as pessoas que os elegeram. Os vossos chefes estão, certamente, orgulhosos dos avanços económicos que vocês realizaram nos últimos trinta anos. Eles sentem justamente que vocês enfrentaram melhor do que muitos outros países industrializados, a estagnação dos anos 1974/75. Mas eles, erradamente, rejeitam as críticas desses mesmos países às suas actuais políticas, as quais, segundo continuam eles a dizer, são no melhor dos vossos interesses. Nós pensamos que elas conduzem a um maior desemprego e põem em risco o sistema mercantil que vocês exploraram com tanto sucesso desde a guerra. Temos vindo a argumentar neste sentido nos últimos dois anos, mas deve ser mais tentador bocejar e ignorar-nos. Mas o argumento não desaparecerá e uma vez que ele envolve tanto o vosso bem-estar como o dos vossos filhos, vocês deverão querer tornar conhecidos os vossos pontos de vista. O vosso voto pode ter mais efeito do que a nossa pressão diplomática.

Pensem: há agora mais 1,1 milhar de desempregados nos vossos dois países do que havia há quatro anos. O comércio é pessimista sobre o futuro, e todos os meses mais desemprego é anunciado. O mesmo acontece nos nossos países. Mas isso não significa que estejamos todos no mesmo barco. Desde o começo de 1974, os nossos cinco países tiveram entre si um défice de mais de $50 biliões de dólares. Vocês do Japão (18 biliões). Para ram excedentes de mais de $20 biliões de dólares. Vocês, Japão, acabaram de fazer a revisão dos vossos excedentes para 1977 que subiram para $14 biliões de dólares. Mas, podem perguntar, que diferença é que isso nos faz? A resposta é: aproximadamente $110 dólares para cada família japonesa e alemã em cada um dos três últimos anos — $110 dólares que vocês podiam ter gasto em qualquer coisa de que gostassem, se os vosso governos tivessem expandido as vossas economias suficientemente depressa para vos darem até mesmo o equilíbrio do vosso comércio externo. E se os vosso governos, tal como os de outros países ocidentais, tivessem tirado a sua justa quota-parte dos excedentes da OPEP, vocês teriam tido mais cerca de $155 dólares por família, por ano. Mas isto foi-vos negado por causa dos vossos excedentes externos. Alguns dos vossos políticos falam como se estes excedentes fossem eles próprios um sinal de riqueza. Efectivamente, eles são o resultado do sacrifício que vocês estão a fazer para satisfazer as suas mal orientadas ideias mercantilistas. Em si próprias, as exportações não são uma virtude. São um sacrifício — o suor da vossa cara e cérebro, mas aproveitado por outros. As exportações só são necessárias para pagar as importações. Exportem mais do que importem e está-vos a ser negada a completa recompensa do vosso trabalho.

Em vez disso, essas recompensas estão-se acumulando em divisas e reservas de ouro retidas pelo Bundesbank ($35 biliões de dólares) e o Banco do Japão ($18 biliões). Para que é que elas vos servem?

. Nos nossos cinco países, nós compramos mais do que produzimos, e assim temos vindo a fazer há aproximadamente cinco anos. Pelo menos em parte, os vossos excedentes são os nossos défices. Milhares de postos de trabalho nas vossas indústrias de exportação dependem de nós vos continuarmos a comprar. Mas o comércio num só sentido não pode continuar indefinidamente. Por favor importem mais!

. O que aconteceria se nós parássemos de comprar os vossos automóveis, os vossos aparelhos de televisão? Aproximadamente 25 por cento dos vossos postos de trabalho dependem directamente das exportações, que têm livre acesso aos mercados estrangeiros. É exactamente o mesmo que se passa connosco, e aqui, sem dúvida, estamos todos no mesmo barco. As consequências do proteccionismo para todo o mundo ocidental não permitem que se pense nisso?

. Os vossos chefes sustentam que qualquer crescimento mais rápido iria relançar a inflação nos vossos países. Compreendemos bem os vossos receios da inflação — que não nos é estranha. Não pretendemos que os vossos governos desacelerem excessivamente, e ficaríamos satisfeitos com um misto de desaceleração e revalorização cambial que eliminasse os vossos excedentes actuais. Deixem que as vossas taxas de câmbio aumentem — sim, mesmo mais do que já aumentaram. Os vossos preços de importação baixarão e, portanto, vocês poderão comprar mais mercadorias, tanto nacionais como estrangeiras. Uma vez mais, vocês ficariam em melhores condições do que estão actualmente.

Podemos terminar com uma sugestão? Quando tiverem pensado sobre o que nós dissémos, falem com os vossos delegados sindicais, escrevam às vossas direcções sindicais, aos membros do Bandestag ou do Diet, ao Mr Apel e ao sr. Schmidt, ao sr. Boh e ao s. Fakuda. Digam-lhes que as reservas do país são os vossos recursos e que vocês querem gastá-las. Digam-lhes que já estão fartos de desemprego e da sua ameaça. Digam-lhes que não querem pôr em risco o sistema mercantil mundial. Digam-lhes para andarem depressa. Vocês sabem que isto faz sentido!»

. Assim vai o sistema capitalista internacional ao mais alto nível...

Que «monstros» estarão por detrás da situação destas economias, por sinal das mais fortes do mundo capitalista? Quem fala nestes países no fim da democracia e na complacência dos credores? O senhor embaixador terá já ouvido falar da «crise do sistema» ou só faz «relações públicas»?

. Ao que parece é com embaixadores como este (embaixador de quem, junto de quem?) que um país pobre e em crise gasta o seu magro orçamento... Que pena não se terem iniciado as soluções de restrição aos custos diplomáticos de que falava o dr. Medina Carreira! Num Conselho da Europa a cuja Assembleia o mesmo «Economist» chamava no número de 25 de Setembro de 1976 «uma assembleia repousada que ninguém leva muito a sério». Para quando o dinamismo e uma capacidade diplomática realista e útil em vez das estruturas ultrapassadas que os próprios beneficiados criticam, mas não alteram? Para quando os «passos dos embaixadores necessários»? Para quando a reduzida e castrada inteligência portuguesa posta ao serviço da colectividade?...

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E D P
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO DE SETÚBAL
EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 30 de Outubro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA:
Robalo, Monserrate, Charneca da Caparica e Casal, das 07 h. 00 m. às 13 h. 00 m.

CONCELHO DO SEIXAL:
Santa Marta de Corroios, das 07 h. 00 m. às 11 h. 00 m.

CONCELHO DE SETÚBAL:
Pego do Altar, das 08 h. 00 m. às 13 h. 00 m.
Vale da Rosa, das 07 h. 00 m. às 18 h. 00 m.

CONCELHO DE PALMELA:
Vinha da Bicha e Quinta do Anjo das 07 h. 00 m. às 14 horas.

Lisboa, 29 de Outubo de 1977.

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E. P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
Manuel Fernandes Camacho

"Bufo" condenado mas em liberdade

PORTO, 29 — Foi condenado em dois anos de prisão maior pelo Tribunal Militar do Porto, o «bufo» da Pide Fernando Celso da Silva Lemos Ferreira, que, em audiência, se defendeu do libelo acusatório acusando por sua vez aquela sinistra polícia. A pena foi no entanto dada como expiada, em face da prisão preventiva de 18 meses (já cumprida) e do perdão de 180 dias resultante da amnistia, pelo que o réu foi posto em liberdade.

Celso Ferreira «militava» no PCP, tendo sido preso pela Pide entre 1964 e 1965, durante 75 dias. Com medo de ser torturado — como afirmou, descrevendo em pormenor o que era a «estátua» e a privação do sono — fez-se denunciante. Segundo o libelo acusatório ofereceu-se à Pide em 1967 para como ela colaborar, denunciando actividades do PCP de que tinha conhecimento. Em consequência das suas denúncias dois militantes deste partido foram presos em 21 de Abril de 1974.

O «bufo» «Galiza» (assim se chamava na «secreta») chegou a desempenhar papel destacado no meio sindical têxtil. Começou por se vender à Pide por 500 escudos mensais e foi gradualmente aumentado até aos dois mil escudos, consoante o valor dos «serviços». Nos seus contactos com o ex-inspector Sabino e com a chefe de brigada Coelho da Silva dava informações, entregava documentos e «bufava» tanto do que se passava em reuniões de âmbito público como em encontros privados, não se esquecendo de esmiuçar tarefas e moradas.

REUNIÃO DOS MINISTROS DO PODER LOCAL

Acordos com a França vão ser reexaminados

Os acordos de emigração entre Portugal e a França vão ser reexaminados a partir do próximo dia 4 de Novembro através de conversações entre o secretário português da Emigração e dos Negócios Estrangeiros João Lima e o seu homólogo francês.

A notícia foi ontem revelada durante a conferência de Imprensa promovida pelos ministros responsáveis pelo Poder Local, dos países membros do Conselho da Europa, quando o representante francês respondia a uma pergunta sobre a possível contradição entre o plano Barre, fortemente restritivo da emigração, e as decisões adoptadas pelo Conselho da Europa respeitantes àquelas questões.

Marc Becam, secretário de Estado do Interior do Governo de Raymond Barre, garantiu que a França respeitaria os seus compromissos internacionais, pretendendo garantir, para já, a possibilidade de reagrupamento familiar aos emigrantes estrangeiros, dada a situação de crise que a sua economia vive.

No entanto, ainda ontem, a conferência sofreu uma importante baixa, pela apressada partida do ministro do Interior da Holanda, chamado ao seu país logo depois do almoço, para conduzir as operações tendentes a localizar o paradeiro do milionário Caransa, ontem raptado, em Amesterdão.

Durante a conferência de Imprensa, realizada ao fim da tarde no Hotel Altis, onde têm decorrido as reuniões, o ministro Costa Brás, eleito presidente da conferência, sublinhou a importância política e pragmática da mesma, bem como os ensinamentos extremamente úteis que ela proporcionou.

No entanto, estes resultados positivos só hoje serão conhecidos da opinião pública e dos jornalistas que acompanham os trabalhos da conferência, já que ontem pouco se soube.

Os ministros presentes na conferência de Imprensa limitaram-se a afirmações genéricas sobre a importância dos seus trabalhos e a necessidade de garantir, para a efectiva democratização das estruturas sociais, a descentralização administrativa.

O secretário-geral do Conselho da Europa, Kahn-Ackermann garantiu, no entanto, que o Conselho da Europa, que agrupa somente países da Europa Ocidental, tem produzido ao longo dos seus 28 anos da sua existência um trabalho notável de colaboração entre os Estados membros, só que normalmente muito demorado.

A tónica geral das intervenções dos ministros europeus foi no sentido de que existem esforços comuns de reforma da administração regional e local nos Estados, esforços que são convergentes. Nomeadamente, foi referido o facto de se procurar uma divisão regional e local que garanta a participação das populações.

Esta manhã, enquanto os ministros fizeram um circuito turístico por Lisboa e o secretário-geral do CE se avistou com o primeiro-ministro em S. Bento, um grupo de trabalho esteve reunido no Altis para redigir as conclusões, que serão aprovadas em reunião plenária, ao fim da tarde.

MARTIN VILLA

Entretanto, chegou ontem ao princípio da tarde a Lisboa, para participar na reunião «ad hoc» dos ministros europeus responsáveis pelo Poder Local, como observador, o ministro espanhol do Interior Rudolfo Martin Villa.

Em declarações aos jornalistas Martin Villa declarou que o seu país pensa pedir brevemente a adesão ao Conselho da Europa.

Retido no porto de Aveiro um navio de bandeira de conveniência

Por decisão da Federação dos Sindicatos do Mar e com a colaboração activa dos estivadores do porto de Aveiro encontra-se aqui imobilizado desde o dia 17 um navio, com bandeira de conveniência, registado nas Antilhas Holandesas. A bordo do navio há o comandante e o chefe de máquinas de nacionalidade alemã, o imediato polaco e onze marinheiros filipinos. Por pressão dos estivadores do porto, foram interrompidos os trabalhos de descarga.

O navio é gerido por uma empresa alemã com sede em Hamburgo que tem já vários casos em tribunais internacionais por falta de pagamento dos salários aos tripulantes. O último processo levantado à referida empresa aconteceu em Cape Town, o porto que antecede Aveiro. Naquela cidade foram desembarcados os onze filipinos tendo-lhes sido pagos salários inferiores aos estipulados no contrato assinado pela empresa.

Entretanto foi solicitado pela Federação Internacional dos Transportes do Mar aos Sindicatos portugueses relacionados com o assunto que quando o navio fizesse escala no nosso país fossem a bordo constatar quais as condições contratuais em que os trabalhadores se encontravam. Verificou-se então que os tripulantes do navio em causa estavam a receber cerca de 40 por cento dos salários acordados pela Federação Internacional dos Trabalhadores dos Transportes do Mar.

Setenave entrega segunda componente construída em Setúbal

Deixa hoje o estaleiro da Setenave em Setúbal, com direcção à Suécia, a maior componente de casco até hoje construída em Portugal e que será levada para a Escandinávia pelo maior rebocador do mundo o «Smit Roterdam» que se deslocou, directamente, da Holanda para fazer este transporte.

A componente que é a segunda construída nos estaleiros da Setenave, destina-se a um petroleiro de 400 mil toneladas, encomendado aos estaleiros da Eriksberg, de Gotemburgo, por um armador italiano ao qual o navio será entregue em Maio do próximo ano.

CONFERÊNCIA SOBRE SEGURANÇA NO TRABALHO

Promovidas pela CGTP-IN, vão realizar-se diversas conferências seguidas de debate, que serão proferidas por um especialista soviético, que é o responsável por esta matéria nos sindicatos da República Socialista da Ucrânia.

As conferências realizam-se nas seguintes datas e locais:

31 de Outubro – 21 h. – S. João da Madeira – Sindicato dos Sapateiros.
2 de Novembro – 21 h. – Coimbra – INATEL.
3 de Novembro – 18 h. – Portimão – Sindicato dos Pescadores.
4 de Novembro – 21 h. – Lisboa – Sto. Amaro – Refeitório da Carris.

Dada a importância dos temas, a CGTP-IN convida todos os trabalhadores a assistirem e participarem nas conferências.

Lisboa, 28 de Outubro de 1977

O Dep. de Inf. da CGTP-IN

CP — Caminhos de Ferro Portugueses

LANTERNAS, FARÓIS, COFRES, ETC.

Está aberto concurso, até ao dia 2-11-977, para venda dos seguintes artigos usados, concentrados no Armazém Principal de Alcântara (junto à estaçao de Alcântara Terra):

Lote 1 — Cofres
Lote 2 — Aparelhagem de ventilação
Lote 3 — Lanternas de mão
Lote 4 — Lanternas de plataforma de estação
Lote 5 — Faróis de sinalização de agulhas
Lote 6 — Faróis de sinalização
Lote 7 — Faróis diversos
Lote 8 — Sucata de lanternas e faróis

Todas as informações complementares, bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas na Divisão de Abastecimentos, Rua de Santa Apolónia, 65, Lisboa 2, telefones 86 97 60 a 68 extensões 228 e 229, ou no referido Armazém, telefone 63 00 46.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37 e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Salvaterra de Magos, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Eletricidade de Portugal — EDP (ex-HEAA) a que se refere o processo 8/60170, arquivo 18, para o estabelecimento da linha aérea a 30 kv, com 100 metros, do poste n.º 25 da linha para o posto de transformação n.º 574 — Granho Novo, ao posto de transformação n.º 536- Aldeia do Peixe: Linha aérea a 30 kv, com 69 metros, do poste n.º 33 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 537-Malhadinhas: Linha aérea a 30 kv, com 452 metros do poste n.º 5 da linha para o posto de transformação n.º 540-Foro do Lucas, ao posto de transformação n.º 538-Cardal: Linha aérea a 30 kv, com 168 metros, do poste n.º 9 da linha para o posto de transformação n.º 540-Foro do Lucas ao posto de transformação n.º 539-Malhadinhas: Linha aérea a 30 kv, com 1746 metros, do poste n.º 34 da/linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo, ao posto de transformação n.º 540-Foro do Lucas: Linha aérea a 30 kv, com 54 metros, do poste n.º 35 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo, ao posto de transformação n.º 541-Estanqueiro: Linha aérea a 30 kv, com 140 metros, do poste n.º 37 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 542-Estanqueiro: Linha aérea a 30 kv, com 43 metros, do poste n.º 4 da linha para o posto de transformação n.º 549-Lagoa das Eiras ao posto de trandformação n.º 543-Moita Linda: Linha aérea a 30 kv, com 855 metros do poste n.º 7 da linha para o posto de tranformação n.º 549-Lagoa das Eiras ao posto de transformação n.º 544-Moita Linda: Linha aérea a 30 kv, com 150 metros, do poste n.º 9 da linha para o posto de transformação n.º 549-Lagoa das Eiras ao posto de transformação n.º 545-Arneiro de Magos, Linha aérea a 30 kv, com 504 metros, do poste n.º 16 da linha para o posto de tranformação n.º 549-Lagoa das Eiras ao posto de transformação n.º 546-Lagoa das Eiras: Linha aérea a 30 kv, com 299 metros, do poste n.º 16 da linha para o posto de tranformação n.º 549-Lagoa das Eiras ao posto de transformação n.º 547-Lagoa das Eiras: Linha aérea a 30 kv com 166 metros, do poste n.º 19 da linha para o posto de tranformação n.º 549-Lagoa das Eiras ao posto de transformação n.º 548-Lagoa das Eiras: Linha aérea a 30 kv, de 2916 metros, do poste n.º 38 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 549-Lagoa das Eiras: Linha aérea a 30 kv, com 329 metros, do poste n.º 2 da linha para o pósto de transformação n.º 552-Sesmaria de Paredes, ao posto de transformação n.º 550-Estanqueiro: Linha aérea a 30 kv, com 223 metros, do poste n.º 4 da linha para o posto de transformação n.º 552-Sesmaria de Paredes, ao posto de transformação n.º 551-Sesmaria de Paredes: Linha aérea a 30 kv, com 843 metros do poste n.º 5 da linha para o posto de transformação n.º 564-Mexeeiro ao posto de transformação n.º 552-Sesmaria de Paredes: Linha aréa a 30 kv, com 28 metros, do posto n.º 2 da linha para o pósto de transformação n.º 556-Garrocheira ao posto de transformação n.º 553-Lantrisqueira: Linha aérea a 30 kv, com 94 metros, do poste n.º 5 da linha para o posto de transformação n.º 556-Garrocheira ao posto de transformação n.º 554-Lantrisqueira: Linha aérea a 30 kv, com 133 metros, do poste n.º 11 da linha para o posto de transformação n.º 556-Garrocheira ao posto de transformação n.º 555-Santa Maria: Linha aérea a 30 kv, com 2408 metros, do poste n.º 7 da linha para o posto de transformação n.º 564-Mexeeiro ao posto de transformação n.º 556-Garrocheira: Linha aérea a 30 kv, com 38 metros, do poste n.º 2 da linha para o posto de transformação n.º 561-Vale Farelos, ao posto de transformação n.º 557-Mexeeiro: Linha aérea a 30 kv, com 310 metros, do poste n.º 5 da linha para o posto de transformação n.º 561-Vale Farelos ao posto de transformação n.º 558-Lantrisqueira: Linha aérea a 30 kv, com 618 metros, do poste n.º 11 da linha para o posto de transformação n.º 561-Vale Farelos, ao posto de transformação n.º 559-Lantrisqueira: Linha aérea a 30 kv, com 154 metros, do poste n.º 14 da linha para o posto de transformação n.º 561-Vale Farelos ao posto de transformação n.º 560-Lantrisqueira: Linha aérea a 30 kv, com 2488 metros, do poste n.º 13 da linha para o posto de transformação n.º 564-Mexeeiro ao posto de transformação n.º 561-Vale Farelos: Linha aérea a 30 kv, com 25 metros, do poste n.º 1 da linha para o posto de transformação n.º 563-Mexeeiro ao posto de transformação n.º 562-Mexeeiro: Linha aérea a 30 kv com 504 metros, do poste n.º 16 da linha para o posto de transformação n.º 564-Mexeeiro ao posto de transformação n.º 563-Mexeeiro: Linha aérea a 30 kv, com 3514 metros, tendo início no poste n.º 38 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo e terminando no posto de transformação n.º 564-Mexeeiro: Linha aérea a 30 kv, com 91 metros, do poste n.º 60 da linha Marinhais-Salvaterra de Magos ao posto de transformação n.º N.º 565-Cancelas: Linha aérea a 30 kv, com 882 metros, do poste n.º 57 da linha Marinhais-Salvaterra de Magos ao posto de transformação n.º 566-Arneiro da Preta: Linha aérea a 30 kv, com 15 metros, do poste n.º 46 da linha Marinqais-Salvaterra de Magos ao posto de transformação n.º 567-Vale Queimado: Linha aérea a 30 kv com 346 metros, do poste n.º 41 da linha Marinqais-Salvaterra de MAgos ao posto de transformação n.º 568-Vale Queimado: Linha aérea a 30 kv com 309 metros, do poste n.º 45 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 569-California: Linha aérea a 30 kv com 88 metros do poste n.º 49 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 570-California: Linha aérea a 30 kv, com 33 metros, do poste n.º 57 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 571-California: Linha aérea a 30 kv com 23 metros, do poste n.º 65 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 572-Várzea Fresca: Linha aérea a 30 kv com 32 metros, do poste n.º 69 da linha para o posto de transformação n.º 574-Granho Novo ao posto de transformação n.º 573-Várzea Fresca: Linha aérea a 30 kv, com 14 326 metros, do posto de seccionamento n.º 289 de Benavente ao posto de transformação n.º 574-Granho Novo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Outubro de 1977
Pel' o engenheiro chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

AFONSO DE BARROS (MES) AO "DL"

"É preciso lutar por um governo de independência nacional"

«DL» — A primeira questão que colocamos ao Afonso de Barros, dirigente do Movimento de Esquerda Socialista (MES), que entrevistámos a título pessoal é de ordem genérica: quais são, para si, os grandes traços que caracterizam a situação política actual?

. **A. B.** — Há quatro aspectos fundamentais a considerar. O primeiro, preponderante para caracterizar a situação, é a ampla ofensiva da burguesia (no plano político, económico e ideológico), apoiada pelo imperialismo e subordinada aos interesses deste. Penso que em Portugal a burguesia não foi apeada do Poder: sofreu profundos golpes em consequência da ofensiva do movimento popular pós-25 de Abril. A partir do êxito do 25 de Novembro, a burguesia lançou-se num processo de ofensiva mais acelerada, bastante ampla, que tem por objectivo destruir as grandes conquistas populares e refazer o seu poder através da reconversão capitalista da sociedade portuguesa. Nesta ofensiva conduzida com apoio do imperialismo a burguesia enfrenta sérias dificuldades, derivadas das profundas feridas que o avanço do movimento popular causou no seu (dela) poder: importantes sectores da economia estão nas mãos dos trabalhadores (novas unidades de produção na zona da Reforma Agrária, empresas geridas pelos trabalhadores ou intervencionadas) ou foram nacionalizados; no aparelho militar, se subsistem elementos de direita e até fascistas com poder, existem também elementos democratas e patriotas; a Constituição também funciona como uma limitação, no quadro legal, à reconversão capitalista da economia. Nesta situação conflitual a burguesia tem dificuldade em encontrar a sua própria unidade e a capacidade necessária para levar a cabo os seus objectivos centrais. E, se é verdade que o processo de unificação da burguesia está em marcha, em relação com o conjunto de meios de ataque às conquistas populares, isso só tem sido possível devido ao apoio e à subordinação ao imperialismo (americano e oeste-alemão). É na subordinação ao imperialismo que se processa a recuperação capitalista em Portugal.

Outro aspecto fundamental a considerar é a resistência popular. Com o 25 de Novembro, abriu-se uma nova fase na luta de classes, que é claramente de resistência. Se, logo após o 25 de Novembro, as forças populares recuaram de uma forma desorganizada, foi-se assistindo depois a uma crescente reorganização, ao aumento da combatividade popular, ao alargamento do número dos que querem decididamente travar a ofensiva burguesa-imperialista. Isto é particularmente visível no campo sindical, onde se tem vindo a encontrar força crescente para fazer face às tentativas de cisão.

Em terceiro lugar, há que acentuar a profundidade da crise e as suas contradições, que colocam sérios obstáculos no caminho da burguesia e apresentam fortes potencialidades para o desenvolvimento da resistência popular. Na situação que se vive — ofensiva da burguesia e crescente combatividade das massas populares — está-se a dar uma recomposição de forças políticas, por forma declarada ou latente. Assim, o PS não é mais um partido com audiência junto de importantes sectores operários e populares. Torna-se cada vez mais um partido de clientelas, rivalizando com os restantes partidos da burguesia junto dos caciques regionais, dos tecnocratas do aparelho de Estado e dos burocratas sindicais corruptos. No PSD, a crise não é tão visível, mas não deixa de ser potencial, na medida em que importantes sectores da base social deste partido — nomeadmente pequenos agricultores do Norte e Centro do País — estão a experimentar um agravamento progressivo da sua situação, agravamento que se incentivará de passo com a reconversão capitalista. Trata-se de sectores que mais tarde ou mais cedo serão captáveis para uma alternativa popular e revolucionária de resistência à ingerência imperialista, à ameaça fascista e à própria recuperação capitalista. **Esta reconversão de forças políticas significa uma abertura de espaço crescente para organizar e desenvolver a alternativa popular e revolucionária à crise com que se debate o povo português.**

Refiro-me, é claro, ao problema de representação política das camadas intermédias da nossa sociedade.

A NOSSA DEMOCRACIA BURGUESA E AS OUTRAS

«DL» — Quando fala de «democracia» refere-se à chamada «democracia burguesa»?

A.B. — É necessário introduzir aí um elemento dinâmico: refiro-me a uma democracia burguesa em que as liberdades políticas e sindicais são cada vez mais limitadas.

«DL» — Mas, em todo o caso diferente das chamadas «democracias burguesas» ocidentais...

A.B. — Sim, na medida em que a força da burguesia noutros países é muito maior. A burguesia portuguesa está em crise porque não tem encontrado nem encontrará a sua identidade e unidade em torno de um projecto nacional, mas antes na sua subordinação ao imperialismo. No caso da nossa sociedade a recuperação capitalista só poderá ser assegurada através de um autoritarismo crescente, através do agravamento da exploração e da miséria das classes trabalhadoras. Certo é, porém que estamos a funcionar no quadro político de uma democracia burguesa.

Finalmente — quarto ponto a sublinhar — a democracia burguesa vai subsistir em Portugal nos tempos mais próximos, em desfavor de um golpe fascista ou de um regime fascista. Afirmar isto não significa esquecer que a ameaça fascista se perfila inquietantemente no horizonte, pois não estão extirpadas as causas do fascismo: no aparelho militar acoitam-se sectores ultras extremamente agressivos e, a persistir e a desenvolver-se a crise política e económica, pode abrir-se espaço a soluções autoritárias com apoio de massas. Afirmar que a democracia vai subsistir significa que toda a luta que esquece esta realidade utilizará inevitavelmente tácticas incorrectas de acção e estará condenada, mais tarde ou mais cedo, ao fracasso.

A capacidade para lutar correctamente neste quadro exige saber aproveitar o espaço de liberdade existente para organizar a resistência popular a todos os níveis e não abdicar da luta no seio das instituições democrático-burguesas (como é o caso da Assembleia da República), produzindo aí as alternativas revolucionárias em torno das quais se podem mobilizar as mais amplas massas. Em contrapartida, o movimento popular não pode ficar subordinado à luta no seio das instituições democrático-burguesas. Antes, pelo contrário, há que garantir a autonomia do movimento popular face à burguesia, condição indispensável para avançar na organização da resistência popular e acumular forças para relançar a ofensiva do movimento popular.

«DL» — Referiu-se a uma crise no PS e no PSD. Poderia precisar um pouco mais?

A.B. — No PS o problema é relativo a camadas proletárias ou semiproletarizadas, que deixaram de encontrar no PS a sua forma de expressão política. No PSD, a crise diz respeito à representação política dos pequenos agricultores do Norte e do Centro, que pesam muito neste País e que vão ser sacrificadas a todo este projecto de recuperação capitalista de subordinação ao imperialismo. Mas, para estas camadas alterarem a sua posição é necessário que as forças revolucionárias lhes ofereçam a alternativa de poder que vá ao encontro dos mais profundos interesses delas.

Neste momento está em marcha, mais acelerada ou mais lenta, a formação de uma força qualificável de social-democrata, sem nenhuma roupagem marxista, de que é elemento visível a aproximação entre o PS (ou a ala direita do PS) e o PPD, ao mesmo tempo que se abre espaço para organizar amplas camadas operárias e populares em torno de uma alternativa claramente demarcada da social-democracia de qualquer cariz e ao mesmo tempo da linha política do PCP.

PCP, PCF, PCI TÊM ESTRATÉGIA COMUM

«DL» — A propósito, quer referir-se às propostas ultimamente reiteradas pelo PCP?

A.B. — A crítica revolucionária ao PC só é conseguida se não for de circunstância e de pormenor. Tem de ter em consideração os objectivos estratégicos do PC, ou seja: o modelo de sociedade para que aponta, de que há exemplos na Europa Oriental, por um lado. E tem de ter em conta a incapacidade de este partido conduzir o movimento popular à vitória. Todavia, e isto é muito importante, resulta esquerdista, irresponsável e infantil toda a crítica ou combate ao PCP que não revista um carácter positivo, ou seja, que não assente na luta por alternativas políticas globais e concretas. Daqui deriva que me preocupa mais discutir tais alternativas do que deter-me na crítica às posições ou ás propostas do PCP.

De qualquer modo, quanto ao governo de plataforma, penso que se trata de uma proposta totalmente irrealizável no momento presente e penso que o PCP bem o sabe. A estratégia da burguesia não aceita a presença do PC em qualquer governo, nem sequer aceita negociar com o PC a formação do Governo. Estará interessada, sim, em manter contactos com o PC no sentido de negociar o pacto social. Sendo uma proposta irrealizável, por que a fez o PCP? Porque essa proposta — ao contrário do que aparenta não se situa no terreno da táctica mas da estratégia global dos partidos comunistas, estratégia que reveste carácter mundial e a que o PC não foge, antes a adapta à rea-

lidade portuguesa. Tem essa estratégia como traço fundamental (bem patente aliás, em todas as negociações de carácter internacional — Helsinquia, Belgrado — e nas actuações do PCF, do PCE e do PCI) a realização de compromissos com as forças da burguesia, sejam de direito ou sejam sociais-democráticas, como forma de enfrentar a crise das sociedades capitalistas sem pôr em causa o sistema capitalista.

«DL» — Considera então que o PCP tem uma estratégia semelhante à do PCF, do PCE e do PCI?

. **A.B.** — Ao nível estratégico não existem, efectivamente, diferenças sensíveis entre estes partidos. Ao nível táctico é que haverá diferenças: PCF, PCE e PCI têm tácticas realizáveis em prazo relativamente curto, enquanto a do PCP só num prazo mais longo pode vir a concretizar-se. Num prazo razoável poderá mesmo desembocar num conpromisso ao nível de governo. Mas não já.

«DL» — As situações nos países também são diferentes: a estrutura da sociedade em Portugal é diferente da que encontramos em França ou em Itália...

A.B. — As características originais da sociedade portuguesa, resultantes das conquistas populares tornam impossível um compromisso a nível de Governo entre o PCP e os partidos da burguesia, porque de facto a burguesia não quer aceitar o «statu quo» e, para salvaguardar os seus interesses, procura por todos os meios destruir as grandes conquistas populares. Lá, a burguesia está disposta a negociar. Em Portugal só o estará numa fase mais avançada.

«DL» — ... de recuperação da burguesia?

. **A.B.** — Certamente. O comportamento a nível de governo só será possível quando a burguesia já tiver dado novos passos em frente e o PC aceite abrandar sensivelmente as suas posições — aceite mesmo, por exemplo a revisão da própria Constituição.

Voltando à plataforma proposta pelo PCP, creio que ela encerra grandes perigos, na medida em que cria junto das massas a ilusão de existir uma saída para a crise ao nível das instituições democráticas burguesas e, por consequência, pode levar — e levará, decerto, se não for correctamente combatida — ao abrandamento da combatividade popular, à incapacidade de as classes trabalhadoras resistirem ao avanço das forças burguesas. Sendo assim, esta proposta não constitui solução alguma: não detém a ofensiva burguesa e enfraquece a combatividade popular. Mas, se fosse realizável, pior seria. Na verdade, que forças integrariam esse governo ou o apoiariam? Só o PS e o PC? Não, certamente: essa seria a solução «maioria de esquerda», já claramente derrotada. O PS, o PPD e o PC? Certamente também não: essa seria a «maioria constitucional» (forças que aprovaram a Constituição) também já claramente derrotada. Então, qual o significado desta nova proposta? Não pode ser outro senão abrir a um **compromisso** com o próprio CDS. Mas um governo assente numa coligação entre estes quatro partidos ou por eles apoiado seria um verdadeiro desastre. Basta recordar que seria um governo pior do que qualquer dos governos de coligação e numa situação bem pior do que aquela que se vivia na altura, ou seja, numa situação de muito maior gravidade da crise económica, em que a ofensiva popular está paralisada e em que a relação de forças no seio das FA, é bastante diferente.

«DL» — E quanto à alternativa eleições?

. **A.B.** — A realização de eleições antecipadas é uma hipótese que se poderá vir a concretizar. Esta hipótese acha-se, aliás, claramente contida no último discurso do Presidente da República e é tentadora para um conjunto de forças. Para as forças da direita porque viria a significar um avanço no fecho de soluções no terreno da democracia e abrir a soluções golpistas. É significativo o interesse manifestado pelo CDS em eleições já em 1978. Para o PS porque pensa poder sair dessas eleições mantendo o estatuto de partido mais votado, embora com diminuição de votos. Para o PCP porque dá como certo vir a registar aumento, mesmo que não muito alargado, de votação.

Penso, todavia, que os resultados nunca seriam de molde a consagrar uma recomposição das forças políticas, alargada, que significasse um deslocamento da correlação actualmente existente. Não sendo de excluir esta hipótese, penso que todas as forças políticas responsáveis devem preparar-se seriamente para intervir nesse terreno. Concretamente, penso que as forças revolucionárias têm de saber encontrar as plataformas necessárias para assegurar uma significativa votação e uma significativa presença nas instituições democráticas burguesas. Não posso deixar passar sem reparo o facto de o PC não apresentar novas propostas para orientação e organização da luta de resistência nos vários sectores, centrando as suas principais propostas no terreno democrático-burguês.

«DL» — Qual é, portanto, a alternativa que, a seu ver, responderá à presente situação?

. **A.B.** — Só existirá uma saída para a crise se houver capacidade para construir e desenvolver uma alternativa popular e revolucionária claramente demarcada quer das forças burguesas, sejam elas quais forem, quer de todas as posições que se caracterizam por aceitar a realização de compromissos com a burguesia. Essa alternativa assenta na capacidade de **organizar a resistência popular à ameaça fascista, à ingerência imperialista e à recuperação capitalista**. Só encontrando capacidade para avançar propostas concretas, em cada terreno de luta — desde a Reforma Agrária à desintervenção nas empresas, desde a defesa dos interesses dos pequenos agricultores até à defesa da situação cada vez mais grave em que se encontram os trabalhadores proletarizados dos serviços, sem esquecer a luta na frente cultural e nas escolas e muito principalmente no terreno do movimento sindical, organizando a luta contra a sua cisão, e nas Forças Armadas, organizando a luta contra o fascismo que nelas tenta recrudescer. Se isto não se inscrever numa alternativa táctica global não haverá capacidade para transformar as lutas dispersas e sectoriais numa luta global contra a ofensiva burguesa, que abra condições para desencadear nova ofensiva do movimento popular. Para encontrar essa alternativa global é necessário ter em conta que o traço fundamental da actual situação é a reconversão capitalista, de acordo com os interesses do imperialismo, na submissão a este e cada vez mais sob as suas ordens directas, quer emanadas de instâncias internacionais (FMI e Banco Mundial) quer vindas directamente do Governo norte-americano e oeste-alemão. Ora, esta reconversão irá afectar pesadamente, em primeiro lugar, os sectores produtivos da nossa sociedade, ou seja, a classe operária, o proletariado rural e os pequenos e médios agricultores, mas não deixará de ter pesados custos para outras camadas do nosso povo e até para sectores da média burguesia. Daqui deriva que a resistência popular terá de ser conduzida colocando no seu centro o combate à submissão ao imperialismo e à ingerência deste. Tal é a única via de trazer para a luta todas as camadas e classes sociais afectadas de uma forma ou de outra por este processo de reconversão capitalista. Não havendo qualquer solução para os interesses destes amplos sectores sociais no actual quadro da sociedade portuguesa, coloca-se como exigência fundamental apontar às massas ganizar a resistência popular activa, sob a bandeira de luta **por um governo de independência nacional**, é necessário que os revolucionários saibam encon- ampla audiência não só junto de todas as camadas exploradas e oprimidas do nosso povo como perante todos os sectores e elementos patrióticos e democráticos, sectores esses que, designadamente, conservam forte peso nas Forças Armadas. Este governo não pode resultar de negociações ou compromissos com as forças da burguesia, antes terá de ser imposto pela força do movimento popular no momento em que a crise de poder da burguesia tenha atingido o ponto em que as próprias instituições destas classes se revelem claramente incapazes e se encontrem desacreditadas. Para organizar a resistência activa, sob a bandeira de luta **por um governo de independência nacional**, é necessário que os revolucionários saibam encontrar e propor às massas uma plataforma de resistência que permita conduzir o combate contra o renascimento do fascismo nas FA, contra o novo autoritarismo burguês na nossa sociedade, contra o pacto social de miséria, contra a cisão no movimento sindical — pela defesa das grandes conquistas de Abril.

Para tanto, penso que os revolucionários têm como dever **prosseguir na via aberta pela candidatura do general Otelo à Presidência da República, na via da mais ampla unidade popular, mobilizando todos os revolucionários e as mais vastas camadas do povo**. Penso que ao debate sobre estas questões vão ser dados sérios contributos pelos congressos do MES e da UDP que se realizarão proximamente.

PELA PRIMEIRA VEZ

Reuniu o conselho geral da TAP

Sob a presidência do ministro dos Transportes, Rui Vilar, reuniu ontem, pela primeira vez, apesar de criado em Junho de 1976, o Conselho Geral da TAP, que principiou pela eleição do vice-presidente e do secretário-geral, cargos que, após o escrutínio, se verificou terem recaído no dr. Artur Santos Silva, representante do Ministério das Finanças e Manuel José de Jesus Amaro, representante dos trabalhadores da empresa.

Os trabalhos decorreram durante toda a manhã e foram suspensos devido à necessidade de consultar novos elementos sobre o plano de actividade e orçamento para 1978. Deste modo, nada se adiantou nesta primeira reunião (pelo menos nada transpirou) no tocante a outro ponto em agenda: «a conveniência em se proceder à reestruturação da TAP, nomeadamente com vista a adequá-la à sua natureza de entidade que tem a seu cargo, em regime exclusivo, a exploração de um serviço público de relevante interesse nacional».

ACÓRDO SALARIAL PARCELAR

A Comissão Sindical e representantes da administração da TAP chegaram a um acordo global quanto ao aumento salarial do pessoal de terra da companhia, faltando agora discutir os retroactivos. Elementos da comissão sindical mostraram-se, por outro lado, optimistas quanto à possibilidade de um novo acerto do horário de trabalho, antes de os novos salários entrarem em vigor. O pessoal navegante continua afastado destas negociações.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Comissão de Trabalho estuda Lei da Autogestão

A lei das empresas em autogestão deverá ser discutida e votada no plenário da Assembleia da República antes da lei sindical, de acordo com uma decisão tomada anteontem pela Comissão Parlamentar de Trabalho.

A comissão estabeleceu um prazo máximo de mês e meio para o envio ao plenário do parecer sobre a primeira destas leis e decidiu prosseguir aceleradamente o debate em subcomissão dos projectos da lei sindical.

Durante a discussão deste ponto, socialistas e comunistas defenderam esta prioridade, enquanto sociais-democratas e centristas manifestaram o desejo de ver subir a plenário, em primeiro lugar, a lei das associações sindicais, que consideraram apresentar menores dificuldades técnicas.

A argumentação do PSD e do CDS baseava-se na insuficiência do prazo inicialmente previsto para a emissão do parecer sobre as empresas autogestionadas e que era de um mês, mas o diferendo acabou por ser resolvido com a dilatação deste prazo.

Na primeira parte da reunião, os deputados ouviram o presidente da Associação Industrial Portuense (AIP), Almeida e Sousa, que falou sobre as empresas em autogestão.

Respondendo a perguntas formuladas pelos diversos grupos, Almeida e Sousa admitiu que se verificara «o abandono de algumas empresas por parte das entidades patronais» e disse que estas se viram face a «uma situação nova, criada pelo 25 de Abril».

«Durante 40 anos» — sublinhou — «não tivemos nada de semelhante, nem sequer um prenúncio.»

Foram também convocadas a Confederação do Comércio e a CIP, que não compareceram, alegando que tinham sido avisadas com pouca antecedência. Os dirigentes da CIP adiantaram que necessitavam de um certo tempo para se prepararem sobre a matéria.

A presença desta última organização nos encontros que a comissão está a efectuar fora contestada pelos deputados comunistas, que não a consideraram representativa do sector cuja gestão passou dos patrões para os trabalhadores.

N 77

VISITE

O SALÃO DO MOBILIÁRIO E DECORAÇÃO NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

intercasa

O CONFORTO DO LAR NUM SALÃO DA FIL

21/30 OUTUBRO

HORÁRIO:
PÚBLICO - DIAS ÚTEIS 20/23H.-SAB.E DOM. 15/23H. PROFISSIONAIS - DIAS 24 A 29 - 16/20H.

27 DE OUTUBRO A 2 DE NOVEMBRO
PEDITÓRIO NACIONAL DA LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO

Contribua! A Liga Portuguesa Contra o Cancro é uma obra inteiramente dependente de si.

KILOM

SOCIEDADE AGRÍCOLA PEC. QUINTA DOS LOMBOS, S.A.R.L.

Informamos os nossos estimados clientes, que a partir do passado dia 1 de Outubro, a firma **APROGEL—Produtos Congelados, Ld.ª** passou a distribuir em exclusivo na Beira Baixa, os nossos produtos (peru inteiro, bifes, coxas, roti, hamburges, guisado, miudos e asas de peru).

APROGEL

PRODUTOS CONGELADOS, LDA.

Informamos os nossos estimados clientes, que a partir do passado dia 1 de Outubro, passámos a distribuir, em exclusivo na Beira Baixa, os produtos da **KILOM** (peru inteiro, bifes, coxas, roti, hamburges, guisado, miudos e asas de peru).

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 29-27—Telef 57 40 73
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do n.º 1 — alínea b) do Artigo 34.º e do n.º 1 do Artigo 35.º dos Estatutos e no cumprimento da alínea f) do Capítulo VI do Programa de Acção dos actuais Corpos Gerentes, convoco a Assembleia Geral para reunir extraordinariamente **no dia 3 de Novembro, quinta-feira pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos**, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto 1: Apreciação e deliberação do Orçamento Extraordinário para o 2.º Semestre do corrente ano.
Ponto 2: Informações
a) Despedimentos
b) Quotização
c) Contratação
d) Diversos

OBSERVAÇÕES:

1. De acordo com o Artigo 36.º dos Estatutos a reunião terá início à hora marcada com a presença de qualquer número de sócios.
2. **No sentido de facilitar a maior participação possível é permitido o ingresso de acompanhantes de associados que poderão assistir aos trabalhos em local para eles reservado.**
3. Por regulamentação própria do Pavilhão dos Desportos terá este de encerrar às 24 horas pelo que se chama a atenção dos associados para não deixarem de estar presentes à hora marcada.
4. Recorda-se que é Direito dos sócios «participar na vida do Sindicato, nomeadamente nas reuniões das Assembleias Gerais, requerendo apresentando, discutindo, e votando moções e propostas que entender convenientes». (Art. 13.º alínea b) dos Estatutos).
5. Encontra-se à disposição dos sócios na Sede do Sindicato e no Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio, Rossio, 113, o Projecto de Orçamento Extraordinário. Entretanto, será enviado por correio para todos os sócios.
6. **Os sócios deverão munir-se do seu cartão de sócio ou de outro cartão de identificação para o ingresso na sala.**

Lisboa, 13 de Outubro de 1977

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

José Manuel Barros

Pub

SINDICATO LIVRE DO NORTE DOS TRABALHADORES DE ARMAZÉM

ASSALTADO MILITANTE SINDICAL

Na madrugada do dia 25 de Outubro foi assaltado o carro do nosso funcionário sindical, **Armando Cordeiro Libório**, responsável pela delegação em Sangalhos, que dentro de dias comemora o seu primeiro aniversário, com uma série de realizações de unidade dos trabalhadores.

A reacção e o patronato da região mostraram a sua verdadeira face.

Mas se o patronato reaccionário actua por meios terroristas, temos a certeza de trilhar o caminho certo na defesa do movimento sindical e dos interesses dos trabalhadores.

Continuaremos, mesmo apesar do terrorismo a actividade sindical, constitucionalmente consagrada, até à emancipação dos trabalhadores.

CONTRA O PATRONATO REACCIONÁRIO DO SANGALHOS
ORGANIZAÇÃO E UNIDADE SINDICAL

A direcção

As lesões sofridas num acidente podem provocar perda de sentidos.
Usando o cinto de segurança mantém-se consciente e pode agir.
circular é viver.

A homenagem a Ramiro Correia

Continuação da pág. 1

«Com os erros e as virtudes que a sua prática tenha encerrado, a Reforma das Mentalidades não era uma ideia nova ou estranha, ao povo português. Já António Sérgio ressaltava a sua urgência como ponto de partido para as mutações que a sociedade portuguesa teria que sofrer para ser digna dos desafios do presente e das realidades do futuro.

«Ramiro Correia teve a capacidade suficiente para receber o testemunho que era uma ideia e passá-lo ao futuro como uma prática.

«Ele tinha consciência de que muitas dezenas de anos de obscurantismo e de cega aceitação, da ordem arbitrariamente estabelecida, por parte de um povo manietado por grilhões reais e fictícios, tornariam bem difícil a arrancada para a libertação intelectual, mesmo depois de quebradas muitas das cadeias materiais que o prendiam.

«Todavia, devotou-se a essa tarefa.

«Levar a Revolução ao povo, concretizar na prática quotidiana, uma aliança tácita e para a qual a lógica da Revolução apontava, tal era a missão gigantesca que se propôs, com a tenacidade e entusiasmo que colocou em tudo o que fez.

«Constituiria tremenda injustiça considerar Ramiro Correia o mero autor de um projecto ambicioso. Ele soube arrastar intelectuais, artistas e camaradas de armas para a sua concretização. Soube fazer do seu entusiasmo uma fecunda característica contagiante de esforços e vontades multiplicadas. Soube estender por quase todo o País uma cadeia de esperança, quebrando fronteiras artificiais que muitos julgariam intransponíveis.

«Acima de tudo, lançou um corajoso, digno e confiante desafio ao Povo Português: o da conquista da liberdade pela sua própria prática local e quotidiana.

«Ramiro Correia tinha uma concepção do Povo que se limitava a um corolário do que para si, como médico, era a dimensão do Homem. E agia como tal.

«Em Moçambique, deu uma vez mais corpo à sua extrema disponibilidade para servir à libertação e o engrandecimento de um Povo. Como soube ultrapassar e fazer ultrapassar fronteiras sociais e culturais, teve também ânimo para abater fronteiras naturais.

«Ramiro Correia viveu plenamente a vida. Por muito que lamentemos o seu desaparecimento prematuro, dele não poderá dizer-se que viveu pouco.

«Algo ficou dessa sua lição que foi também uma imensa aprendizagem. Muito mais ainda do que o exemplo de um homem da Revolução. O Povo Português saberá dar continuidade a uma obra que desde logo transcedeu quem a lançou.

«Sabê-lo-emos todos. Essa a melhor homenagem, o maior preito de gratidão, a mais justa forma de dizermos que não esquecemos o nosso camarada Ramiro Correia.

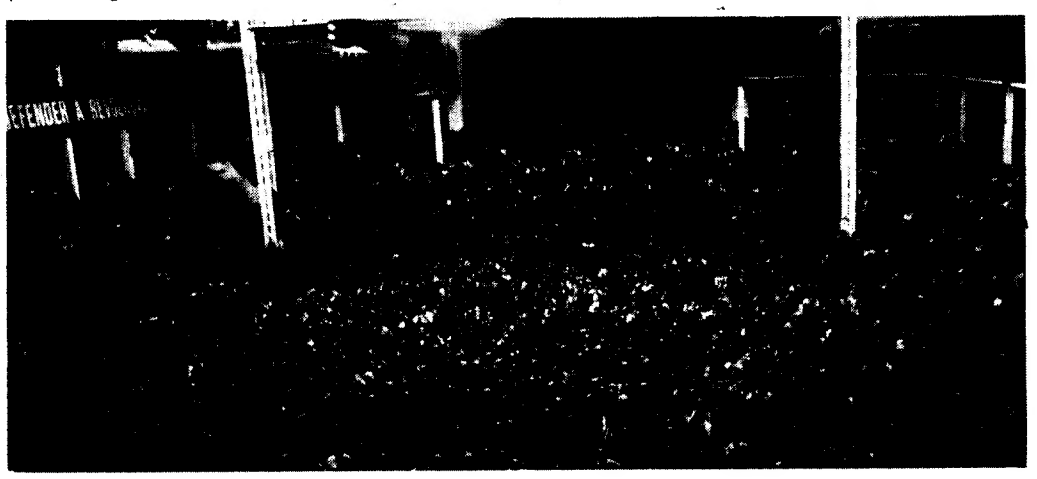
«Com a sua perda ficamos mais pobres. Com a nossa vontade, teremos que ajudar a preencher o lugar que deixou vazio.

«Viva a Revolução de 25 de Abril!

«Viva Portugal!»

Mais uma vez o povo de Lisboa disse «presente!» ao nome de Ramiro Correia, ontem à noite, no Pavilhão dos Desportos, numa das maiores manifestações unitárias, tendendo para o Socialismo consignado na Constituição, até à data realizada naquele recinto. Milhares de pessoas novamente se encontraram lado a lado — e outros milhares de pessoas, impossibilitadas de entrar, ficaram cá fora, ouvindo através de altifalantes o que dentro se ia dizendo e acontecendo. O «25 de Abril de 74», prestando homenagem a um morto, estava ali vivo mais uma vez. Ramiro (e já uma vez aqui o dissemos) proporcionava um acto de dinamização cultural de invulgar significado. Foi uma noite que ficará na história do «Movimento dos Capitães».

Para se avaliar da multidão que confluiu para o Pavilhão, não nos escusamos de contar aqui o grito que, a certa altura, se fez ouvir das portas do recinto para o centro: «Cheguem-se para a frente! Cheguem-se para a frente!» O pedido impunha-se: havia sempre gente a querer entrar, a querer participar: e as pessoas foram-se aproximando do palco, as cadeiras levadas para a frente, cadeiras onde se sentavam nomes grandes de Abril, como, por exemplo, Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Martins Guerreiro (CR), Rosa Coutinho... Foi, pois, numa enorme aglomeração amistosa que decorreu a homenagem ao tenente-médico Ramiro Correia.



O Pavilhão dos Desportos ontem à noite

Costa Gomes, num discurso de grande lucidez, afirmou em determinado momento que «Ramiro Correia soube sempre que viver não era apenas ser-se vivo». João de Freitas Branco, em parágrafos que, por assim dizer, simbolizavam os degraus da consciência política assumida por Ramiro Correia, levantou, como Costa Gomes, todos os presentes: «MFA! MFA!» era o brado de milhares e milhares de pessoas que nunca esqueceram aquela madrugada em que, depois de cinquenta anos de fascismo, se entoou em todo o País uma vontade que actos eleitorais sucessivos ratificou: «O povo é quem mais ordena...» Repetimos: o discurso de Costa Gomes foi uma defesa de todos os sentimentos construtivos do povo português, e o de Feitas Branco colocou Ramiro Correia no internacionalismo que precisamente torna mais forte esse desejo de construção.

Acentuando o papel de Ramiro no processo revolucionário português. disse Freitas Branco:

«O pensamento e a acção de Ramiro Correia ficarão não só na história da Revolução de Abril como na história da cultura em Portugal. (...) Esse pensamento e essa acção amtêm-se actuais num País cuja Constituição aponta para o Socialismo».

Mas foi Costa Gomes que transformou todo o Pavilhão num brado de adesão ao MFA quando, emocionado, afirmou:

«A riqueza da sua formação humana, cultural e técnica impunha-se ao respeito de quantos com ele contactavam. Era bem a antítese do desespero e do abandono. E dele não poderá dizer-se que viveu pouco.»

Presente, também, o embaixador da República Popular de Moçambique, Armando Panguene, demoradamente aplaudido.

«Ouis o seu destino de marinheiro que fosse no mar desse país distante e fraterno que morresse o seu corpo. Mas o seu espírito, o seu exemplo, a sua obra continuarão a iluminar as noites do nosso desencanto. Ainda que mais pobres, saberemos ir buscar a este nosso companheiro a inspiração para prosseguirmos no nosso ideal», afirmaram os organizadores da homenagem (uma comissão nacional constituída por individualidades civis e militares).

Depois de Costa Gomes e de João de Freitas Branco, surgiu a voz de Ramiro Correia através dos seus poemas, ditos por Fernanda Lapa e Mário Viegas. Actuaram também, evocando Ramiro, Isabel Matos Rosa, o Quarteto de Lisboa (onde se incluía Ana Bela Chaves), o maestro Jorge Peixinho e o Coro da Academia dos Amadores de Música. Quando, por fim, todos os antifascistas se retiraram, certamente que cada um levava dentro de si estas palavras de Costa Gomes: «Ramiro era a antítese do desespero e do abandono.»

EM S. BENTO

Patrões e Governo entendem-se

Foram considerados «extremamente importantes» e motivo para «profunda meditação» os esclarecimentos que o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, deu aos representantes das Associações Industrial Portuguesa, Portuense e do Comércio de Lisboa e do Porto, no decorrer de uma reunião ontem efectuada em S. Bento, que teve a duração de cerca de duas horas e meia.

No final, o eng. Sousa Gomes, representante da Associação Industrial Portuense declarou que a indústria privada «está à inteira disposição do País para fazer todo o esforço que for necessário para cumprirmos o nosso dever».

O diálogo foi considerado válido pelas associações patronais que afirmaram que «sem elas não se conseguirá um futuro tanto mais que a iniciativa privada tem uma palavra a dizer e o Governo está disposto a ouvi-la».

Segundo os participantes na reunião, Mário Soares terá advertido de que «vamos viver um ano de 1978 difícil, apenas as empresas que estão válidas e sólidas terão, provavelmente, possibilidade de sobreviver, e que, sobretudo, temos de nos virar para a exportação, teremos que tornar cada vez mais sólidas as nossas estruturas, de maneira a podermos continuar com este País independente».

Entretanto, o representante da Associação Industrial Portuguesa, declarou que «vai haver um certo crescimento no desemprego» mas que na sua opinião «é fatal que não exista».

Por sua vez, Almeida e Sousa, da Associação Industrial Portuense referiu o prazer e tranquilidade que tinha sido para todos ouvir o Primeiro-Ministro dizer que «todos os receios que têm havido de transferência para Lisboa das sedes dos bancos do Porto não passam, pelo menos, de uma irrealidade para já».

Plenário da FEPU em Évora

Com a participação dos candidatos propostos e eleitos das listas da FEPU concorrentes às eleições para as autarquias realiza-se esta noite em Évora, um plenário daquela organização.

Nessa reunião será feito o balanço das actividades ultimamente desenvolvidas e prestadas informações sobre outras iniciativas nomeadamente a campanha de alfabetização que se desenrolará sobretudo nas freguesias rurais e ainda a próxima publicação do primeiro número de um boletim mensal.

Encontro do MDP em Setúbal

Reúne amanhã, pelas 15 horas, na sede distrital de Setúbal o Encontro Distrital da Organização do MDP/CDE com a seguinte ordem de trabalhos: informação sobre a situação política e perspectiva de trabalho segundo balanço de actividades e formas de organização distrital.

Encontro Nacional de material eléctrico

Está a decorrer no Instituto Superior Técnico o Encontro Nacional dos Trabalhadores do sector de fabricantes de material eléctrico e electrónico com a participação de delegados sindicais e elementos das comissões de trabalhadores das empresas do sector, de todo o País.

Demonstrar à opinião pública e ao Governo que é possível poupar alguns milhões de divisas e criar milhares de postos de trabalho se o sector for reconvertido e estabelecida uma nova política de importações e exportações é o objectivo fundamental dos trabalhos que decorrem de acordo com os seguintes temas: a luta dos trabalhadores do sector; a caracterização do sector e vias de reestruturação; organização sindical e caderno reivindicativo.

Estes temas para discussão foram largamente debatidos em plenários de empresa e regionais, durante as duas últimas semanas.

O Encontro, a que podem assistir todos os trabalhadores que o desejarem, foi promovido por uma comissão organizadora composta por representantes de 15 Sindicatos e duas Federações.

Delegada sindical condenada a pena suspensa

Foi ontem à tarde julgada e condenada a 60 dias de prisão, remíveis a dinheiro, a delegada sindical do sector têxtil, Beatriz Augusto, detida de manhã pela PSP nas instalações da empresa onde trabalha, a Eicorte. A execução da pena foi suspensa por dois meses.

Beatriz Augusto foi detida quando tentava esclarecer uma ex-trabalhadora da empresa sobre as razões por que não devia executar as tarefas que o patrão lhe encomendara e, em vez disso, solidarizar-se com os outros trabalhadores em greve.

Os trabalhadores da Eicorte estão paralisados desde Setembro por o patrão não ter pago os salários de Agosto. Recentemente e violando a Lei do Direito à Greve, o patrão tentou substituir os trabalhadores grevistas por contratados a prazo que entretanto terminaram os contratos.

PASSAPORTES
OBTENHA CÒMODAMENTE O SEU PASSAPORTE DE TURISMO NA
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. da Liberdade 233 - LISBOA 2 - Tel. 538121

ELEIÇÕES NOS ESCRITÓRIOS
Mesa da AG fiel a 26 de Janeiro

A mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhos de Escritório decidiu manter as eleições sindicais para 26 de Janeiro próximo, segundo informação colhida pela ANOP.

Esta deliberação contraria a vontade expressa pela assembleia geral daquele sindicato, reunida extraordinariamente anteontem, da qual saiu uma proposta no sentido de as eleições se efectuarem no dia 15 de Dezembro ou, quando muito, até 8 de Janeiro próximo.

A recomendação foi feita pela assembleia geral com base nos estatutos, segundo os quais as eleições devem efectuar-se até ao dia 15 de Dezembro do ano em que termine o mandato dos corpos gerentes. Os actuais dirigentes do Sindicato dos Escritórios de Lisboa foram eleitos em 8 de Janeiro de 76, daí a razão porque a AG cedeu no adiamento até 8 de Janeiro próximo.

Por seu turno, a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa é criticado pela mesa da assembleia geral de trabalhadores da Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, pelo boicote efectivo que os dirigentes sindicais têm feito à luta destes trabalhadores pelo contrato colectivo de trabalho.

Em proposta aprovada por maioria (com apenas uma abstenção) aquele órgão representantivo dos trabalhadores aprovou uma proposta em que, considerando a posição de boicote da direcção sindical, a sua não comparência na concentração do passado dia 17 e nos debates sobre a contratação e ainda a tentativa de desmobilização da concentração em frente ao MAS, efectuado pelo representante do Sindicato na CA da Caixa dos Serviços, repudia a atitude da actual Direcção dos Escritórios de Lisboa, responsabilizando-a pelos prejuízos que ela faça recair sobre os trabalhadores da Previdência e ANS e exige um plenário do sector para que a direcção sindical explique todas as suas atitudes em relação à contratação da Previdência.

Ourives do Norte aguardam PRT

Dirigentes do Sindicato de Ourives e Relojoeiros do Norte deram ontem uma conferência de Imprensa com o objectivo de denunciar que, incompreensivelmente, continua por publicar a portaria com as novas tabelas salariais do sector, concluída em Junho pela Comissão Técnica. Do facto foi responsabilizado o MT, tendo os dirigentes sublinhado os magros salários que actualmente auferem — 4350$00 para a grande maioria — apesar do aumento constante do custo de vida.

Realce-se que esta profissão é das mais mal pagas no nosso País, apesar do grau de especialização que exige dos trabalhadores.

Na próxima segunda-feira, a classe reúne, em plenário, na sede do Sindicato dos Profissionais de Técnicos de Vendas para tomar medidas contra os «paliativos» do MT.

BOUTIQUE
big-ben
aberta na hora do almoço
pré-mamã e jovens
R. DO CARMO 51 - 5º C
TEL. 367200 LISBOA

Em CASTANHEIRA DO RIBATEJO, o DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no CAFÉ RESTAURANTE O FONTÃO» de Jose Marques dos Santos.

FACAR
MT (Porto) promete intervir

Uma delegação de representantes dos vários Sindicatos intervenientes na empresa monopolista Facar e da União dos Sindicatos do Porto esteve ontem no MT (Porto), participando todas as ilegalidades que têm vindo a ser praticadas naquela empresa, desde o regresso dos Carvalhos.

Com efeito foram apontadas a suspensão arbitrária do dr. Manuel Sarmento, a proibição do plenário, o desconto, nos salários, das horas em que os trabalhadores mais activos estiveram, anteontem, reunidos ao abrigo da lei sindical, a retirada da sala aos delegados sindicais e o clima geral de intimidação que vigora na empresa.

O MT foi também alertado para o anúncio da subida dos preços dos produtos, medida especulativa que, como é, óbvio, irá onerar os produtos de outros sectores, designadamente a construção civil, actividade mais dependente da Facar. Recorda-se que durante a intervenção estatal, a comissão administrativa só aumentou os preços de venda uma vez, já no fim do seu mandato, devido à desvalorização do escudo.

Os sindicalistas alertaram também o MT para as promessas de aumentos salariais que envolverão aumentos de encargos da ordem dos 30.000 contos, medida incompreensível e pouco clara, sobretudo porque ainda há poucos dias os irmãos Carvalhos diziam que a fábrica estava «em ruína». Os aumentos prometidos vão de 1.500$00 a 2.500$00 e, de acordo com a opinião dos Sindicatos, constituem mais uma manobra dos Carvalhos para melhor explorar daqui a algum tempo.

Após a exposição feita pelos sindicalistas, o dr. Lourdes Nunes, do MT, afirmou que aquele Ministério iria estudar o assunto e que depois tomaria as medidas que entendesse necessárias. Frise-se que já há alguns dias, o MT fora alertado para as irregularidades que se estavam a passar na Facar, sem que qualquer medida tivesse sido tomada até aqui.

Você sabe que a
GRANDE LISBOA
TEM DUAS COROAS?*

Sim. Duas coroas altamente vantajosas para si.
Você precisa de conhecê-las, porque precisa
de andar nos transportes públicos. São as zonas dos **passes sociais.**

são portanto duas coroas

Se você observar os mapas afixados em todas as estações
da Carris, Metro, Rodoviária Nacional, C.P. e Transtejo,
percebe logo qual o **passe social** que lhe convém.

nestas duas coroas

Com o seu **passe social** (um cartão individual e um selo mensal)
você pode transportar-se para o seu trabalho
e também visitar a família e os amigos.
TODOS OS DIAS, QUANTAS VEZES QUISER, A QUALQUER HORA, DURANTE
UM MÊS, EM TODOS OS TRANSPORTES ABRANGIDOS PELO SELO

passe social

O seu direito ao transporte público.
E a sua independência em relação aos transportes públicos.
Você anda neles como se fossem o seu carro próprio
(**mas só** paga o selo uma vez por mês).

*... e vai ter mais!

CARRIS CP METRO
MTC-DGTT

Manuel de Lima: "um homem barbaramente"

"Puseram in-fólios nas barricadas..."

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Tenho dificuldade em falar de Manuel de Lima num artigo de jornal. Interfere com a «distanciação» requerida a recordação da nossa amizade profunda e sincera, da nossa convivência quotidiana, da nossa solidariedade na crítica musical. Manuel de Lima foi, na verdade, um grande amigo, daqueles que têm uma presença envolvente e insubtituível. É com esta perspectiva que devem ser entendidos os breves apontamentos que deixo aqui registados — tributo de fidelidade a uma admiração antiga — no dia em que se completa um ano sobre a sua morte.

Refiro-me ao crítico musical. Conheci-o, primeiro, nas páginas do «Letras e Artes», onde, se não inaugurou, pelo menos desenvolveu uma dimensão nova da crítica de música como crítica de cultura, como desmontagem, por vezes, de uma acutilância impiedosa, da teia de mentalidades, cumplicidades e servilismo perante os vários poderes obscurantistas estabelecidos, em que se resumia a rotina da vida musical portuguesa. Manuel de Lima aparecia assim como crítico «marginal», que o meio não podia suportar e era segregado como um corpo estranho, através de uma incessante proliferação de anticorpos (alimentada quer pela sua própria agressividade na denúncia, quer pela reacção de autodefesa dos que se queriam (intocáveis» e viviam à custa das águas mornas do provincianismo, da complacência, quando não da venalidade face ao Poder).

Crítico marginal ou crítico «maldito», foi, no entanto, talvez o único que estabeleceu, com o justo radicalismo que o tempo histórico um dia confirmará, a linha de fronteira entre quem fez a história da música neste País e quem passou à margem dela... Não coincidindo em muitos aspectos com os seus pontos de vista, dizia-lhe eu, em todo o caso, por vezes, e com a convicção de quem tem ainda muito que aprender, chegado a estas lides quase trinta anos depois: «A longo prazo, provavelmente, o Manuel terá razão...». Afigurava-se-me então, no meio dessas conversas intermináveis, que havia entre nós uma espécie de relação mestre-discípulo, que muito me honrava.

Nos textos que publicou ao longo dos anos, bem como nas conversas entre amigos, frequentemente, não apenas a propósito da música mas da cultura em geral, distinguia sempre o caso exemplar de Lopes-Graça. Numa das últimas cartas que dele recebi, já depois do seu casamento com Madalena Hernandez e da fixação da sua residência na Venezuela, afirmava, referindo-se ao conceito gransciano de «hegemonia intelectual»: «Lopes-Graça é o exemplo de intelectual destinado a criar a genemonia de uma sociedade. Paradoxalmente, foi a música, arte tão subdesenvolvida e tão abastardada em Portugal, o seu campo de acção. Graça tentou precisamente tornar a música portuguesa no elemento consciencializador dos valores e das formas capazes da formação de uma crença social com validade universal que resultasse no progresso da sociedade, no que deveria ser a sociedade que ele, António Sérgio, Bento de Jesus Caraça, sem esquecer Câmara Reys e outros com quem o nosso único compositor digno desse nome conviveu nos tempos heróicos de combate ao primeiro fascismo, preconizavam e que outra coisa não era senão a sociedade socialista».

Sem jamais invocar a filiação num ideário perfeitamente estruturado, antes fundindo contribuições de ordem política, estética e ideológica vindas de diferentes quadrantes, Manuel de Lima nunca perdeu a perspectiva fundamental em que se colocava, fosse na crítica musical, fosse na crítica de televisão, fosse na participação política, incluindo o exercício do voto, fosse, enfim, como escritor: a luta contra o **reaccionarismo** em todas as suas manifestações políticas ou culturais. São eloquentes e amargas, a este respeito, as palavras que me enviou numa outra carta da Venezuela, de Maio de 1976: «Quando receber esta carta, talvez eu já tenha adquirido os direitos de residência neste país mais ou menos semelhantes aos de cidadão venezuelano. A sensação de distância trouxe-a, aliás, comigo e tem origem no falhanço, da nossa Revolução. Nesse momento tornei-me um **estranho estrangeiro.** O falhanço da nossa Revolução, depois do 25 de Novembro, deu-me o sentimento da separação irremediável de tudo por quanto me bati.

Fui desalojado dos meus lugares de trabalho (e de combate) por usurpadores que outrora se faziam passar por nossos aliados. Inverteram-se os termos: no tempo do fascismo eu ocupava conscientemente um posto determinado e definido numa barricada, apontando para a meta final, a derrocada do sistema. Mas puseram in-fólios nas barricadas, como diz Fernando Pessoa, isto é, puseram intelectuais nos postos avançados e o resultado foi a invasão pela horda dos literatos a que se assistiu. Nessas condições, com inimigos na chefia dos meus sectores de trabalho. Natália Correia e Gaspar Simões, entre outros, só me restava o exílio. Em Portugal, não iria encontrar possibilidades de sobrevivência ou, se as encontrasse, teria de ser à custa da minha própria degradação. A minha vinda para a Venezuela não se deve porém a essas circunstâncias. Foi uma coincidência feliz com base em algo de elevado. Nada tem que ver com as mesquinhas represálias de que eu pudesse ser alvo. A sensação de distância que comecei por referir deve ser classificada como uma nostalgia com origem em todo este conjunto de frustrações».

Na escrita de Manuel de Lima — na escrita da sua personalidade — contará mais o **estilo** ou a **ideia** (para usar a dicotomia de uma célebre obra ensaística de Schoenberg, compositor que tanto admirava?). Respondam os exegetas que ainda a não estudaram. Quanto à admi-

Há sempre «uma no

«Lopes-Graça é o exemplo de intelectual destinado a criar uma socidade...»

Escrever é jogar xadrez

«Vi brilhar nos seus olhos uma ameaça profunda que me aterrorizou não sei bem explicar porquê, mas que me deu a sensação de experimentar um medo atávico. Um medo que principia para cá dos Pirenéus para quem vem da Europa. Uma espécie de ritual em que se condenam à nascença os nossos pensamentos. É ao mesmo tempo um medo físico e um medo moral. Qualquer coisa que tem muito a ver com a caça ao homem, batida feroz organizada pela força, aliada a um medo ainda maior, o medo da liberdade. E o que parecendo paradoxal se tornava lógico, é que o Falcão, colocando-se do lado do progresso ao ponto de interferir na minha

presente

ração que se possa votar ao autor de «Um Homem de Barbas», creio bem difícil justificá-la com «eruditas» razões. É-se ou não, simplesmente, amigo dele. Aceita-se ou não, simplesmente, a importância de ter fruído da sua amizade.

nova paisagem»

EZ

PEDRO ALVIM

família e a pretexto de arejar a educação dos meus, procurava aterrorizar-me para conseguir roubar-me os filhos. Imediatamente compreendi que o Falcão era movido por um destes sentimentos comuns dos indivíduos improlíferos mas ambiciosos que, juntamente com as terras que adquirem, querem possuir os seres humanos que nascem na mesma área como fazem aos animais e às plantas».

Assim escreve Manuel de Lima em «O Clube dos Antropófagos» — e eis que, a partir destas linhas, temos o cidadão ciente da antropofagia de uma sociedade que, regendo-se por leis iníquas, impõe que o homem seja lobó do homem. Contra esse princípio se ergueu sempre a escrita de Manuel de Lima, numa fluência inteligente, dinâmica na apreensão dos acontecimentos, apta a acentuar a opressão consignada, por vezes, no quotidiano mais vulgar. Como, por exemplo, nesta frase de assustar meninos: «Vá, meu filho, come esta papinha se queres ver o cavalinho que está no fundo do prato!»

Quem se deu com Manuel de Lima, naquele ambiente de riso espontâneo, de ironia crítica pelos cafés e ruas da cidade, no labirinto das ideias feitas e desfeitas, nos passos possíveis ao longo do âmago da conjuntura portuguesa (e não só), enriqueceu-se com a liberdade do seu discurso. Lima não necessitava de uma tribuna para impor o que lhe ia no íntimo: bastava estar entre os homens anónimos como criança inocente que era. Essa a sua força, o seu poder de atracção, a viabilidade de ele se tornar possível no preconceito nacional desfazendo-o como quem entorna um copo de agua. É isso: a inocência, uma vez jorrada, não afoga, antes esclarece, põe em dúvida valores que já não nos podem vestir, convence do erro em que estamos. Nus os pés na água, sentimos subitamente que nos é urgente outro fato, no interior do qual nos possamos mover com a inteligência que, por causas justas, nos leva à morte, à marginalização, ao zxílio, à clareira sumida onde a verdade está sempre. Numa palavra: fuga ao clube dos antropófagos e presença plena na cidade de nós todos, na cidade onde somos (teremos de ser) os semáforos fraternos uns dos outros. Quem tal não compreende, atropela e é atropelado.

Os títulos de crédito de Manuel de Lima («Malaquias ou a história de um homem barbaramente agredido», «Um homem de barbas», «A pata do pássaro desenhou uma nova paisagem» e «O clube dos antropófagos») impõem-se à desvalorização de qualquer espécie de antropofagia. São construções susceptíveis de numerosas combinações, à semelhança das peças do xadrez, onde as brancas (pureza) se revelam contra as pretas (opressão), ou, então, onde as pretas (oprimidas) se levantam contra as brancas (opressoras). Temos, assim, um tabuleiro em cujas casas a nossa análise tem vias para se poder processar livremente, ora na diagonal de um **bispo** (Igreja) ora num salto de **cavalo** (umas vezes Revolução, outras vezes Reacção), ora ainda na coluna ou na linha de uma **torre** (Forças Armadas), ora ainda também no deslocamento da **dama** (Democracia) para todos os sentidos desde que não fique em perigo... Os leitores desse itinerário **(peões)** vêem-se na inteligência irmã de optar pela defesa intransigente da Constituição (o **Rei** do nosso desejo socialista expresso em vários actos eleitorais).

...Assim temos, pois, Manuel de Lima (morto há um ano) integrado, vivo, no momento presente, dia 29 be Outubro de 77. Resumindo: embora, por vezes, o homem português seja «barbaramente agredido», há sempre a coragem (tem havido) de fugir dos «antropófagos» em direcção a «uma nova paisagem».

FMI aperta a corda dos empréstimos

À medida que se aproxima o ponto de ruptura económico e financeiro, com a ameaça, a curto prazo, do colapso das Balanças Comercial e de Pagamentos, a alta finança internacional vai apertando na nossa garganta a corda dos empréstimos, ao mesmo tempo que começam a surgir indícios de estar o grande patronato nacional, como não consegue furar no plano político, a preparar nova ofensiva de sabotagem económica.

A ameaça de bancarrota, que já se perfila concretamente no horizonte, mais do que o fracasso da política do Governo PS, significa o fracasso das receitas da direita, que saudou entusiasticamente o aparecimento do primeiro «pacote» das medidas de recessão e austeridade, com reflexos profundamente negativos na expansão económica e no nível de vida das populações, é agora procura sacudir a água do capote, forçando o Governo a assumir sozinho responsabilidades que em boa parte cabem também aos partidos da direita.

Tudo leva a crer que, apesar de verdadeiramente inaceitáveis (estancamento da produção unitária e incremento das importações), o Governo não vê outra alternativa para a solução das suas dificuldades de tesouraria a não ser a capitulação incondicional perante as exigências do FMI.

Na fase final do primeiro «round» das negociações com o FMI para a concessão da segunda «tranche» do grande empréstimo, parecem ter sido desde já enunciadas — e dizemos «parecem» porque, contrariando frontalmente as declarações recentes do Primeiro-Ministro, ao referir a intenção do Governo em manter a opinião pública informada, não tem havido informação oportuna no caso das negociações com o FMI — medidas que focariam a redução do défice externo, já no próximo ano, para valores oscilando entre os 750 e os 800 milhões de dólares, impondo contenções nos futuros orçamentos e no crescimento do consumo (com um decréscimo real na ordem dos 15 a 20 por cento), a restricção ainda mais drástica da concessão do crédito e uma desvalorização do escudo mais sensível, utilizando a situação flutuante da moeda. a qualquer conclusão moeda. Seja como for, e embora não se tenha chegado ainda a qualquer conclusão definitivas, a dopção das receitas do FMI implicaria a impossibilidade de financiamento de muitos dos investimentos previstos no Plano para o período 77-80, além de que a redução substancial de créditos ao sector público significaria o estancamento do aparelho produtivo e seria mais um factor de contenção real da expansão.

Entretanto, a degradação da situação interna vai favorecendo as soluções económicas e políticas do Fundo Monetário Internacional.

E S.

Vamos a sério ?

A. Sebastião Gonçalves

Segundo os jornais, o vice-presidente do PSD fez uma síntese, que me parece bem concreta, da nossa situação económica. Disse que «Portugal bate três recordes europeus (inflação, desemprego e défice da balança comercial), urgindo a necessidade de uma estratégia bem definida e tecnicamente adequada». Mas será bem clara a estrutura desta «necessidade», quando diz que «para tal (são precisos) elementos de natureza essencialmente política»?

O referido dirigente político coloca «em primeiro lugar, um projecto nacional mobilizador». Poderá, no entanto, existir tal projecto — e ser realizável — se as massas, que formam a base nacional, não virem o exemplo vindo das cúpulas governativas, no campo político ou simplesmente administrativo? Será que essa mobilizaçação poderá dar-se se o povo não sentir modificação profunda das estruturas, de modo que se aperceba de que o trabalho é comum e o proveito é, também, comum?

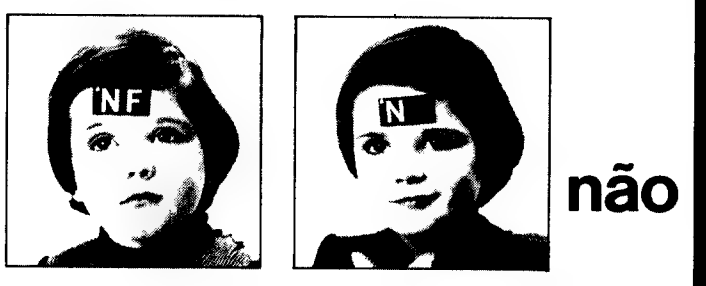
Essa «chicotada psicológica» — que o mesmo dirigente político coloca em segundo lugar, e que eu sinto vontade de colocar em primeiro — será possível sem o português ver, efectivamente, que o interesses nacional está, na verdade, acima dos interesses partidários — e quantas vezes de classe, ou meramente pessoais? Será possível ficar ele convencido «de uma mudança radical de rumo», sem que o comportamento dos dirigentes políticos esteja em conformidade com essa «mudança radical»?

Que importam pormenores de índole partidária se é enorme o problema nacional? Que importa essa «nova estrutura de poder democrático» — colocada em terceiro lugar pelo referido dirigente político — se não, de facto, enormes os dois problemas anteriores os quais, honesta e concretamente realizados, relegam para problema consequente este, apontado em terceiro lugar?

NOVO

fevertest

teste instantâneo da febre



sim não

leitura imediata
utilizável milhares de vezes

Basta colocar na testa a fita plástica, durante quinze segundos.
Se aparecer a letra N a temperatura está Normal.
Se aparecer NF, é porque se trata de um estado Febril, portanto acima dos 37°.

Processo de detectar a febre baseado num novo sistema de cristais líquidos

o novo teste instantâneo da febre é extremamente prático e de resultados seguros.
"Fevertest" encontra-se à venda exclusivamente nas farmácias.

ÁFRICA DO SUL

Embargo de armas por seis meses descontenta países africanos

Delegados africanos, na ONU, reagiram hoje friamente a propostas ocidentais para um embargo de armas de seis meses contra a África do Sul e exigiram uma votação do Conselho de Segurança na segunda-feira sobre as suas próprias resoluções.

Esperava-se que ambas as partes passassem a maior parte do fim de semana em negociações privadas na esperança de encontrar uma base comum.

Fontes dignas de crédito disseram que os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, o Canadá e a Alemanha Ocidental não apresentariam provavelmente as suas propostas sob a forma de resolução até que as discussões alcançassem alguma conclusão.

Estes e o Benin, a Líbia e as Maurícias são favoráveis a uma proibição obrigatória sobre as vendas de armamento a África do Sul, mas os africanos desejam um embargo permanente, incluindo o cancelamento de contratos não cumpridos, tais como aqueles que os franceses têm actualmente.

Os membros africanos desejam também um embargo sobre os investimentos estrangeiros e os empréstimos para importações e exportações para a África do Sul.

O embaixador tanzaniano, Salim A. Salim, declarou a noite passada aos jornalistas que as propostas ocidentais, tal como foram apresentadas, eram inaceitáveis. O embargo por seis meses não era lógico quando a maior parte dos países tinha deixado há muito de vender armas à África do Sul, disse.

Salim é presidente da Comissão Especial de Descolonização e os seus pontos de vista são frequentemente considerados como reflectindo exactamente os da maioria do grupo africano.

Recusou designar as propostas ocidentais como uma resolução, dizendo apenas: «Há algumas ideias dos países ocidentais».

Mas acrescentou que todas as questões eram negociáveis desde que houvesse um acordo sobre princípios.

Mansur Kikhia, principal delegado da Líbia, pediu a noite passada uma votação sobre as resoluções africanas, mas Richard Petrie, dos Estados Unidos, pediu mais tempo. Disse que a delegação americana não havia recebido quaisquer instruções.

Não-Alinhados debatem sobre a Informação

Representantes de mais de 70 países não-alinhados discutiram ontem as várias formas de competirem com os monopólios da Informação, durante a primeira conferência de estações de Rádio e Televisão que se inaugurou em Serajevo, na Jugoslávia.

Os representantes dos Não-Alinhados debaterão, durante quatro dias, os modos de conseguir que a informação dos seus países seja dada de uma forma objectiva e não deturpada pelo que consideram os monopólios da informação.

O embaixador das Maurícias, Radha Krishna Ramphul, disse que os africanos estavam dispostos a aceitar que o Conselho se reunisse hoje novamente. Mas o presidente do Conselho, Rikhi Jaipal, da Índia, declarou que o fim de semana poderia ser melhor aproveitado em negociações privadas entre as partes.

Um representante da Organização de Libertação da Palestina falou sobre a actividade da Rádio Palestina nas condições de guerra, apontando «o grande auxílio» recebido dos países Árabes, Socialistas e Não-Alinhados.

Por seu lado, o representante cubano afirmou que a Rádio e TV do seu país se preparam já, para, na sexta cimeira dos Não-Alinhados a realizar em Havana em 1979, conceder «todas as facilidades e serviços» aos homens da Informação dos Não-Alinhados.

COLÓNIAS

Israel condenado na ONU por esmagadora maioria

Por 131 votos contra um, de Israel, e 7 abstenções (entre as quais a dos Estados Unidos), a Assembleia Geral da ONU aprovou, ontem, uma resolução que condena as medidas tomadas por Israel nos territórios ocupados.

A resolução declara que o estabelecimento de colónias de povoamento israelitas nos territórios «palestinianos e outros territórios árabes desde 1967» não têm validade jurídica, além de que constituem uma grave obstrução aos esforços para instaurar uma paz justa e duradora no Médio Oriente».

Explicando a sua abstenção, o representante dos EUA, Andrew Young, declarou que o seu Governo se opunha às colónias de implantação israelieta porque elas só teriam validade se previstas por um acordo que desse termo ao conflito do Médio Oriente.

Opondo-se às teses israelitas, Young afirmou ainda que aquelas colónias foram implantadas em contravenção à Quarta Convenção de Genebra de 1949, relativa aos direitos dos habitantes dos territórios ocupados em caso de guerra.

Em contrapartida, o representante sírio, Mowaffak Allaf, protestou contra a abstenção americana que, segundo ele, revela que, apesar do que disse Carter e o representante americano na ONU, os Estados Unidos se puseram ao lado dos «agressores israelitas».

Entretanto, também ontem, Israel aboliu rigorosos regulamentos monetários e pôs a flutuar a libra israelita, numa medida dramática com a qual o Governo espera atrair investimentos estrangeiros para o país.

As novas medidas económicas foram anunciadas ontem a uma nação surpreendida após uma reunião extraordinária do Gabinete na véspera do sábado judaico.

O ministro das Finanças, Simcha Ehrlich admitu que a iniciativa para uma economia de mercado livre significava uma desvalorização efectiva da libra israelita em 33 por cento. Reconheceu que, quando os bancos reabrirem na segunda-feira de manhã, a moeda cairá para 15 libras por cada dólar. A taxa de ontem era de 10,36 para o dólar.

O dirigente do Partido Trabalhista, Shimon Peres, disse que as medidas significavam uma mudança no sistema social de Israel, desenvolvido durante os 29 anos em que os trabalhistas ocuparam o poder — um reinado que terminou quando o Governo direitista do primeiro-ministro Menahem Begin conquistou o Poder.

As novas medidas constituem um corte radical com a política de regulamentação económica dos trabalhistas.

NICARÁGUA

Frente Sandinista aceita plano de solução nacional

A Frente Sandinista de Libertação Nacional anunciou aceitar a proposta da «solução nacional» na Nicarágua, mas condicionando-a «à prévia eliminação da família Somoza».

Esta declaração está contida numa carta assinada pela direcção nacional deste grupo de guerrilha, divulgada na cidade do México pelo Comité Mexicano de Solidariedade com o Povo da Nicarágua.

Na carta, salienta-se que os sandinistas acolhem com «profunda satisfação» o apelo em prol de uma solução nacional, feito por doze personalidades nicaraguenses, pouco depois de uma série de choques verificados entre guerrilheiros e soldados da Guarda Nacional da Nicarágua. Acrescentam que, uma vez eliminado o aparelho estabelecido pela família Somoza, estariam dispostos a pedir aos citados cidadãos nicaraguenses para representarem a Frente Sandinista na busca dessa solução.

No entanto, acentuaram: «O nosso objectivo imediato é conseguir que a Nicarágua se liberte da ditadura e enverede por um verdadeiro processo democrático».

Salientaram que «enquanto o general Anastásio Somoza permanecer no poder, a nossa luta continuará a intensificar-se e os nossos planos militares continuarão a desenvolver-se tal como estão programados».

Os sandinistas indicaram, além disso, que o seu apoio à «solução nacional» estaria condicionado à nacionalização de «todos os bens e interesses da família Somoza», à garantia do livre exercício das liberdades democráticas, incluindo as de livre organização política, sindical e popular, assim como ao fim de «toda a forma de repressão».

Os assinantes da carta são Humberto Ortega Saavedra, Victor Manuel Tirado, Henry Ruiz, Plutarco Hernandez, José Benito Escobar Perez e Daniel Ortega Saavedra, identificados como membros da direcção nacional da Frente Sandinista.

CANAL DO PANAMÁ

Direita norte-americana pressiona contra o tratado

«Não existe o Canal do Panamá, mas um Canal norte-americano no Panamá» — afirma um dos «slogans» de um filme de meia hora que começará a ser projectado em 29 estações de televisão do Sul dos Estados Unidos.

Grupos «conservadores» lançaram uma campanha para influenciar negativamente a opinião pública em relação à ratificação do tratado sobre o Canal do Panamá, assinado pelos chefes de Estado panamiano, Omar Torrijos, e norte-americano, James Carter.

Por enquanto, o filme, que custou centenas de milhares de dólares, só será apresentado nos estados do Texas, Luisiana e Florida, mas os seus promotores contam levá-lo a todo o país com os «donativos» que esperam receber.

O filme pede dinheiro para continuar a campanha, solicita que se envie cartas aos senadores contra a ratificação do tratado sobre o canal que é apresentado como «propriedade dos Estados Unidos».

Tito adiou compromissos

O marechal Tito adiou «por tempo indeterminado», todos os seus compromissos internacionais, anuncia a agência de Imprensa Tanjug.

A agência precisa que, a conselho dos seus médicos, «o presidente Tito adiou os seus compromissos internacionais devido à fadiga consequente de uma actividade intensa e dum trabalho árduo durante estes últimos meses».

O marechal Tito, que tem 85 anos de idade, concluiu há pouco uma cansativa digressão de mais de 30.000 km, que o levou sucessivamente a Moscovo, Pyong-Yang, Pequim, Paris, Lisboa e Argel.

PARALISAÇÃO DOS RODOVIÁRIOS

Comunica-se ao Conselho de Gerência da Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses E.P. e ao Ministério do Trabalho, dando cumprimento ao disposto nos n.ºs: 1 e 2 do artigo quinto e ao número dois alínea g) do artigo oitavo do Decreto-Lei 65/77 de 26 de Agosto de 1977, que os trabalhadores ferroviários farão uma paralisação total no dia 4 de Novembro, das 10.30 às 11.00 horas, por deliberação dos Sindicatos que constituem a Comissão Sindical Negociadora do Acordo Colectivo de Trabalho.

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO NORTE DE PORTUGAL
SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO CENTRO
SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO SUL
SINDICATO DOS AJUDANTES DE FARMÁCIA DO SUL E ILHAS
SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA NORTE
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DA ZONA CENTRO
SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO NORTE
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO CENTRO
SINDICATO DOS PROFESSORES DA ZONA DA GRANDE LISBOA

Lisboa, 29 de Outubro de 1977

INSTITUTO DE FORMAÇÃO SOCIAL E DO TRABALHO

— CURSO BÁSICO DE **FRANCÊS** PARA TRABALHADORES
— CURSO DE INICIAÇÃO AO PIANO PARA CRIANÇAS

DUAS AULAS SEMANAIS

Informações e Inscrições:
Rua Duque de Palmela, 2-5.º—Tel. 573015/573341/575946—LISBOA

HOLANDA

Rainha Juliana e preso alemão pela vida de Maup Caransa

Expressando-se em holandês e dizendo pertencer ao «Movimento 18 de Outubro», um homem telefonou ontem ao jornal «De Telegraaf», e exigiu a libertação de Knut Folkerts, guerrilheiro urbano alemão detido pela polícia holandesa desde 22 de Setembro, e a abdicação da rainha Juliana, em troca da libertação de Mauritz (Maup) Caransa, o milionário sequestrado ontem em Amsterdão. Entretanto, a Polícia disse não haver ainda confirmação de uma chamada telefónica afirmando que o rapto era obra da Fracção do Exército Vermelho, organização responsável pelo rapto de Hans-Martin Schleyer, na RFA.

As especulações quanto às ligações com o rapto do «patrão dos patrões» oeste-alemão e com o grupo Beader Meinhof começaram ontem, quando alguém, dizendo pertencer à Facção do Exército Vermelho telefonou a um outro jornal, o «Het Parool», às nove horas de ontem, reivindicando o sequestro e prometendo voltar a entrar em contacto.

O primeiro-ministro Joop Den Uyl, mostra-se cauteloso nas suas primeiras apreciações sobre o caso e, segundo a France Presse, o Governo holandês ainda «tateia nas trevas» no que diz respeito às razões que motivaram o rapto.

Pelo seu lado, o jornalista Hans Knoop, porta-voz da família de Caransa, que a ANOP diz ser de ascendência portuguesa, demonstra receio das actividades policiais e das consequências que isso possa ter. Recusou que o seu telefone fosse ligado ao sistema de escutas policiais, mas revelou que, até agora, os raptores ainda não tentaram qualquer contacto. A Polícia, tentando ter uma ponta por onde começar as investigações transmitiu apelos ao público e destacou pessoal para as centrais telefónicas. Ao mesmo tempo, passou rigorosas buscas a edifícios vagos mas absteve-se de montar barreiras nas estradas por causa do nevoeiro. Em todo o caso, todas as fronteiras estão fechadas, com o auxílio do Exército, mesmo a da Bélgica, onde habitualmente não existe qualquer formalidade.

Pensa-se, com base em experiências anteriores, quando o Governo foi pressionado pelos molucanos, por duas vezes, que também agora, a atitude oficial será intransigente e os raptores terão muito pouco a esperar de Joop Den Uyl e do seu Gabinete, em prováveis negociações. Este, diz que o Governo só poderá reagir quando ficar suficientemente esclarecido se o rapto é criminoso ou político.

O preso exigido em troca da libertação de Maup Caransa, Knut Folkerts, tem 25 anos, foi detido em Utrecht, onde permanecia num quartel fortemente guardado. Quando foi preso, matou um polícia holandês durante um tiroteio. O seu julgamento está marcado para 6 ou 7 de Dezembro. Ontem, após o sequestro, foi transferido para a casa de reclusão de Maastricht, no Limburgo, a 30 quilómetros da fronteira com a RFA.

Entretanto, ao fim da manhã a France Presse anunciava que a Fracção do Exército Vermelho exigia a libertação de Kolkerts antes da meia-noite de hoje, em troca de Caransa. Falava um alemão «razoável», deixando antever que era holandês, e comunicou com o «De Telegraaf». Neste novo telefonema, não se falou na abdicação da rainha Juliana. Ao mesmo tempo, é anunciado um outro telefonema, este para o «Algemeen Dagblad», onde além da libertação de Folkerts, alguém que diz falar em nome da Fracção do Exército Vermelho, exige mais quatro milhões de marcos alemães e o fim das buscas na Holanda.

BRASIL

Porta-voz da Presidência reconheceu as torturas

O porta-voz da Presidência da República, coronel Toledo Camargo, reconheceu ontem que as denúncias de torturas a presos políticos, feitas nos dois últimos dias, eram «impressionantes e graves». É a primeira vez que isso acontece desde o início da ditadura militar, em 1964.

Acrescentou que «serão tomadas medidas» para identificar os responsáveis pelos factos, ocorridos nas dependências da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) do Rio de Janeiro.

O episódio envolve onze pessoas acusadas de violar a «Lei de Segurança Nacional», por tentarem constituir uma «organização comunista» entre operários.

Os presos reafirmaram as denúncias publicadas pelos jornais «O Estado de S. Paulo» e «Jornal do Brasil», perante um tribunal militar da Força Aérea, confirmaram terem sido torturados durante o período de incomunicabilidade, logo após a prisão, no mês de Julho.

As denúncias publicadas nos dois jornais tiveram resposta num comunicado do Exército, que anunciou estar «investigando o caso», ainda que, «em princípio» desminta a existência de torturas.

Também o líder do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Freitas Nobre, repetiu ontem as denúncias na Câmara de Deputados, considerando que elas não chegam aos superiores, ou seja, «ao ministro da Justiça e ao Presidente da República», sendo bloqueadas pelos «escalões intermediários».

O líder da ARENA, o veterano deputado José Bonifácio, disse não acreditar nessas torturas, mas que tão-pouco pode afirmar que elas não «existam aqui como em qualquer parte do mundo».

Bonifácio defendeu a realização de uma investigação, dizendo que os responsáveis pelas torturas «deveriam ser exonerados da Polícia e julgados imediatamente».

Nas audiências ontem realizadas, dois homens e uma mulher repetiram as alegações feitas na carta de que foram agredidos, sofreram choques eléctricos e foram colocados em cubículos a temperatura de congelamento enquanto estiveram sob detenção militar.

Todos afirmaram que as confissões que assinaram foram obtidas sob a ameaça de enfrentarem mais tortura. «Alguém que passasse 24 horas no local onde eu estive assinaria mesmo a sentença de morte do seu próprio pai», declarou ao juiz um dos presos, Inácio Guaracy.

Por outro lado, um vendedor ambulante encontrou ontem onze esqueleto humanos à flor da terra, num depósito de lixo num subúrbio do Rio de Janeiro, utilizado como cemitério do «Esquadrão da Morte». Segundo os exames médicos, os assassínios devem ter ocorrido há dois meses, tendo sido perpetrados com armas de grosso calibre e golpes de faca. Um dos corpos foi queimado para evitar a sua identificação mas parece tratar-se de Renzo Oliveira, ex-integrante do «Esquadrão da Morte», que «desertou».

O macabro achado deveu-se, provavelmente, à grande quantidade de cães que procuram o seu alimento nos depósitos de lixo.

Por fim, o recinto universitário de Brasília voltou ontem à tarde a ser ocupado por unidades da Polícia Militar.

Este regresso da Polícia à Universidade — de onde se tinha retirado em Setembro após dois meses de ocupação — processou-se sem incidentes. O reitor, José de Azevedo solicitou a comparência das «forças da ordem» após a representação, pelos estudantes, de uma peça de acerba crítica às autoridades universitárias e na perspectiva de uma assembleia estudantil convocada para ontem.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

FRANÇA

Marchais ataca Mitterrand e o diferendo agrava-se

Acaba de ser dado um novo passo na escalada da controvérsia entre socialistas e comunistas em Franca.

O secretário-geral do Partido Comunista Georges Marchais não se contentou ontem, em Vitry, em atacar com violência François Mitterrand como o faz habitualmente desde que fracassaram, no mês passado, as tentativas de «actualização do Programa Comum». Foi mais longe: fez com que, ou deixou que os militantes comunistas assobiassem o dirigente socialista.

François Mitterrand e o chefe de fila dos Radicais de Esquerda, Robert Fabre, segundo declarou Georges Mrchais não quiseram nunca edificar um verdadeiro programa de «mudança da sociedade».

Que passasse pela nacionalização das grandes empresas capitalistas. Desde o começo em 1972, só foram movidos por preocupações «eleitoralistas». E são estas mesmas preocupações que os movem agora, a quatro meses do escrutínio de Março de 1978, afirmou Georges Mrchais. Estas acusações feitas pelo «número um» do Partido Comunista são certamente muito graves.

Depois de ter acusado os seus ex-parceiros socialistas de «terem medo de serem obrigados amanhã, com ministros comunistas, a aplicar uma política de progresso social, de democracia e de independência nacional», Georges Marchais concluiu: «Não, decididamente o Partido Socialista não mudou. Continua a ser o mesmo e hoje volta tudo a começar, como no tempo da SFIO (o antigo Partido Socialista de Leon Blume de Guy Mollet).

Assim, Georges Marchais põe, aparentemente, ponto final a 12 anos de esforços de Miterrand e dos seus colaboradores para tornar o Partido Socialista no primeiro partido da esquerda francesa (segundo se crê, com 7 milhões de votos nas próximas eleições) e um movimento que vire definitivamente as costas ao passado centrista e reformista da velha SFIO.

Esta táctica do Partido Comunista é talvez, em certa medida, lucrativa: uma sondagem do Instituto Francês de Opinião Pública publicada pelo semanário «Le Point» revelava esta semana que o Partido Socialista está a enfraquecer «na sua esquerda».

Segundo esta sondagem o «reequilíbrio» da esquerda estaria a fazer-se em proveito dos comunistas os quais ganhariam assim com esta controvérsia uma parte do seu eleitorado operário e de jovens que fora perdendo nestes últimos anos.

Avião desviado no Vietnam

Um avião vietnamita que se dirigia esta manhã para um aeroporto no centro do país foi desviado para Singapura, segundo anunciou um informador da Polícia local.

Depois de pedir para aterrar no aeroporto internacional da Paya Leba, o avião dirigiu-se para um antigo aérodromo militar britânico, utilizado somente para voos charters e de mercadorias.

Não se conhecem ainda os autores do desvio nem os seus objectivos.

GITUS 77

FÉRIAS PARA TRABALHADORES

O FIM DO ANO NA UNIÃO SOVIÉTICA

MOSCOVO
LENINEGRADO
VLADIMIR

de 21 de Dezembro de 77 a 4 de Janeiro de 1978
14 dias

Visitas sociais, transportes, encontro com trabalhadores. Preço por pessoa, tudo incluído: Esc. 17 700$00
Inscrições limitadas

Só até 18 de Novembro

PEDE PROGRAMA
INSCREVE-TE
PARTICIPA

Consulta o teu Sindicato

GITUS 77

FÉRIAS PARA TRABALHADORES

PASSEIO AO NORTE
no 1 de Dezembro

COIMBRA, PORTO, VIANA DO CASTELO, GERÊS, BRAGA, FIGUEIRA DA FOZ

de 1 a 4 de Dezembro
4 dias

Preço por pessoa tudo incluído: 2 000$00

Preços especiais para crianças

Encontros com trabalhadores. Visita. Número limitado de inscrições, só até 1 de Novembro.

PEDE PROGRAMA
INSCREVE-TE
PARTICIPA

Consulta o teu Sindicato

Trabalhadores Estudantes

EXTERNATO SÉNECA

cooperativa de ensino e cultura

- Curso Liceal
- Ciclo Preparatório
- Cursos Línguas
- Salas de Estudo
- manhã
- tarde
- noite

Av. Almirante Reis, 73-1.º e 2.º (Metro Anjos)
LISBOA 1 Telefone 4 00 92

CARTAS DE CONDUÇÃO

PARA BEM SERVIR PROCURE A

GRACOOP

COOPERATIVA DE ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL DE LISBOA

PREÇOS INFERIORES AOS MÁXIMOS
(Portaria 212/76 de 8/4/76)

Av. João Crisóstomo, 66, 1.º-Dt.º (S. SEBASTIÃO) Telef. 57 72 09
LISBOA 1 Telef. 53 52 63

Caminhos de Ferro Portugueses

Informações ao Público

LISBOA 32 62 26
32 62 27
32 62 28

PORTO-S. BENTO 31 16 16

PORTO-CAMPANHÃ 55 56 99

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

MARIA VITÓRIA

TEATRO ★ Telef. 361740

Hoje e todos os dias
Ás 20.30 e 22.45 h
Aos Domingos e Feriados
«Matinée», às 16 h

Na 2.ª Feira
há espectáculos
às 20.30 e 22.45 h.
o descanso será
na 4.ª Feira, 2

GRANDE ÊXITO!

A MELHOR REVISTA
DESDE HÁ 30 ANOS

M. 18 anos

O
ESPECTÁCULO DO ANO

SALVADOR
HENRIQUE SANTANA
DELFINA CRUZ
JOEL BRANCO
VERÓNICA
IGOR SAMPAIO
LUÍS MÁRIO
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
UM CORPO DE BAILE
INTERNACIONAL

TEATRO
ABC
TELEFONE 36 67 45

Hoje, às 20.30 e 22.45 h

Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas

Descanso às 4.as feiras

A POPULAR REVISTA

Ó DA GUARDA

OCTÁVIO e JÚLIO CÉSAR em «O Jácome» e «O Estivador»

OCTÁVIO DE MATOS
Herman José
Natália de Sousa
Fernanda Borsatti
Júlio César
Vasco Rafael
BALLET
ABC DANCER'S

A Casa da Cultura da Zona Oriental de Lisboa

apresenta

D. QUIXOTE LIBERTADO

de

Anatóli Lunatcharsky

pelo

GRUPO DE TEATRO DE CAMPOLIDE
(Amador)

Dias 29 e 30 de Outubro às 21.30 horas

RUA ANTÓNIO MARIA PAIS, 6-A Moscavide
Telefone 251 50 07

TEATRO ABERTO

P. de ESPANHA
(metro: PALHAVÃ)

telef 77 09 69

grupo 4

APRESENTA
A SÁTIRA MUSICAL

OS MACACÕES

de ARY DOS SANTOS, AUGUSTO SOBRAL, FERNANDO TORDO, PAULO DE CARVALHO e PEDRO OSÓRIO
encenação de MORAIS E CASTRO
(Subsídio da S.E.C.

13 anos

14 macacos, de ambos os sexos, em cena 14
HENRIQUETA MAIA — IRENE CRUZ — RUI MENDES
FERNANDO TORDO — PAULO DE CARVALHO — LUISA BASTO — PEDRO OSÓRIO — JOSÉ GOMES — MANUEL CAVACO — ALVARO FARIA — ARGENTINA ROCHA — ADELAIDE FERREIRA — PAULO GODINHO — MANUEL MENDONÇA

NOVOS HORÁRIOS:
De 3.ª a 5.ª Feira: 1 sessão às 21.45
6.as Feiras: 2 sessões às 20.30 e 22.45
Sáb.: 3 sessões às 15.30, 20.30 e 22.45
Domingos. 2 sesões às 15.30 e 20.30

3.ª FEIRA, DIA 1 (FERIADO) «Matinée» às 15.30

---

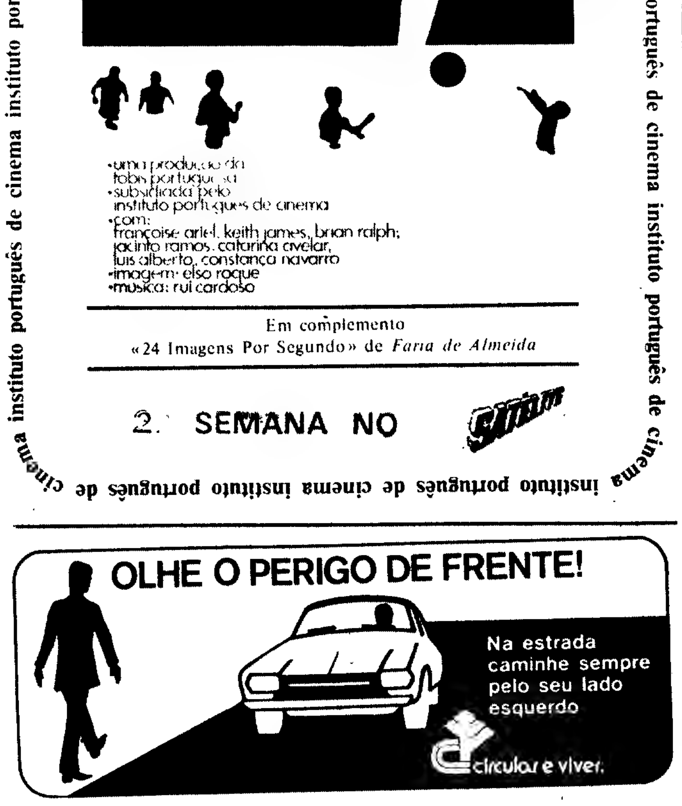
instituto português de cinema instituto português de cinema instituto português de cinema instituto português de cinema instituto português de cinema instituto português de cinema instituto português de cinema instituto português de cinema instituto português de cinema

Prémio da Primeira Obra para longa metragem do 13.º Festival de Hyères

Em complemento
«24 Imagens Por Segundo» de *Faria de Almeida*

2.ª SEMANA NO SATÉLITE

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



"Vozes na Luta" na Voz do Operário

O Grupo de Acção Cultural «Vozes na Luta» irá estar amanhã, a partir das 21 e 30, na Voz do Operário, para apresentar um espectáculo de música popular, poesia e jograis. Esta apresentação do Grupo, agora com um reportório inovado que foi colher a sua força nas raízes dos folclores de Trás-os-Montes e do Baixo-Alentejo, vem na sequência de uma exibição prévia realizada durante o último fim-de-semana na Casa da Comuna

---

ÁDÓQUE teatro

TRÊS MESES
DE GARGALHADAS

Ó CALINAS CALA A BOCA!

Uma
Revista
de VIVER
a Rir!...

ERMELINDA
NICHOLSON
HENRIQUE VIANA
MAGDA
MARIA TAVARES

FÁTIMA VELOSO
FERNANDO OLIVEIRA
MARIA N'ZAMBI
VASCONCELOS VIANA
CARLOS QUEIRÓS

no MARTIM MONIZ
TODAS AS NOITES
às 20.30 e 22.45
«MATINÉES»
AOS DOMINGOS
M 18 Anos ☆ T. 874476

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Ter. a Sáb. às 21.45 h.
Dom. às 17 h.

O VENTO nas RAMAS do SASSAFRAS

DE R. OBALDIA
Enc. C. AVILEZ
Na SOC NAC. BELAS ARTES
R. Barata Salgueiro
T. 4 12 93
SUBSÍDIO DA SEC

CORNUCÓPIA

Marionetas na sala Manuela Porto

A partir de domingo, 30 de Outubro, o Teatro da Cornucópia vai apresentar no seu novo espaço no Teatro do Bairro Alto — a Sala Manuela Porto — as Marionetas de S. Lourenço e o Diabo que irão apresentar a ópera-bufa para marionetas D. Mariana em libreto baseado num romance tradicional português. O grupo das — Marionetas de S. Lourenço e o Diabo funciona há já quatro anos, inteiramente dedicado à recriação da tradição da ópera-bufa para marionetas — espectáculo com grande passado popular e erudito em Portugal, em que canto, marionetas, representação se fundem. As Marionetas de S. Lourenço e o Diabo apresentaram já alguns espectáculos notáveis, entre os quais o «Conde da Alemanha» cuja gravação para a televisão foi recentemente premiada em Itália.

As Marionetas exibem-se todos os domingos, pelas 22 horas, na Sala Manuela Porto, integrado nas manifestações que o Teatro da Cornucópia decidiu organizar e para os quais existe já uma associação de espectadores com algumas centenas de associados.

FERNANDO GUSMÃO:

Um ano de trabalho na Guiné-Bissau

Partiu esta madrugada para a Guiné-Bissau o actor e encenador Fernando Gusmão com o objectivo de ali trabalhar durante um ano como cooperante no sector cultural.

Gusmão goza de um prestígio sólido como homem de teatro e como encenador tendo o seu nome ligado a algumas das mais conseguidas aventuras da cena no nosso País. Foi um dos fundadores do Teatro Moderno de Lisboa, trabalhou assiduamente na preparação de espectáculos do Grupo 4, e ultimamente esteve ligado ao TEUC, de Universidade de Coimbra.

Fernando Gusmão afirmou partir com inteira disponibilidade política e técnica para ajudar o PAIGC a pôr em prática o seu Programa Cultural, no âmbito do Conselho Nacional de Cultura da Guiné-Bissau e do Comissariado de Estado da Educação. Aliás, mais do que qualquer outro homem de teatro português se poderia dizer que será «the right man in the right place» já que Fernando Gusmão viveu a sua infância em Cabo Verde, onde cursou o Liceu em S. Vicente, falando perfeitamente o crioulo.

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

POR QUANTO TEMPO, GLORINHA, TERÁS TUA JANELA FECHADA?

Vieram o «coronel» Jesuíno e seus capangas. Vieram, rasgaram o papel da sua própria lei, invandiram a casa de Glória e trancaram-lhe a janela, isto é: cegaram-na.

Conheço alguém que fez o mesmo tirem Glória e ponham povo brasileiro, tirem «coronel» Jesuíno e ponham general Geisel. A este sujeito chamam em todo mundo um assassino. A este sujeito já houve quem, para vergonha própria e do país que representava, chamasse de «humanissimo». Estigma de que jamais conseguirá libertar-se.

Assassino chamou Glória a Geisel, perdão! a Jesuíno. Glória atacou o «coronel» Ramiro. **Não gosto desse homem** _ disse _ **Está sempre metido em mexericos.**

Nós sabemos como são esses politicões com S. Bento no Umbigo. Já cá tivemos um que nos intervalos de devorar o país, se entretinha com seus pequenos ódios, com seus pequenos rancores, como permanente culto das pulgas da sua alma.

Oxalá o mal tivesse passado. Mas será de temer que não. Neste país onde todos se conhecem, nesta aldeia quase SOS, é preciso ser muito grande, é preciso ser um gigante, para fugir aos sarampos verbajs de entre primos e primas.

É preciso chamar-se Vasco.

QUAL O PREÇO DO SACRIFÍCIO

O FMI impôs duras condições de vida a Itabuna, do intendente Aristóteles Pires.

Como sabemos, se Itabuna persistir em apoiar Mundinho, o FMI decretará o embargo de peixe para aquela cidade e assim, pela fome, obrigará a população a entrar nos eixos.

Aristóteles Pires deixa-se intimidar. Quase obedece ao FMI. Mas a conversa com Mundinho demoveu-o. Não, não se dobraria. Pelo contrário: mobilizaria toda a população no sentido de resistir porque é **preferível passar sem peixe hoje e tê-lo com fartura amanhã** e ainda porque é **melhor passar só com farinha ou sem nada do que aguentar um tirano que só pensa nos seus interesses.**

Assim, **Gabriela** nos dá mais uma lição de sabedoria: o povo aceitará fazer sacrifícios se eles forem rendíveis no trabalho, na liberdade, na dignidade. Pedir sacrifícios à população, aumentar-lhe a penúria, esvaziar-lhe a carteira, apertar-lhe simultaneamente o cinto na barriga e na garganta, carregar nos impostos e, em **contrapartida** dar-lhe desemprego, indemnizações a bufos e sabotadores, repressão, devolução escandalosa de bens a quem os esbanjara não, sacrifícios ninguém fará.

Agora reparo depois de uma segunda leitura: Tenho escrito sempre FMI mas é gralha. Onde está FMI devem ler: «coronel» Ramiro Bastos.

CULTURA E ESTOPADA

Lorenzaccio, de Musset, preencheu dois serões. Foi o que se chama uma transmissão de gala. De repente, pela magia desta varinha de condão, eis-nos transportados aos grandes centros culturais, aos grandes actores, às realizações faustosas. Assistir a coisas destas é, ainda mais do que um acto cultural: é um acto de senobismo.

Sabe-se que a peça de Musset, com toda a sua extensão e verbalismo, não tinha a vocação do palco. Para ser lida, sim, e saboreada aqui e ali. Ora a TV veio trazer o milagre: a peça dá-se às mil maravilhas com a maneira de ser da televisão. As pessoas, pouco dispostas a pegar no livro, pegam-lhe se o ouvirem da boca dos actores.

Para quem domine o francês, as emissões seriam frutuosas. O mesmo não se dirá para os milhões de pessoas sujeitas à incomodidade das legendas. E eu pergunto-me quantas pessoas terão lido tudo. Dou um doce a quem me disser que o fez.

É que foram cinco actos! E a televisão, em comodidade de leitura, não pode ainda substituir o livro. Mal apresentada, mal defendida, atirada à má sorte, a peça de Musset teria sido, entre nós, mais do que uma estopada?

O PLURALISMO DELES

Há quem afirme estar a televisão seriamente empenhada numa informação correcta, isenta e pluralista. O que a lixa é a falta de material humano e técnico.

Por isso não está presente no Alentejo, onde os trabalhadores das cooperativas, à repressão governamental, respondem com o máximo esforço nas sementeiras. Ao pau, respondem com pão.

Por isso não está presente nos plenários dos sindicatos ou se digna, quando muito, envergonhadamente, mostrar umas fotografias.

Por isso trunca, na transcrição de um texto, as palavras em que se alude aos «suicidios» dos três prisioneiros anarquistas na Alemanha Federal.

Por isso... desculpem, mas ficariamos aqui até de manhã. Sendo certo que o «pluralismo» do Telejornal chega ao ponto de colher os depoimentos de Helena Roseta do PPD, e de Aquilino Ribeiro Machado, do PS. Depoimentos, à vontade, com princípio meio e fim, tudo percebido na ponta da unha.

Depois há um comício do PCP na União Artística Piedense. Fala Álvaro Cunhal. Cerca de 20 palavras (eu seja cego se não é verdade!) das quais se perceberam apenas as últimas «... **Com o nosso Povo»**

Dizem os estudiosos da coisa que o telejornal é o coração da estação emissora. A RTP precisa de se tratar. Tem um coração muito fraco. Um coração ruim.

Hoje

Anthony Perkins principal intérprete do filme «Pobre Allan»

I PROGRAMA

15.50 **Eurovisão — Futebol.** Transmissão directa de Chorzow, na Polónia, do jogo Polónia-Portugal para a fase preliminar do Campeonato do Mundo. Comentários do enviado especial da RTP, Nuno Braz.
17.50 Telejornal — 2.ª edição.
17.55 **Entre Barreiras**
18.25 **Magazine**
19.25 **Espaço 1999.** «Semente de Destruição».
20.30 **Telejornal** — 3.ª edição
21.05 **Boletim Meteorológico**
21.10 **Recital em Paris com Dionne Warwich.** Realização de René Gainville. **22.10** **Telejornal** — 4.ª edição. Últimas notícias.
22.25 **Sábado Especial.** A Televisão Escolheu para Si... «Pobre Allan». Intérpretes: Anthony Perkins, Julie Harris, Joan Hackett. Realização: Curtis Harrington.
23.45 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 **Gabriela** (repetição)
21.40 **Telejornal.** 3.ª edição.
22.10 **Um mês no campo.** De Ivan Turgeniev. Tradução e Adaptação de Ricardo Alberty.
23.35 Fecho.

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA.

I PROGRAMA
Pobre Allan
(22.25)

II PROGRAMA
Um mês no campo
(22.10)

Amanhã

I PROGRAMA

12.30: Abertura. **12.32**: Missa de Domingo. **13.10**: Os Rapazes do 47 A. «O Pedido de Casamento. **13.35**: Desenhos Animados. **14.00**: Telejornal. 1.ª edição: **14.15**: TV Rural. **14.50**: O Tesouro Secreto de Tarzan. **16.15**: Botas de 7 Léguas. **16.45**: Policarpo e os Micos. **17.00**: Marco (Dos Apeninos aos Andes). **17.30**: Telejornal. 2.ª edição. **17.35**: Lin Chung — O Justiceiro. 2.º episódio. **18.30**: Grande encontro. **19.25**: Biografia — Ana Plácido. Um documentário realizado por António Faria. **20.30**: Telejornal - 2.ª edição. **21.05**: Boletim Meteorológico. **21.10**: Em estreia o mundo de Wolfmar Jack. **21.35**: A Família Adams. John Quincy Adams: Congressista (1830-1848). 10.º ep. **22.50**: Telefutebol. **23.15**: Telejornal. 3.ª edição. Últimas notícias. **23.30**: Fecho.

II PROGRAMA

21.02: Gabriela (repetição). **21.35**: Telejornal. **22.05**: A Feira. Um programa de humor e canções. **23.35**: Fecho.

EPAL
EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «REMODELAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO REFEITÓRIO E VESTIÁRIOS DO RECINTO DOS OLIVAIS (Construção civil)»

Faz-se público que no dia 24 de Novembro de 1977, pelas 15 horas, na Sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Av.ª da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa até às 17 horas do dia 23 de Novembro de 1977.

Caução provisória: *175 000$00 (cento e setenta e cinco mil escudos)*

Alvará exigido aos concorrentes — *1.ª Subcategoria da I categoria, e da classe correspondente ao valor da proposta.*

O processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 14 de Outubro de 1977

Pela Empresa Pública das Águas de Lisboa
o Presidente da CFAL
João Bau

MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
Indústria de Mobiliário, Lda
ARTESANATO
LANTERNAS
APLIQUES
LUSTRES
CANDEEIROS
FACHOS, ETC
EM FERRO FORJADO
ABOIM • REBORDOSA (DOURO)
TELEFS 943392-943501

TRINDADE-Inatel
O SANTO INQUÉRITO
A. DIAS GOMES
"INDISPENSÁVEL" C.Porto·DL
"OBRIGATÓRIO" A. Boal·Opção
"A VER E REVER" F. Midões·DP
Todas as noites às 21,30
Domingo as 16 e às 21,30
Segunda: Descanso
até ao fim do mês
GRUPO DE CAMPOLIDE

R Ten Raul Cascais, 1-A
Tel 661515 669205
teatro do bairro alto
teatro da Cornucópia
Casimiro e Carolina de Odön von Horváth
4.º MÊS
Hoje, às 18 e 21.45 h
Amanhã, só às 18 h
Terça-feira, feriado, às 18 e 21.45 h
Subsídio da SEC

Rio Show
NO TÁVOLA
ZÉZINHO
E TRAMAGAL
Rua Coronel Bento Roma
16 À Av. RUA

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

EPAL
EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «FORNECIMENTO E MONTAGEM INCLUINDO AS OBRAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL, DOS DISPOSITIVOS DE PROTECÇÃO CONTRA GOLPES DE ARIETE DAS CONDUTAS ELEVATÓRIAS DA ZONA MÉDIA E DA ZONA BAIXA (ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DOS OLIVAIS)»

Faz-se público que no dia 22 de Dezembro de 1977, pelas 15 horas, na Sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa até às 17 horas do dia 21 de Dezembro de 1977.

Caução Provisória: *70 000$00 (setenta mil escudos)*

Alvarás exigidos aos concorrentes: *VI categoria e 8.ª subcategoria da VI categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.*

O processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 26 de Outubro de 1977

Pela Empresa Pública das Águas de Lisboa
O Presidente da CFAL
João Bau

O direito de ser peão

tempo para circular
segurança para viver

Os peões constituem o grupo de pessoas mais vulnerável, dos utentes da via publica
34 % das vítimas mortais em acidentes rodoviários, são peões.
Senhor Automobilista
Dê prioridade aos peões nas passadeiras
Ao mudar de direcção dê sempre prioridade ao peão
Senhor Peão
Atravesse sempre nas passadeiras
Exerça o seu direito de prioridade com prudência
Respeite sempre a sinalização luminosa

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL 102/77

Eu, Aquilino Ribeiro Machado, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço público que, tendo em vista o disposto no n.º 4.º do art.º 50.º do Código Administrativo e no uso da competência que me confere o art.º 102.º do mesmo Código, resolvi que o arruamento de ligação entre a Estrada de Benfica e a Rua Mariano Pina, tenha a seguinte denominação:

RUA ALFREDO GUISADO
Escritor
1891-1975

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 10 de Outubro de 1977.

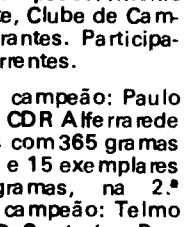
O PRESIDENTE,
Aquilino Ribeiro Machado

ERVANARIA
SÓVIDA
Dirigida por:
SÃOZINHA

PLANTAS MEDICINAIS
PRODUTOS DIETÉTICOS
Largo José Fontana - Bloco 1
PAREDE

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

ANTENA T.V.
SUPER-STARK
Uma pequena maravilha que transforma a sua instalação eléctrica numa gigantesca rede que amplia o campo de recepção de TV e rádios com AM-FM.
A COBRANÇA + 25$00 (portes)
PEDIDOS A
SEX SHOP APARTADO 282 PORTO



"VULCÃO DE CHORZOW": 90 MINUTOS PARA A ARGENTINA

Quem acredita nas possibilidades portuguesas?

Dois pontos, onze golos de desfavor: eis a realidade dos números presente no encontro que esta tarde (a partir das 16 horas) oporá Portugal à Polónia no «vulcão de Chorzov», a 300 quilómetros de Varsóvia, cidade onde o amor ao futebol roça quase a histeria. Realidade e números que pesam a favor dos polacos e que nos obrigariam, se a «missão impossível» que o desafio nos reserva, a uma vitória contundente contra os modestos ciprio-tas. Isto, no domínio das conjecturas, de uma esperança dilatada, de um desejo que começa hoje (e só a vitória nos serve) para terminar (?) contra o Chipre.

É uma empreitada difícil essa de vencermos os polacos no seu território e no relvado mais agreste ante o público mais «patriota» (em termos de futebol). Os portugueses, todavia, estão esperançados, até porque, afinal, lhe pertence esse direito, a despeito da aparente diferença que existe entre as duas equipas. Uma diferença que assenta essencialmente no facto do encontro ser na Polónia. Mas não esqueçamos que perdemos a nossa grande oportunidade de pensarmos a sério na fase final do «Mundial» na Argentina quando, após Nené falhar a marcação de uma grande penalidade, fomos vencidos (0-2), no Porto, pelo adversário desta tarde.

Walter Eschweilla, da Alemanha Ocidental, dirige o encontro, sendo esta, até agora, a grande certeza de uma das três equipas que estarão em campo. Os polacos, segundo Jacek Gmoch, deverão formar (se o técnico não se decidir a qualquer alteração de última hora): Tomaszewski; Wawrowski, Zmuda, Maclewicz e Rudy; Kasperczak, Deyna e Biniek; Masztiar, Lato e Szarmach.

Juca não se debate com problemas (Nené e Vítor Baptista já não o são, pois nem sequer viajaram para Chorzov) quanto a homens. O único problema com que se defronta, se é esse o caso, concerne à formação da equipa em função da táctica ideal para «secar» os polacos. E esse tem muito a ver com a linha atacante (que terá de fazer golos), onde há quatro homens e um terá, pelo menos inicialmente, de ficar no «banco». Não menos espinhosa é, aliás, a tarefa da defensiva, que terá de não consentir qualquer golo para que os avançados marquem, pelo menos, um.

Esta deverá ser formada (com Bento nas redes) por Gabriel, Humberto Coelho, Laranjeira e Murça, enquanto no meio-campo deverão actuar Octávio e Alves (dois homens em grande forma) acompanhados por Toni, não menos versátil que aqueles, e mais possante, em termos de corpo-a-corpo que os dois. Se Juca não optar por um esquema que implique o recuo de um atacante-centrocampista (e esse seria Chalana), teremos na vanguarda Seninho, Manuel Fernandes e Oliveira. De outro modo, Chalana descerá ao campo e então, em vez de Seninho veremos Chalana, mas do lado esquerdo, com Manuel Fernandes descaído sobre a direita e Oliveira entre a pequena área e a esquerda, permitindo (teoricamente) os remates de Toni e as penetrações de Alves e Octávio (ou de Chalana, que costuma derivar nos seus arranques para o centro da área do adversário).

O TRAÇO DE PARGANA

Uma «injecção de nacionalismo» para sair «são e salvo» do «Vulcão de Chorow»?

EM ALVALADE

Mas as nossas obrigações internacionais não se limitam, hoje, a Chorzow, pois que à noite (21 e 30) defrontaremos o Luxemburgo em «Esperanças». Tarefa aparentemente fácil, propicia até ao que se deseja para a Polónia: muitos golos dos nossos atacantes.

As hipóteses de Portugal se classificar para a fase final do Campeonato da Europa na categoria são escassas, já que apenas batemos os italianos (no Funchal) por 1-0, enquanto perdemos (0-4) com aqueles (em Vicenza) na «volta». Para já, portanto, o importante é ganhar por muitos, e esperar o desfecho do Luxemburgo-Itália (acreditam que os homens do Grão-Ducado empatem com os italianos?). Ficar-nos-ia, na pior das realidades, a consolação se hoje ganharmos (como se prevê) de somar seis pontos (mais dois que os transalpinos) e liderarmos a série até ao encontro do Luxemburgo.

Augusto Lamo Castillo, 38 anos, de Badajoz, é o árbitro. Castillo é casado, tem dois filhos, e é um dos 32 apitadores do «Colegiado» espanhol da I Divisão. Na dida civil é director-gerente de uma empresa de electricidade. É um dos sete árbitros internacionais que a Espanha tem.

A equipa portuguesa deve formar: Matos; Teixeira, Festas, Eurico e Alberto; Sousa, Isidro e Sheu; José Luís, Gomes e Vital. Suplentes Valter, Eduardo Luís, Fernando Martins, Lito e Salvado.

A equipa luxemburguesa ainda não está constituída. Ontem, a Lisboa chegaram 16 jogadores, oito dos quais internacionais «A». Eis os nomes de todos: Bossi, Braun, Dax, Kirsch, Koster, Léon Mond, Neumann, Jean Noel, Rohmann, Scheitler, Scholtes, Schilling, Schonckert, Scheroiner, Marlon Simon e Nico Wolter. Tecnico: Gilbert Legrand.

MAU AGOIRO?

Entretanto, ontem, os juniores portugueses (que viajaram para a Polónia com os «AA») perderam com os polacos por 2-1. Questão para perguntarmos: mau agoiro?

Assistiram ao prélio cerca de duas mil pessoas.

É nestes homens que milhões de pessoas depositam a esperança de «uma missão impossível». Esta tarde, a partir das 16 horas, através da RTP ou ouvindo a RDP, veremos se essa tarefa será alcançada

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Proença-a-Nova em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pelo Electricidade de Portugal EDP (ex-HEAA), a que se refere o processo 8/60 208, arquivo 18, para o estabelecimento no concelho de Proença-a-Nova, de uma linha aérea a 30 kV, com 4256 metros, do poste n.º 123 da linha para o posto de transformação n.º 186 de Proença-a-Nova, ao posto de transformação de Malhadal, linha aérea a 30 kV, com 294 metros do poste n.º 11 da linha para o posto de transformação de Malhadal, ao posto de transformação de Corujeira; linha aérea a 30 kV, com 170 metros, do poste n.º 11 da linha para o posto de transformação de Malhadal, ao posto de transformação de Serzedinha; linha aérea a 30 kV, com 885 metros, do poste n.º 16 da linha para o posto de transformação de Malhadal, ao posto de transformação de Eiras.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 13 de Outubro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Pesca em Castelo do Bode: "Nacionais"

Um homem e uma equipa no galarim

Disputaram-se no último fim-de-semana, na zona da Barragem do Castelo do Bode, os Campeonatos Nacionais Individuais e de clubes de pesca desportiva de competição. A organização esteve a cargo da Associação de Pesca Desportiva do Rio, conjuntamente com as Associações do Norte e do Centro, e sob a égide da Federação Portuguesa de Pesca Desportiva.

No sábado, na barragem do Castelo do Bode, zona da Serra de Tomar, realizou-se pela primeira vez em Portugal o Campeonato de Clubes, que contou com a participação de dezena e meia de conjuntos, cinco de cada associação.

Classificacões: 1.º, Padroense F. C. 3 pontos (101 exemplares com 3,670 quilogramas na 1.ª «mão» e 84 exemplares com 3.210 quilogramas na segunda); 2.º Clube Português de Pesca de Competição, 9; 3.º G.D. «O Coruchense», 11; 4.º Sporting Clube de Tomar, 11; e 5.º Amadores de Pesca de Abrantes, 13.

Também na barragem do Castelo do Bode, mas noutro local (em Barro do Fundeiro, Abrantes), disputou-se o campeonato nacional individual da 1.ª e 2.ª Divisões.

As classificações dos primeiros foram as seguintes:

1.ª Divisão: campeão: Vítor Nunes dos Santos, Clube de Amadores de Pesca de Portugal (37 exemplares com 1,575 quilogramas na 1.ª «mão» e 14 exemplares com 870 gramas na 2.ª); vice-campeão: António Lopes Mingote, Clube de Campismo de Abrantes. Participaram 28 concorrentes.

2.ª Divisão: campeão: Paulo Bruno Grave, CDR Alferrarede (6 exemplares com 365 gramas na 1.ª «mão», e 15 exemplares com 805 gramas, na 2.ª «mão»); vice-campeão: Telmo Pereira, da U.D. Santarém. Participaram 26 concorrentes.

"EUROPEU" DE HÓQUEI EM PATINS EM HAIA

Portugal-Espanha-Itália: os melhores já no comando

Portugal venceu a Holanda (2-0) com um golo em cada meio tempo, no último encontro da terceira jornada do 16.º Campeonato da Europa de Hóquei em Patins, em juniores, alcançado o seu terceiro triunfo na competição. O jogo foi dirigido pelo espanhol Fraga (que esteve bem) e perante a maior assistência até agora registada.

As duas equipas alinharam:

Portugal: José Manuel; José Pereira, Marinho, Ventura e Leste. Custódio entrou a um minuto do final.

Holanda: Grijssels; Van Daal, Van Gemert, Huntink e Frans. Foram ainda utilizados Van Heskes e Tammerijn.

Os golos foram marcados por Leste e Ventura, aos 8 e 25 minutos.

Portugal passou um dos obstáculos mais difíceis da prova, pois os holandeses demonstraram tratar-se, de facto, de uma boa equipa e, ainda por cima, a jogar no seu ambiente. Foi um triunfo cerebral dos juniores portugueses que, apesar da escassez do resultado, realizaram a sua melhor actuação, sobretudo pela forma inteligente e ardilosa como souberam pôr em campo as armas para superar o antagonista, sem se atirar deliberadamente para a ofensiva. A selecção nacional jogou com muita cautela, numa envidente demonstração de respeito pelos holandeses que, pelo seu lado, também nunca se aventuraram demasiado, acontecendo até o facto de o árbitro ter de avisar os «capitães» das duas equipas para que não praticassem antijogo.

Assistiu-se, por isso, a um encontro disputado com alguma lentidão e com Portugal a trocar a bola sem pressas, procurando atacar só pela certa, daí resultando que as poucas situações de golo foram criadas por remates de longe.

Na segunda parte, com muita cautela, (nada de pressas), troca de bola constante, e o evidente propósito de chamar os holandeses para o meio rinque dos portugueses, proporcionou um bom espectáculo, já que os holandeses procuravam afanosamente o empate.

Nos restantes encontros, a Espanha sentiu grandes dificuldades ante a Alemanha: o golo da vitória só surgiu a cinco minutos do final. A Itália voltou a jogar bastante bem e venceu (facilmente) a Bélgica. Será, com a Alemanha, o adversário de Portugal nos jogos de hoje, uma tarefa difícil espera os portugueses. Mas a Espanha também deverá passar um mau bocado com os holandeses. Por seu turno, a França obteve o seu primeiro triunfo, e a Suiça sofreu o segundo desaire pelo mesmo resultado: 1-0.

Lista dos marcadores: Leste (Portugal), 6 golos; Girardelli (Itália), 5; Reitz (Alemanha), Honório (Portugal) e Herman (França), 4; Van Gemert (Holanda), Pietrini (Itália), e Garriga (Espanha), 3; Huntink (Holanda), 2.

Entretanto, terminou já o Portugal-Alemanha, que se seguiu ao Espanha-França, curiosamente duas equipas (Portugal e Espanha) invencíveis. Aliás, antes do meio-dia a Itália (outro dos invencíveis) defrontou a Suiça.

Esta tarde defrontam-se: França-Alemanha (18 h 15); Suiça-Bélgica (19.05); Portugal-Itália (20.10), e Holanda-Espanha (21.00).

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
PORTUGAL	3	3	—	—	12-2	9
Espanha	3	2	—	1	7-1	9
Itália	3	2	—	1	11-4	9
Holanda	3	1	—	2	7-4	7
França	3	1	—	2	4-11	5
Suiça	3	—	—	3	0-3	3
Alemanha	3	—	—	3	4-12	3
Bélgica	3	—	—	3	1-11	3

"NACIONAIS" DA II E III DIVISÕES

Acertar o passo com a Primeira

Os «Nacionais» da II e III Divisões acertam hoje e amanhã (a partir das 15 horas) o passo com o escalão superior, já que tinham uma jornada em atraso em relação à I Divisão. Beneficiam, para o «ajustamento», do facto dos «AA» e das «Esperanças» de Portugal defrontarem à tarde e à noite, respectivamente, a Polónia e o Luxemburgo (este em Alvalade). Há apenas dois encontros de juniores, pois que alguns (os melhores) da categoria se encontram em Cracóvia (Polónia): Sourense-Carregado, às 11 horas de amanhã, e Zona Azul-Sesimbra, às 15 horas.

Vejamos na II Divisão, Zona Norte, os confrontos da jornada: Famalicão-Paços Brandão; Régua-Sanjoanense; Rio Ave-Aliados; Fafe-U. Lamas; Vianense-Gil Vicente; Penafiel-Chaves; Paços Ferreira-Vila Real; Lourosa-Leixões.

ZONA CENTRO — U. Leiria-Cartaxo; Beira-Mar-E. Portalegre; Covilhã-Ac. Viseu; Peniche-Sintrense; U. Santarém-Marinhense; U. Tomar-U. Coimbra; Mangualde-Águeda; Portalegre-Marrazes.

ZONA SUL — Olhanense-Montijo; Odivelas-Vasco da Gama; Atlético-Barreirense; Cova da Piedade-Juventude; Nacional-Almada; Lusit. Évora-Amora; Luso-Sesimbra; CUF-Farense.

III DIVISÃO

Encontros da III Divisão (seis séries): SÉRIE A — Joane-Valdevez; Mondinense-Macedo Cavaleiros; Cabeceirense-Tirsense; Vizela-Limianos; Monção-Tadim; Ribeira Pena-Maria Fonte; Aves-Prado e Mirandela-Bragança.

SÉRIE B — Paredes-Arrifanense; Valecambrense-Salgueiros; Sampedrense-Avintes; Amarante-Oliveirense; Cucujães-Perosinho; Bustelo-Leverense; Vilanovense-Lamego e Infesta-Freamunde (Campo Vidal Pinheiro, no Porto).

SÉRIE C — Gonçalense-Carapinheirense; Oliveira do Bairro-Alba; Tocha-Naval; Ançã-Molelos; Febres-Marialvas; Tondela-Covilhã e Benfica; Viseu e Benfica-Anadia e Gouveia-Guarda (em S. Romão).

SÉRIE D — Nazarenos-Matrena; Torriense-Desp. Castelo Branco; Batalha-Amiense; Eléctrico-Torres Novas; Lousanense-Caldas; Alcanenense-Condestável; Bombarralense-Almeirim e Benfica Castelo Branco-Alcobaça.

SÉRIE E — «Os Elvenses»-Loures (hoje, às 18 h.); Bucelenses-Oriental; Campomaiorense-Elvas; Sacavenense-Desportivo Olivais; Borbense-Souselense; Vitória Lisboa-Benavente; Pêro Pinheiro-Alverca e S. L. Olivais-Casa Pia.

SÉRIE F — Ouarteirense-Beja; U. Montemor-Costa Caparica; Seixal-Reguengos; Rosairense-Alcochetense; Aljustralense-Sarilhense; Serpa-Paio Pires; U. Santiago-Esperança Lagos e Silves-Marítimo Olhanense.

COMO VÃO AS COISAS

FESTA NO FEIJÓ

A partir das 9 horas de amanhã, o concelho de Almada tem festa: processa-se o «I Festival Ciclista no Feijó», iniciativa da Sociedade Recreativa do Feijó. As provas destinam-se exclusivamente a crianças («batatinhas», infantis, juvenis e aspirantes) embora no cartaz também figurem competições para populares e federados. O festival tem apoio da DGD e patrocínio da Câmara Municipal de Almada.

ESGRIMA NO OUTONO

No Colégio Militar, na manhã deste domingo, realiza-se o «Torneio Internacional de Outono», em florete e espada.

CICLISMO PARA A MANHÃ

No percurso Campo Grande-Moscavide processa-se, amanhã, a corrida ciclista denominada «DGD». No mesmo trajecto, a partir das 9 e 30, correm os «ídolos do passado».

BELENENSES EM ALMADA

No Pavilhão Universitário de Almada, o Belenenses defronta hoje, em andebol, a equipa local, a partir das 21 e 30. Outros jogos da quinta jornada da primeira fase do Campeonato Nacional da I Divisão: na Zona Sul (todos às 21 e 30), Campo de Ourique-Castelo Branco, em Campo de Ourique; Encarnação-Benfica, no Liceu D. Dinis; Caramão-Oriental, no Liceu D. Pedro V; e CDUL-Passos Manuel.

BASQUETEBOL: 206 PONTOS NO SPORTING-ATLÉTICO

No Pavilhão da Ajuda começou ontem a primeira jornada da fase final do Campeonato de Lisboa da I Divisão para apuramento do 1.º ao 4.º e do 5.º ao 8.º. Resultado expressivo foi o do Sporting-Atlético, em que foram alcançados 206 pontos, e que os «leoninos» ganharam por 120-86. Outros desfechos: CDUL-Benfica, 54-74, na Série A, e Algés-Nacional, 75-50, e Queluz-Cruz Quebrada, 54-58, na B.

HALTEROFILIA: "TORNEIO DE OUTONO"

Onze recordes nacionais e vários máximos regionais

Onze recordes nacionais de halterofilia e um número mais elevado ainda de máximos regionais foram batidos no decurso do «Torneio de Outono» da modalidade, realizado no último fim-de-semana. A prova movimentou 85 atletas e foi disputado em quatro zonas, de acordo com uma divisão geográfica. De salientar os resultados obtidos pelos «internacionais» Raul Dinis e Albano Pereira, que competiram na zona Centro-Sul.

As classificações foram as seguintes: Zona Norte (provas realizadas no Pavilhão das Antas e que contaram com a participação de oito atletas, todos do Futebol Clube do Porto) — Classe de 56 quilos: Joaquim Monteiro, 40 quilos (arranco) 62,5 (arremesso), total 102,5; 60: António Jesus, 67,5/80, 147,5 no total; 67,5: Manuel Torres, 80/105 — 185; 75: Artur Figueiroa, 90/100 — 190; 82,5: Tavares da Silva, 70/85 — 155; e 90: Serafim Lourenço, 80/100 — 180.

Zona Centro-Norte (disputadas na Marinha Grande, com a presença de dez levantadores de duas equipas: Associação Académica de Coimbra e Ginásio Figueirense): 56 quilos: Pedro Carvalho (GF), 75/90, 165; 60: Jorge José (AAC), 55/75, 130; 67,5: Carlos Amoedo (AAC), 70/90, 160; 75: Joaquim Morais (AAC), 70/85, 155; 82,5: José Flores (GF), 60/80, 140; 90: Fernando Custódio (GF), 77,5/90, 161,5.

Zona Centro-Sul (realizadas no Pavilhão do Belenenses, estiveram presentes 22 levantadores representando 7 equipas: Círculo de Ferro, Ginásio Clube Português, Sporting de Portugal, Lisgás, Carcavelos, Alhandra, e Belenenses, que se classificaram por esta ordem): 52 quilos: José Tavares (Círculo de Ferro), 52,5/80, 132,5; 56: Raul Dinis (Carcavelos), 75/117,5, 192,5; 60: Horácio Oliveira (Sporting), 70/95, 165; 67,5: José Sequeira (Ginásio), 70/95, 165; 75: Joaquim Costa (Ginásio), 100/132,5, 232,5; 82,5: João Martins (Ginásio), 80/100, 180; e 90: Albano Pereira (Ginásio), 110/165, 275.

Zona Sul — (provas realizadas no pavilhão gimnodesportivo do Alcochete. Estiveram presentes 45 levantadores de seis clubes, que se classificaram pela ordem seguinte: SFUAP, Escola Industrial e Comercial de Setúbal, Luso, Ginásio do Sul, Sesimbra e Ginásio Atlético Clube): 52 quilos: José Soares (SFUAP), 55/70, 125; 56: António Duarte (Luso), 70/100, 170; 60: António Leal (Setúbal), 77,5/100, 177,5; 67,5: Carlos Moreira (G. Sul), 102,5/125, 227,5; 75: Eduardo Baptista (Setúbal), 92,5/120, 212,5; 82,5: Manuel Farinha (G. Sul), 100/130, 230; 90: António Felisberto (Setúbal), 72,5/95, 167,5; 100: Arnaldo Dias (Luso), 75/90, 165; 110: Gil Ferreira (Setúbal), 80/90, 170.

Os onze recordes nacionais foram batidos pelos seguintes levantadores: Raul Dinis, Joaquim Costa, Albano Pereira, Manuel Gil, Joaquim Jesus, Eduardo Baptista e Jorge Soares.

B&D Black & Decker

NOVAS INSTALAÇÕES

TEMOS O PRAZER DE INFORMAR QUE A PARTIR DO DIA 25 DE OUTUBRO DE 1977, TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS (EXCEPTO ASSISTÊNCIA), PASSAM A FUNCIONAR EM S. JOÃO DO ESTORIL COM O SEGUINTE ENDEREÇO:
QUINTA DA CARREIRA, LOTE 78
TELEFONES 267613/38/63/88, 267713, 267631, 267513/38/63/88
267613 COM GRAVADOR DEPOIS DAS 17.30 H.
TELEGRAMAS - BLADEC • TELEX 16607 BLADEC P

CENTROS DE ASSISTÊNCIA

LISBOA
RUA DR. NICOLAU BETTENCOURT, 43-B — TEL. 553814, 553810 (NOVOS NÚMEROS)

PORTO
RUA DR. ALVES DA VEIGA, 208 — TEL. 564626

COIMBRA
RUA DR. MANUEL RODRIGUES, 45 — TEL. 29501

FARO
RUA GENERAL TEÓFILO DA TRINDADE, 55 — TEL. 24935

EM MONTARGIL

A UCP "12 de Maio" afectada por reserva

Da escrita da UCP «12 de Maio» de Montargil consta uma acta assinada, no dia 25 de Outubro, por três técnicos da Comissão de Gestão Transitória do Vale do Sorraia e por um trabalhador agrícola que acompanhados por um forte contingente da GNR marcaram na referida Unidade Colectiva de Produção uma reserva provisória a favor de um agrário que não compareceu na «cerimónia» da marcação. Consta ainda da acta que os elementos da Comissão de Trabalhadores da UCP «12 de Maio», apesar de notificados, também não estiveram presentes..

Segundo está lavrado na acta intervieram na operação os técnicos João Manuel Pacheco Mendes, José António Corte Real e Ludgero dos Santos e ainda o trabalhador agrícola Virgílio Cicero Catarino.

Entretanto a UCP «12 de Maio» enviou ao Presidente da República uma exposição na qual demonstra porque é que a determinação da CGT do Vale do Sorraia significa uma «flagrante violação à lei e mais um atentado visando nitidamente o impedimento das sementeiras que pretendemos sejam as maiores de sempre». No mesmo documento faz-se um relato, por ordem cronológica, de todo o processo que se iniciou no dia 12 do mês corrente, altura em que a UCP recebeu uma carta da Comissão de Gestão Transitória do Perímetro do Vale do Sorraia. Três dias depois a UCP respondeu àquele departamento estatal apresentando os motivos por que discordava da marcação da reserva na Herdade do Zambujeiro.

E os motivos coincidem com o facto de essa herdade não ter sido ocupada pelos trabalhadores mas sim entregue pelo proprietário já falecido neste momento. Afirma-se ainda que no caso da Herdade do Zambujeiro ser atribuída como reserva a continuidade da exploração ficaria quebrada. E mais: a UCP, de acordo com o anterior proprietário, pagou os salários atrasados aos trabalhadores que na altura trabalhavam na herdade do Zambujeiro.

Portanto a direcção da UCP «12 de Maio» propunha que se procedesse ao arrendamento da herdade da Zambujeira à UCP visto que os herdeiros do proprietário são menores e que a reserva fosse marcada numa zona diferente a fim de que a exploração da UCP não fosse afectada.

Na exposição os trabalhadors manifestam o seu repúdio por terem sido retiradas da citada herdade três camionetas com 1497 arrobas de cortiça amadia por José Martins da Silva, industrial da Chamusca, a mando da CGT do Vale do Sorraia. Essa cortiça tinha sido extraída pelos trabalhadores e negociada com pequenos industriais de Ponte Sor.

Apesar de a UCP ter proposto conjuntamente com os pequenos industriais assumirem a responsabilidade por qualquer indemnização que viesse a ser fixada, a cortiça foi vendida pelo reservatário. E agora quem paga os salários aos trabalhadores que extraíram a cortiça e ainda as demais despesas?

EM 1976/77

FORTES QUEBRAS NA PRODUÇÃO DE CEREAIS

A produção de trigo anual deverá ser 71 por cento inferior à de 1976 atingindo, se os cálculos do Instituto Nacional de Estatística forem correctos, apenas 196 mil toneladas. O ano passado os agricultores portugueses produziram 686 mil toneladas.

A descida que corresponde a menos 68 por cento que a média do último decénio deve-se fundamentalmente ao excesso de chuvas e ao elevado número de dias com impossibilidade objectiva para as sementeiras. As baixas de centeio e de grão-de-bico são, igualmente consideráveis mas algo inferiores: 46 e 27 por cento, respectivamente, somando o centeio 90 mil toneladas e o grão 11 mil.

Já as quebras de produção de milho e feijão de sequeiro são enormes enquanto o rendimento destes dois cereais, nos terrenos de regadio, deverá atingir rendimentos por hectare superiores em oito por cento aos da colheita anterior.

A elevada percentagem de humidade beneficiou, igualmente, batatas de regadio cujo rendimento por hectare superior ao de 1976 em 18 por cento e desfavoreceu o ciclo vegetativo da azeitona e da uva que deverão sofrer quebras de produção da ordem dos 35 e 37 por cento respectivamente.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em algumas regiões.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11°
PENHAS DOURADAS	11°
COIMBRA	12°
PORTUGAL	18°
LISBOA	17°
ÉVORA	15°
BEJA	15°
SAGRES	18°
FARO	18°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	19°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ANADIA
Máxima 23,5°
FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO
Mínima 4,6°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.10	4,0 m	9.40	1,0 m
16.29	3,8 m	21.51	1,1 m
Dia 30			
4.44	3,9 m	10.14	1,1 m
17.04	3,7 m	22.25	1,2 m
Dia 31			
5.18	3,7 m	10.50	1,- m
17.39	3,5 m	23.01	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado; vento fraco, condições favoráveis à ocorrência de neblina e nevoeiros matinais

AMANHÃ

NASCER AS 7.02
OCASO AS 17.39

DIA 4 DIA 11 DIA 17 DIA 25

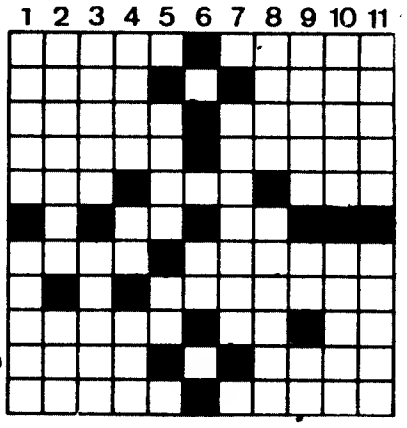
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11.877

HORIZONTAIS:

1 Tolera. Curar.
2 Espectáculo. Tempo do verbo ser. Rio da Alemanha.
3 Diz-se de um ácido orgânico, azotado que se encontra nas urinas em pequenas quantidades. Tempo do verbo ir.
4 Baús. Fundadora de Cartago.
5 Pequeno símio do Brasil. Prefixo que designa ar. Ribeira de Portugal.
6 Campeão. Oferece.
7 Adiciono. Coelho pequeno.
8 Cacularas.
9 Homicídio. Pronome pessoal (inv.). Post-scriptum.
10 Lavrai. Artigo definido. Homem de baixa estatura.
11 Nome de flores. Estimais.



VERTICAIS:

1 Recuas. Adicionar.
2 Eirado. Rezo.
3 Exclusiva. Olhas atentamente.
4 Origem. Preposição e artigo definido. Irmã da mãe.
5 Sufixo que designa abundância. Pronome pessoal.
6 Ve.
7 Realidade.
8 Terra nova e arroteada de fresco. Tocam apito.
9 Redimis. Aparência. Em a.
10 Velho. Tirai (pop.).
11 Dar a coroa da rosa a. Restos mortais.

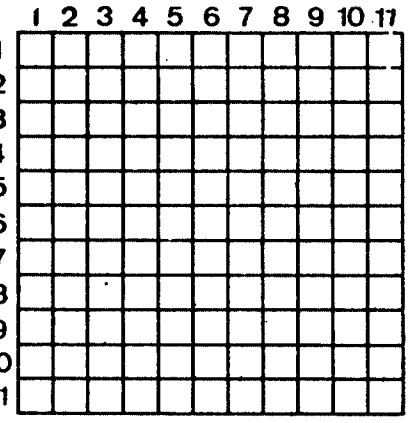
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7938

HORIZONTAIS:

1 Passada. Ave pernalta. Espaço de doze meses.
2 Ruim. Antiga cidade da Média Superior. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire.
3 Içara. Cai à cama.
4 O mesmo que mula. Reze.
5 Oceano. Preposição. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
6 Termino. Aceiro.
7 Alegrias. Versejar.
8 Uma das ilhas jónias.
9 Piolho o mesmo que ganau (gír.). Nome de mulher.
10 Moeda de prata espanhola. Fruto da lanceira.
11 Ateado. Amargo.



VERTICAIS:

1 Magnete natural. Oceano. Fruto da ateira.
2 Região da Jugoslávia, à beira do Adriático. Antes de Cristo.
3 Sopros. Um dos compartimentos do curral-de-peixe (Bras.).
4 Época. Flutuais.
5 Povoação do concelho de Condeixa. Usa.
6 Pronome pessoal. Verso.
7 Prende. Forma popular de macela.
8 Ferro temperado. Remavam para trás.
9 Equipem. Mulher de baixa estatura.
10 Mencionaras. Crómio (s q).
11 Vazia. Coragem. Punhado.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.876

HORIZONTAIS:
1 Asi. Abatias.
2 Me. Amarrota.
3 Aterre. Ar.
4 CADA. Cama.
5 Ama. Ganirão.
6 Rumar. Jará.
7 Ratara. Ará.
8 Cas. Mo. Usos.
9 Os. Calca.
10 Criai. UM.
11 Ca. Sarem.

VERTICAIS:
1 Amaçar. COMO.
2 Adamas. CC.
4 Ata. At. Crá.
5 Ame. Gramai.
6 Barca. Rolas.
7 ARRANJA. Cia.
8 Tremia. Ua.
9 Io. Arras.
10 Ata. Aaro. Um.
11 Sarro. Asam.

Provérbio: CADA UM COMO SE ARRANJA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7937

HORIZONTAIS:
1 Mato. Gama.
2 Mirrara.
3 AC. Rasto. VA.
4 Cegar. Iscas.
5 Rao. Ion. Lot.
6 Or. Coras. Si.
7 Pá. Aa.
8 Irosa. Corca.
9 Ror. Sal. Per.
10 Altas. Abara.
11 Soara. Saras.

VERTICAIS:
1 Cachoeiras.
2 Cear. Rolo.
3 Am. Gó. Porta.
4 Tira. Cas. Ar.
5 Horário. Assa.
6 Rs. Oro.
7 Gatina. Clas.
8 Aros. São. Ba.
9 Ma. Cl. Arpar.
10 Vaos. Cera.
11 Mastigaras.

Explode mais um engenho no Funchal

Ontem, cerca das três e 30 da madrugada, na zona da Ponte do Porto (Funchal), rebentou mais um engenho explosivo de forte potência num grande reclamo de electrodomésticos onde recentemente fora afixada uma bandeira da FLAMA. Parte da estrutura do reclamo que era em cimento armado, ficou destruída. Recorde-se que há cerca de três dias, como o «DL» noticiou, houvera um roubo num depósito de pólvora.

DEMISSÕES NO GOVERNO

No momento em que se noticia que o Governo Regional da Madeira altera o seu pelouro de seis para oito secretários são dadas como certas as saídas do actual elenco governativo, do secretário regional da Educação e Cultura, dra. Margarida Costa, que apresentara já a sua demissão em Junho passado no último Congresso Regional do PPD e que só se não consumou por não querer criar possíveis cisões, e ainda do secretário regional da Agricultura e Pescas, dr. Manuel Alegria.

CARLOS AZEREDO EM TRIBUNAL

O semanário separatista «Diário da Madeira» refere, na sua edição de hoje, que o coronel Carlos Azeredo será julgado no Funchal. Diz o semanário: «O coronel Carlos Azeredo que foi presidente da antiga Junta de Planeamento da Madeira deverá ser julgado brevemente no Tribunal do Funchal por abuso de autoridade e violação da Lei da Imprensa quando exercia aquele cargo, nas pessoas do director deste semanário e dois colaboradores.»

Pesqueiro português apresado em África

O pesqueiro português «Ilha do Fogo» da SNAPA foi apresado quando operava em águas territoriais senegalesas.

O comandante da embarcação justificou-se afirmando ignorar que as águas onde se encontrava pretencessem àquele país.

O «Ilha do Fogo» faz parte de uma frota portuguesa que opera na Guiné-Bissau ao abrigo de um acordo bilateral de cooperação com Portugal.

A DOIS DE NOVEMBRO

Leite francês desembarca em Lisboa

Vão ser distribuídos pelos postos de consumo, no próximo dia dois de Novembro, cerca de 400 mil litros de leite importado da França e transportado para Lisboa a bordo de um cargueiro porta-contentores.

A distribuição do leite importado far-se-á pela zona da Grande Lisboa, Algarve, Alentejo, por algumas cooperativas e pela UCAL.

Este fornecimento pretende vir atenuar, ainda que por alguns dias, as dificuldades de abastecimento de leite que se registam já há algum tempo não só em Lisboa, como noutros grandes centros urbanos.

QUINTA COM GRANDE MORADIA
VENDE-SE
Com vários anexos, 5000 m2 a 30k de Lisboa. Facilita-se pagamento, trata o próprio com o próprio. Não se informa por carta. Quinta do Freixo Rua de Setúbal n.º 1 - Vendas de Azeitão. Todo o dia sábados e domingos. Restantes depois das 18 horas

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

COLISEU
GRANDE ÊXITO
Todos os dias
2 espectáculos às
16 e 21.45 h
Sábados, domingos e feriados às 14.30, 17.15 e 21.15 horas
(Espectáculo para todos)
BILHETES À VENDA

MAGIC ART
APARELHO DE DESENHO
Agora TODO O MUNDO pode desenhar o que quiser e no tamanho desejado como um bom artista
A COBRANÇA + [illegible]
PEDIDOS A:
SEX SHOP APARTADO, [illegible] PORTO

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 61
Até às 22 horas

AFRICANA — R. Benardino Costa 45. Tel. 369120.
ARNALI — Rua Escolas Gerais 63-A Tel. 863940.
ASCENSO — Praça do Norte, 11-A (B.º Encarnação) Tel. 311216-310172.
AVENIDAS — Av. da República, 27-A Tel. 533688.
AZEVEDO, FILHOS — Pr. D. Pedro IV. 31 (Rossio) Tel. 3227478.
CARRASCO — Rua Presidente Arriaga 39 Tel. 667460.
CELTA — Rua Moura Girão, 3-B Tel. 890621.
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77 Tel. 790480.
CUNHA — Rua Escola Politécnica, 16 Tel. 325455.
DIMAR — Rua Conde Monsaraz, 17-B Tel. 842533.
G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C Tel. 771873.
GAMA — Calçada da Estrela, 130 Tel. 660339.
J. RIBEIRO — Estr. da Luz, 199-A Tel. 780969.
JOÃO XXI — Av. João XXI, 16-A Tel. 726462.
MARLUZ — Calç. da Picheleira, 140 Tel. 720703-728395.
MENDES GOMES — C.ª da Ajuda, 222 Tel. 638256.
NOBEL — Rua Actor Vale 53 Tel. 842152.
OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A Tel. 684424.
OLIVEIRA VIEGAS — R. Viriato, 29-A Tel. 548966.
ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo 2-B Tel. 45079.
PORFÍRIO — Rua Francisco Metrasse, 59-B Tel. 663349.
RAINHA SANTA — R. Afonso Lopes Vieira, 57-B Tel. 765262.
S. A. E SILVA Filos — Rua S João da Mata 72-74 Tel. 661010.
SALTER — Rua de Xabregas, 63-65 Tel. 381185.
SANEX — Av. da Igreja, 31-C Tel. 897505.
SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 16-A Tel. 310581.
TAPADA — Calç. da Tapada, 83-ga tel. 634721.
UNIÃO — Estr. de Benfica, 592-594 Tel. 700092.

Permanente

AVENIDAS — Av. da República, 27-A Tel. 533688.
AZEVEDO, FILHOS — P.ª D. Pedro IV 31 (Rossio). Tel. 327478.
CELTA — Rua Moura Girao, 3-B Tel. 890621.
CUNHA — Rua Escola Politécnica, 16 Tel. 325455.
PORFÍRIO — Rua Francisco Metrss, 59-B Tel. 663349.
SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 16-A Tel. 310581.
OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A Tel. 684424.
SALTER — Rua de Xabregas, 63-65 Tel. 381185.
TAPADA — Calç. da Tapada, 83-A tle. 634721.
UNIÃO — Est. de Benfica, 592-594 Tel. 700092.

Nota — As farmácias que não estão de serviço permamente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Girassol — R. Elias Garcia, 17 (Tel. 974161) (Permanente)
Helénica — R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613) Até às 22 horas
DAMAIA
Confiança — Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)
QUELUZ
Zeller — R. da República, 83 (Telef. 950045)
CACÉM
Central — R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
ALGUEIRÃO
Rodrigues Rato — (Tel. 2912038)
MERCÊS
Claro Russo
RIO DE MOURO
Riomouro — Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194)
SINTRA
Marrazes — Vila (Telef. 2930155)
COLARES
Abreja — (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores — R. António Granjo, 2 (Telef. 2113161)
CARCAVELOS
Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAÇO DE ARCOS
Pargana — Av. Engº. Bonneville Franco (Telef. 2435147) Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS
Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485) Até às 22 horas
PAREDE
Macau — R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRA
Amoreira — (Telefs. 282313 — 267314) Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Lopes — R. Hangar, 3 (Telef. 260008) Até às 24 e das 0 às 9 horas
CASCAIS
Cascais — R. Conde de Monte Real — B.º Caxas (Tel. 282407) Até às 24 e das 0 às 9 horas

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima — Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
ALMADA
Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 2750076)
BARREIRO
Central — Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2073207) Permanente
Piçarra — Av. do Bocage, 65-A (Telef. 2074771) Até às 19 horas
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa — Est. das Barrocas, 50-A (Telef. 2494182)
MOITA
Silva Rocha — P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Moderna — R. Bulhão Pato 60 (Telef. 2310156)
SESIMBRA
Lopes — R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028)
SEIXAL
Godinho — L. da Igreja 51 (Tel. 2218580)
COSTA DA CAPARICA
Carlos — Av. do Mar, 34-A Quinta de St.º António.

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

MARTINO, SUCR — Pr. Marquês de Pombal, 122 — Tel. 480747; **POMBEIRO** — Campo Mártires da Pátria, 152 — Tel. 311295; **PRELADA** — Rua Central de Francos, 316 — Tel. 64312; **S. ROQUE DA LAMEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1111 — Tel. 51739; **SÁ DA BANDEIRA** — Rua Sá da Bandeira, 236 — Tel. 22164; **FERREIRA DA SILVA** — Rua Mártires da Liberdade, 150 — Tel. 24023; **S. LÁZARO** — Av. Rodrigues de Freitas, 297 — Tel. 27043; **MELO TAVEIRA** — Rua Alcaide Faria, 77.

(De dia e toda a noite)

AMEAL — Rua do Ameal, 1227 — Tel. 483550; **CAMPO ALEGRE** — Rua do Campo Alegre, 723 — Tel. 62245; **PENINSULAR** — Rua Cha, 100 — Tel. 20707.

COIMBRA

SILVA SOARES — R. M. de Albuquerque, 26-28 — Tel. 71454; **SITÁLIA** — Largo da Sé Velha, 13-14 — Tel. 23234.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Santo Inquérito»
MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«O Pato»
TEATRO ABERTO
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Os Macacões»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»
TEATRO BAIRRO ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro de Carolina»
ADOQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Calinas Cala a Boca»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Alto e para o Baile»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O da Guarda»
COLISEU
21.30 (6 anos)
«A Magia Internacional do Circo»
MONUMENTAL
21.30 (13 anos)
«Aqui Quem Manda sou Eu»
VARIEDADES
20.45 e 23.00 (13 anos)
«Desculpa ó Caetano»

LISBOA/Cinemas

EUROPA
21.15 (13 anos)
«Maomé, o Mensageiro de Deus»
ROYAL
21.30 (18 anos)
«5 Indomáveis Selvagens»
CAPITOLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«Inibição»
CINE AUDITÓRIO
21.30 (18 anos)
«Se disparas Mato-te»
CINEARTE
21.30 (18 anos)
«Pânico no Estádio»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Espada de Samurai»
QUARTETO
Sala 1
21.00, 23.00 (18 anos)
«Dias Tranquilos em Clichy»
Sala 2
21.00 e 23.00 (18 anos)
«A Punição»
Sala 3
21.15 e 23.30 (18 anos)
«A Alice já não Mora Aqui»
Sala 4
21 e 23 (13 anos)
«Mónica e o Desejo»
PARIS
21.30 (18 anos)
«Missão Secreta»
MONUMENTAL
21.30 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois Maridos
OLIMPIA
Sessões permanentes (18 a.)
«Sexualmente Tua»
LUMIAR
21.30 (18 anos)
«O Tigre do Karaté»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Queremos os Coronéis»
VOX
21.30 (13 anos)
«O Expresso de Chicago»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Rainha Ardente»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«Voando Sobre um Ninho de Cucos»
PAREDE
Royal-cine
21.15 (18 anos)
«A minha mulher é doida»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Nunca é tarde Para amar»
Casino
21.15 (18 anos)
«Cabaret»
CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«A Colina dos Sarilhos»
Oxford
21.30 (18 anos)
«A Mulher Policia faz Carreira»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.30 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois maridos»
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 ano
«A Desforra (...ércules»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Ives, o Temerário»

OUTRA BANDA

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Mcq um detective acima da lei»
ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«A História de Adele H»
ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Liberdade Para amar»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (13 anos)
«Isto é que me Dói»
TERÇO
22.45 (18 anos)
«O Pátio das Cantigas»

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.15 (14 anos)
«O Maior Espião da História»
COLISEU 21.30 (18 anos)
«1900» (2.ª parte)
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«O Espião sem Aamanhã»
S. JOAO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»
HAPLIN
21.30 (18 anos)
«Carrie»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Viagem ao Inferno»
RIVOLI
21.45 (18 anos)
«Punhos em Fúria»
CHARLOT
21.30 (18 anos)
«O Padrinho» (2.ª parte)
SALA BEBÉ
21.10 (18 anos)
«Um Lance no Escuro»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«O Inquilino»
ESTUDIO 400
21.30 (6 anos)
«Os Malucos em Espanha»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»
BATALHA
21.30 (13 anos)
«O Abismo»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«1900» (1.ª parte)

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (13 anos)
«Maomé, o mensageiro de Deus»
S. TEOTÓNIO
21.30 (13 anos)
«Os Canhões de Navarone»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«A História de Adele H»
TIVOLI
21.30 (13 anos)
«Ben-Hur»

cinemas

ab CINE
Tel. 803056

Sala A
Não acons. men 13 anos
13, 15, 17, 19 e 21.30 23.30
CHEGOU A HORA DE VINGANÇA
Sala B
A CASA DOS DESEJOS
12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 23.30
(Grupo D. Maiores 18 anos
As 6.ªs feiras e sabados sessões as 24 h

ALVALADE
Tel. 897480 15,15 18.15 e 21.15

Da índia, uma fascinante história de amor!
A COMPANHEIRA DA MINHA VIDA
5.ª semana
com Tanuja e Rajesh Khanna
Colorido não aconselhável a menores de 13 anos

APOLO 70
Tel. 763319 14, 16.30, 19, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
Bruno S. Walter, Ladengas, Brigitte Mira
O ENIGMA DE KASPAR HAUSER
um filme de Werner Herzoc
Hoje às 24 h (12 anos)
HONDO, O DESTEMIDO

AVIS
Tel. 47163 15, 18.15 e 21.30

Não acons. men. 13 anos
20.ª Semana
SOFRIMENTO DE AMOR
c/Shashi Kapoor e Sharmilla Tagorr!

BERNA
Tel. 776098 14.15, 17.45, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
Al Pacino - Robert Duvall, Diane Keaton, Robert de Niro
O PADRINHO PARTE II
um filme de Francis Ford Coppola

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 14, 16.30, 19, 21.30

Não acons. a men. de 18 anos
James Mason, Susan George, Perry King em
MANDINGO
Um filme de Richard Fleischer

CASTIL
Tel. 530194 15, 18.30 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
c. Barbara Steisand Kris Kristo Hesson
NASCE UMA ESTRELA
Premiado com 5 Globos de ouro
5.ª semana

CONDES
Tel 322523 14 16.30 18.45 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos
O EXPRESSO DE CHICAGO
c/Gene Wilder
um filme de Arthur Miller
Colorido

EDEN
(Tel. 320768) 14, 16.30, 19, 21.30

Jack Lemmon, Lee Grant, Branda Vaccaro, Joseph Cotten
AEROPORTO 77
um filme de Jerry Jameson
Não acons. a men. de 13 anos

ESTÚDIO
Tel. 535134 14.30, 16.45, 19, 21.30

Não acons. a men. 13 anos
007-AGENTE IRRESISTÍVEL
6.ª semana

ESTÚDIO 444
Tel 555134 15 30 18.30 e 21.45

Não acons. men. 13 anos
NASCE UMA ESTREIA
Às 24 h Int. a men. 18 anos
EMMANUELLE ANTI-VIRGEM

IMPÉRIO
Tel. 5551345 15.15, 18.30 e 21.30

Em estreia
Não acons M/13 anos
14 aventuras na odisseia mais espantosa
UMA PONTE LONGE DEMAIS
Colorido
Um espectaculo invulgar

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

Não acons. 13 anos
AS BELAS MULHERES DOS OUTROS
C/Jean Rockefort Claude Brosseur Cruy Bedos
Hoje às 0 h (Para todos)
SERENATA À CHUVA

MUNDIAL
Tel: 538743 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. M/13 anos
O ABISMO
com Robert Shaw, Jacqueline Bisset e Nick Nolte

NIMAS
Tel. 574362 14,30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos
ADOPÇÃO
Às 24 h
Não acons a M/18 anos
ASFALTO QUENTE

ODEON
Tel 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men de 13 anos
KING KONG SUPERMAN
Eastmacolor c. Bruce Liang Chiana al Cha Sek King

PATHE
Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.30

Sónia Braga, José Wilker Mauro Mendonça em
DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS
um filme de Bruno Barreto
Não acons. a men. de 18 anos

POLITEAMA
Tel. 326305 13.55, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. men. 13 anos
A CANÇÃO DA FELICIDADE
4.ª semana
O filme começa logo no inicio da sessão

RESTELO
Tel 610375 15. 18.15, 21.30

A ÚLTIMA LOUCURA
Para todos

ROMA
Tel 887778 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. a M. 13 anos
AEROPORTO 77
Suspense máximo!
com Jacá Lemmon - Lee Grant

ROXY
Tel. 48560 14.15 16.30 18.45 21.30

Não acons. men. 18 anos
DE CALCINHAS COR DE ROSA
Em 2.ª semana
(Colorido)

S. JORGE
Tel. 579144 15.15 1..30 e 21.30

UMA PONTE LONGE DE MAIS
2.ª Semana
Não icons a M 13 anos
As sessões começam ao fecção do filme

TIVOLI
T. 570595

Sessões às 15.15, 18.30, 21.30
Julie Andrews, Dick Van Dyke em
MARY POPPINS
Um filme de Walt Disney Productions
8.ª Semana
Para todos

NOVO CINE
Sessões às 15,15 e 21.15

3.ª Semana de grande exito
Um grandioso filme indiano
CULPADO OU INOCENTE?
com Waheeda Rehamn/ Amitabh Bachchan
Hoje às 24 horas
Não acons. a menores 18 anos
CONFIDÊNCIAS DE UM LAVADOR DE JANELAS

D. JOÃO V DAMAIA
Tel 840678 As 21.15

Interdito a menores de 18 anos
O REGRESSO DE KING KONG
Às 23.45 Int. men. 18 anos
KARATO, A MÃO DA MORTE

rádio

1.º Programa

18.00 Noticiário. «Variedades», programa organizado pela Radiodifusão Portuguesa; **18.45**: Um solista; **9.00** «Cantorias»; **19.30** «O Que Tenho Para Dizer», pelo professor Vitorino Nemésio; **19.40** Música variada; **20.00** Jornal da noite; **20.30** Orquestras; **21.00** 3.º episódio do folhetim «Oliver Twist», de Charles Dickens, numa adaptaçao de Maria de Lourdes Vicente; **21.20** «Contraponto»; **00.30** Conjuntos; **01.00** «Som na Madrugada».

2.º Programa

15.00 «Quinzena da música russa e soviética» Concerto non stop transmitido do Teatro S. Luís - Colaboram a Orquestra Sinfónica da RDP. — Prelúdio da ópera «Kovanchina», de Mussorgski; — Cavatina da ópera «Russlan e Ludmill», de Glinka. — Arioso da ópera «A Feiticeira», de Tchaikowsky. — Concerto de violino n.º 2, de Balsis. — Concerto de piano n.º 1, de Prokolieff. — Sonata para violino e piano, de Julius/Muzelinnas. — Suite da ópera «Não amar somente», de Chedrine. — Arioso da ópera «A Donzela de neve», de Rimsky-Korsakoff. — Aria da ópera «O Principe Igor», de Borodine. — Aria da ópera «Aleko», de Rachmaninoff. — Sinfonia n.º 5, de Chostakovitch; **20.30** Suites: «Fogo de Artifício», de Handel. «S. Paulo», de Holst; **21.00** Música sinfónica de Brahms: — Abertura para um festival académico op. 80. — Concerto em ré maior op. 77/violino e orquestra; **22.00** Concerto: — Partida n.º 2 em Ré menor, BWV 1004, de Bach. — Música Electro-acústica: «Como una ola de puerza e luz», de Luigi Nono; **23.00** «Quinzena da música russa e soviética» Intercâmbio musical: — Concerto para flauta e Orquestra (cordas e piano), de Boris Tichenko e — Cantata «26», de Oleg Galajoff. Programa em gravações cedidas pela Rádio Moscovo; **23.50** Música de Beethoven: — 33 variações sobre um tema de Diabelli op. 120; **00.45** Concerto n.º 9 em ré maior, de Vivaldi; **01.00** Fecho.

3.º Programa-Local (187,5 m)

18.15 Sal e pimenta (repetição); **18.30** «Bric-à-brac» **19.03** Implacável, por Carvalho Ramos; **20.10** Turismo: temas e problemas, por Júlio Padesca; **20.40** Serviço de agenda; **21.00** Fecho.

4.º Programa - Emissão Total em Estereofonia

19.00 «Em Órbita»; **20.00** «Forum» Realização de Jorge Lopes; **22.00** «Auditório»; **00.00** «Prisma» Realização de Fernando Quinas; **02.00** Fecho.

Rádio Renascença

18.08 Apelos; **18.15** Ao encontro da palavra; **18.30** Transmissão do Terço (Porto); **19.00** Programa da Liga dos Amigos de R. R.; **19.25** Leitura do programa; **20.00** Objectivo; **20.54** Apelos; **21.05** Pentagrama; **22.00** Quando o telefone toca; **22.30** Temas vivos; **23.05** Última hora; **23.30** No Mundo do Trabalho; **01.00** Rotação; **02.00** Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º 7.º
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

"Ai o pão dos meus filhos!"

Testemunhas oculares contaram que em 1945, em plena explosão democrática, com directas repercussões na Imprensa portuguesa, Salazar, através de António Ferro, procurou pressionar os jornais que directa ou indirectamente controlava no sentido de anular a euforia antifascista que se manifestava no País depois do fim da Guerra Mundial. António Cruz, então director de «A Tarde», por encomenda de Ferro, escrevera um artigo de fundo a defender o salazarismo, mas o clima entre os trabalhadores e a própria administração da empresa (o «Jornal de Notícias», do Porto) não era favorável à publicação de tal artigo.

Antonio Cruz, no seu gabinete, nervoso, quando lhe vinham confidenciar que o artigo não saía, deitava as mãos à cabeça, gritando: «Ai o pão dos meus filhos!» Quando lhe vinham confidenciar que o artigo saía, deitava igualmente as mãos à cabeça e tornava a gritar: «Ai o pão dos meus filhos!».

O então chefe da Redacção de «A Tarde», Octávio Sérgio, empastelou a composição do artigo, o que acabou com a questão e levou à demissão de António Cruz e ao encerramento do jornal.

Estes factos vieram-me agora à ideia por um certo paralelismo com a situação do PS, «perdido» se se alia à direita, «perdido» se se alia à esquerda, «perdido» se não se alia a lado nenhum.

MANUEL DE AZEVEDO

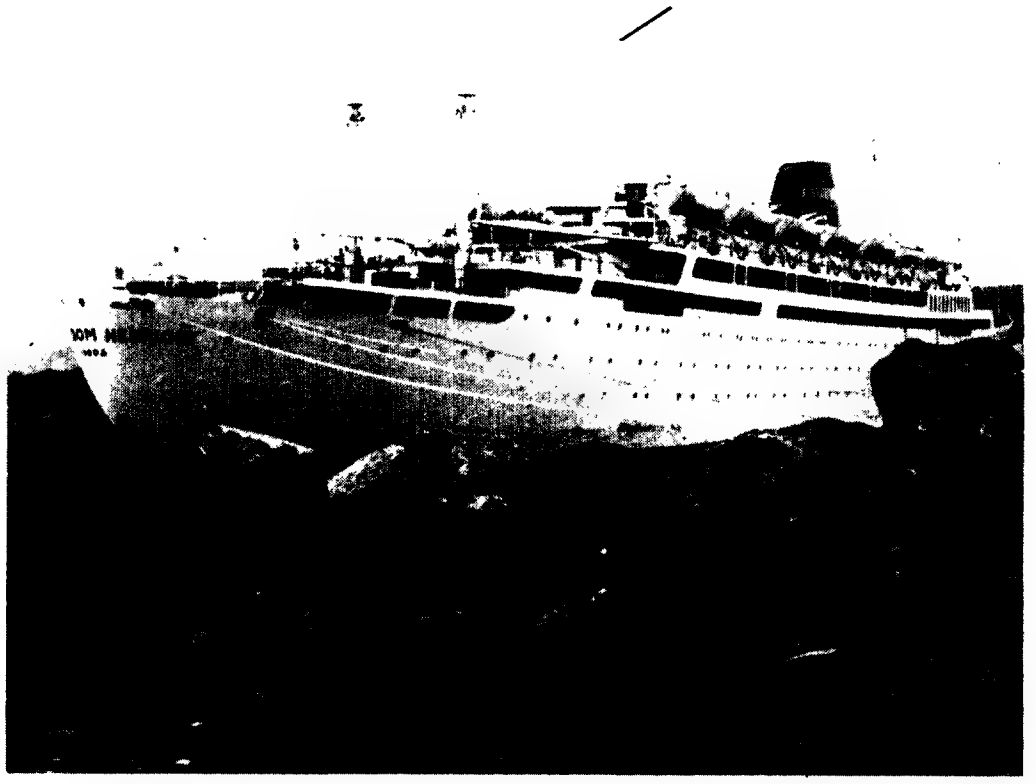
"A Juventude pelo direito ao trabalho"

Com a presença de Alvaro Cunhal e Octávio Pato, começou esta manhã, no pavilhão do Sport Clube Sacavanense, o Encontro Nacional «A juventude pelo Direito ao Trabalho», promovido pela União da Juventude Comunista e União dos Estudantes Comunistas. Oitocentos delegados e cerca de três mil convidados de todos os pontos do País estão presentes nos trabalhos, que ocuparão o fim-de-semana, e têm como principal objectivo debater os problemas de desemprego e primeiro emprego dos jovens trabalhadores. O Encontro termina amanhã à tarde, com uma sessão de canto livre, teatro e poesia.

Conselho Nacional do MDM reúne amanhã

. O Movimento Democrático de Mulheres — MDM — realiza amanhã na sua sede em Lisboa, com inícios às 10 horas, a reunião do seu Conselho Nacional, na qual participam cerca de 100 elementos que fazem parte daquele Conselho, provenientes dos mais variados pontos do País.

Serão debatidos os temas seguintes: Evolução e situação da Mulher em Portugal; o MDM e o seu papel na Organização das Mulheres e Discussão e Aprovação do Programa do MDM para 1977/78.



Após oito anos ao serviço da «guerra colonial», a reforma inesperada para um paquete ainda jovem

O DESTINO DO "INFANTE D. HENRIQUE"

Camarata para 1600 operários no "mar agitado" de Sines

SINES, 29 (Dos nossos enviados Manuel Geraldo (texto) e Rui Pacheco (fotos) — A primeira tentativa até agora feita em Portugal de transformar um transantlântico, o «Infante D. Henrique», em hotel flutuante ou, no caso, em camarata para albergar 1600 trabalhadores do complexo industrial em construção nesta vila, está a criar sérios problemas aos mentores de um projecto orçado em cerca de 380 mil contos.

As principais dificuldades começaram a tomar vulto, a partir da última segunda-feira, quando a inesperada agitação do mar destruiu quase por completo os diques que estavam a ser construídos para isolar o navio numa lagoa artificial, situada entre Santo André e Sines.

Segundo afirmou ao «DL» um técnico ligado ao Gabinete da Área de Sines, todos estes problemas poderiam ter sido evitados se os trabalhos de colocação e encalhe do «Infante D. Henrique» na lagoa tivessem sido iniciados há mais tempo, ainda durante a época estival, portanto num período de mar calmo, sem chuva nem ventos fortes. A mesma fonte referiu-nos ainda a pouca oportunidade deste projecto, cujo elevado custo poderia ter proporcionado uma solução mais viável e menos arriscada, já que teria tornado possível a construção de meio milhar de apartamentos dotados das condições mínimas exigíveis quanto a habitabilidade.

PESADA HERANÇA DE CATORZE ANOS DE GUERRA COLONIAL

Antes do «Infante D. Henrique» ter sido adquirido para este efeito à Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos, sua concessionária, chegou a ser ventilada a sua utilização para alojamento de retornados, destino igualmente apontado para outros navios do género, nomeadamente o «Vera Cruz» e o «Príncipe Perfeito».

Recorde-se que construídos para vogarem em missões de paz e progresso estes paquetes de porte imponente, tornaram-se com o advento da guerra colonial em autênticos estandartes de uma política de agressão e, simultaneamente, num pesado encargo para o erário público, que o povo português pagou em nome dos «supremos interesses da Nação» que eram, afinal, pertença exclusiva de uma minoria privilegiada.

Com o 25 de Abril, a que se seguiram as independências progressivas da Guiné, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Moçambique e Angola, e com a intensificação do tráfego por via aérea que passara a substituir com vantagens consideráveis o transporte marítimo de passageiros e até mesmo de mercadorias, uma interrogação ficou desde logo a pairar: qual o destino que iria ser dado àqueles gigantes dos mares, a partir daquela altura desmobilizados da sua função belicista?

. A resposta foi dada de imediato com a venda do «Vera Cruz» à Formosa por trinta mil contos, para ser transformado em ferro-velho, ao mesmo tempo que o «Funchal» seria fretado a uma empresa sueca, para fazer viagens de cruzeiro no mar do Norte, durante o Verão, e ao Brasil, Caraíbas e Oceano Índico, nos meses de Inverno.

Estava assim dado o destino a alguns dos navios que ao longo de quatorze anos haviam sulcado os mares levando no seu bojo milhares de jovens, pressionados ou seduzidos por uma campanha alienatória, muitos dos quais haveriam de sucumbir ou regressar amputados no corpo e de espírito marcado por uma experiência traumatizante.

VIVER NO MAR NÃO SEDUZ

Encalhado numa lagoa artificial o «Infante D. Henrique», embora não constituindo, conforme apurámos junto da maioria dos trabalhadores de Sines, a solução ideal para o problema, poderá vir a resolver, pelo menos a curto prazo, algumas das questões levantadas com as necessidades de alojamento para algumas centenas de operários. E isto, precisamente, se atendermos a que neste momento as rendas de casa nesta vila chegam a atingir os dez contos mensais, o que vem provocando situações desesperadas para muitas famílias.

«Ir viver no mar não entusiasma muito a rapaziada, mas antes isso que não termos nada», frisou ao «DL» um mecânico em serviço no Complexo, a quem há poucos dias pediram três contos por um simples quarto.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE SETEMBRO:
43 800 exemplares
(Hoje 20 páginas)

"Tonico Bastos" e "Malvina" na 4ª feira em Lisboa

. Encontra-se desde ontem em Lisboa e deverá gravar, hoje, um programa na RTP o autor e compositor brasileiro Edu Lobo autor de «Upa Neguinho», «Arrastão» e outras composições musicais, vem a Lisboa após uma digressão de 40 dias na Alemanha Federal.

O artista grava esta tarde, numa «boîte» de Lisboa um «show» que será apresentado pela RTP no final do ano.

Edu Lobo, que se encontra em Lisboa acompanhado da sua mulher, não dará nenhum espectáculo público.

Entretanto soube-se que Malvina e Tonico Bastos, duas das principais figuras da telenovela que há meses preenche o início de serão de enorme parte da população portuguesa, estarão em Lisboa no próximo dia 4 de Dezembro para participarem num «show» ao vivo no teatro Monumental.

Elisabeth Savalla e Fulvio Stefanine (assim se chamam a rapariga rebelde e o pinga-amor da «Gabriela») deslocam-se para acompanhar o actor e comediante brasileiro Chico Anisio no espectáculo que uma marca de refrigerantes se propõe realizar no Monumental com posterior transmissão pela televisão e cuja receita reverterá a favor da Casa do Pessoal da RTP.

Actualmente Chico Anisio tem um «show» na TV Globo, do Rio de Janeiro, intitulado «Chico City». Nele o conhecido cómico interpreta, entre outras a figura de um emigrante português baptizado de Sacadura».

Chico Anisio e os seus companheiros de espectáculo chegam a Lisboa na próxima quarta-feira.

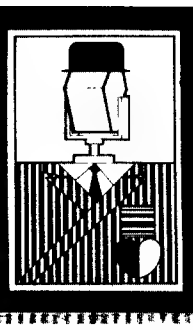
Ref.ª Comercial

POR 780 CONTOS EM VILAMOURA

. No centro do **Fabuloso Empreendimento Turístico Residencial de Vilamoura** entre os campos de Golf, direccionado para a MARINA, e com panorâmica vista de Mar, situa-se o elegante **Conjunto «Le-Club»**

Deste conjunto (com cinco tipos de diferentes projectos aprovados e à escolha dos interessados em moradias de requintado conforto, todas elas com grandes livings, lareiras, terraços e magníficos jardins individuais circundantes), vendem-se ao preço único de 780 000$00 os restantes lotes de terreno do «Le-Club». Solicitar por postal ou carta informações ou reserva de compra, nesta ocasião única com condições de pagamento a estabelecer de conformidade com o programa financeiro dos interessados . ao procurador-geral do Conjunto Urbanístico «Le-Club», Sr. Lúcio Marques, com escritório na Praça do Chile — 15-1.º Lisboa, e em Vilamoura, mesmo no «Le-Club»

BBC VERSUS PORTUGAL
HISTÓRIA DE UM DESPEDIMENTO POLÍTICO
OS MECANISMOS DA INFORMAÇÃO E CONTRA-INFORMAÇÃO
NUM LIVRO DE ANTÓNIO CARTAXO E JORGE RIBEIRO
Uma edição ESTAMPA / Distribuição BERTRAND



Compre já a 200$00/m²
sem entrada inicial
e pague até 4 anos
terreno próximo da praia
Situado a sul do Tejo em zona turística abrangida por estudo oficial de urbanização.
Resposta ao APARTADO 1.408 • LISBOA 1

MOLERO
5ª Edição

O Padrinho PARTE III

29 DE OUTUBRO
DE 1977

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete PONTO sete

suplemento semanal

cinema
jorge leitão ramos — 3

caixa do PONTO — 6

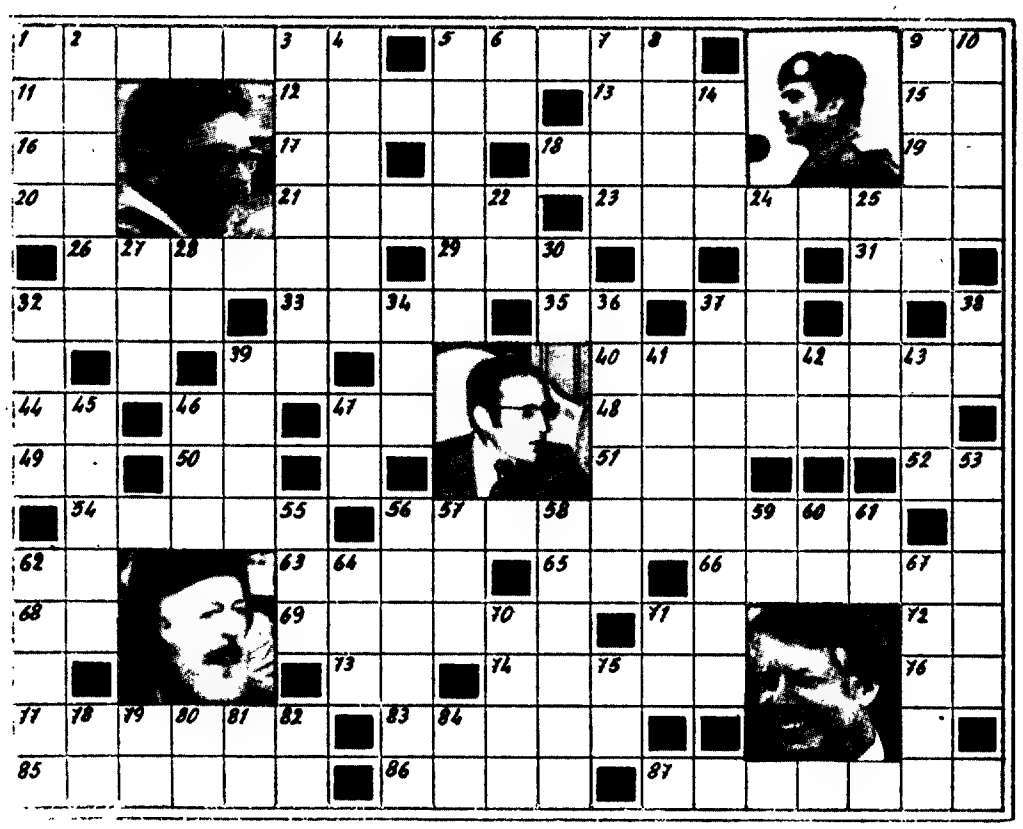
livros
luís de miranda rocha — 7

TV/PONTO televisão — 2

coordenação de mário lindolfo

Lisboa, 29 de Outubro a 4 de Novembro de 1977

palavras cruzadas



HORIZONTAIS

1/5, É rapaz e vai chamar-se Miguel o filho mais novo deste general que é ao mesmo tempo a mais alta individualidade da Nação Portuguesa. **9**, Cálcio (s.q.). **11**, Sufixo que designa estado. **12**, Cumpre. **13**, Relação. **15**, Grande ribeira da Ásia Russa. **16**, Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). **17**, Rádio (s.q.) **18**, Oculta. **19**, Letra grega. **20**, Ouro (s. q.). **21**, Recuar. **23**, O seu nacionalismo valeu-lhe o cognome de «Fidel da Europa». **26/56**, Ele continua a insistir junto do Vaticano para a abertura de um diálogo entre comunistas e católicos italianos. **29**, Distrito da ex-Índia Portuguesa. **31**, Reis. **32**, Magnetes naturais. **33**, Pronome demonstrativo. **35**, Pronome reflexo. **37**, Actínio (s.q.). **39**, Rio de Itália. **40**, Espécie de casaco comprido para uso caseiro (pl). **44**, Distar. **45**, Letra Grega. **47**, Cloro (s.q.). **48**, Janelas estreitas e altas. **49**, Nesse lugar. **50**, Em partes iguais. **51**, Primeira sílaba de uma palavra besignativa de ódio. **52**, Antes de Cristo. **54/77**, Pela primeira vez desde que entrou para a Casa Branca, ele, enfrentou uma onda de descontentamento e de críticas azedas contra a sua administração durante uma digressão que fez pelo interior do seu país. **62**, Poeira. **63**, Dão aviso de alguma coisa em voz alta. **65**, Papagaio da Amazónia. **66**, Mal humorada. **68**, Artigo definido. **69**, Ave, o mesmo que pega. **71**, Letra grega. **72**, Quarto. **73**, Era cristã. **74**, Picantes. **76**, Porco. **83**, De outro modo. **85**, Ergue em moirão. **86**, Saudáveis. **87**, Ele chora a morte trágica da rainha Alia, que pereceu num desastre de helicóptero quando regressava a Aman, de uma visita a uma cidade no sul da Jordânia.

VERTICAIS

1, Cidade de Itália. **2**, Divida em ruas. **3**, Nome de homem. **4**, Turvos. **5**, Enganado. **6**, Autores. **7**. Estavam. **8**. Relativo ao Sol. **9**, Canto de muitas vozes reunidas (pl.). **10**, Patrões. **14**, acrescentando uma vogal é o nome do general francês que tomou parte brilhante na Guerra da Independência da América e que ficou depois ferido na batalha de Clermont. (inv). **22**, Medida itinerária do Japão. **24**. Cofres. **25**, Irritara. **27**, Emas. **28**, Reis. **30**, Artigo definido. **32**, Caminharia. **34**, Bigorna de ourives. **36**, Torna frio. **37**. A mimais. **38**. Postscriptum. **39** Dão pios. **41**, Vale espanhol dos Pirineus. **42**, Duas consoantes desiguais. **43**, Pega. **45**, Duros. **46**, Familiar. **47**, Cálcio (s.q.). **53**, Nome de flor. **55**, Ilha na costa francesa do Atlântico. **56**, Navios de vela com três mastros. **57**, Ave pernalta. **58**, Feixe de palhas em que se envolvem os objectos frágeis para não se partirem durante o transporte (pl). **59**, Artigo indefinido. **60**, Pronome pessoal. **61**, Rádio (s.q.). **62**, A Morte. **64**, Greda branca. **67** Inspirai. **70**, Leite de cal aplicado à parede. **71**, Criança. **75**, Reis. **78**, Amónio (s.q.) **79**, Letra grega. **80**, Pronome pessoal. **91**, Érbio (s.q.). **82**, Batráquio **84**. Nota musical.

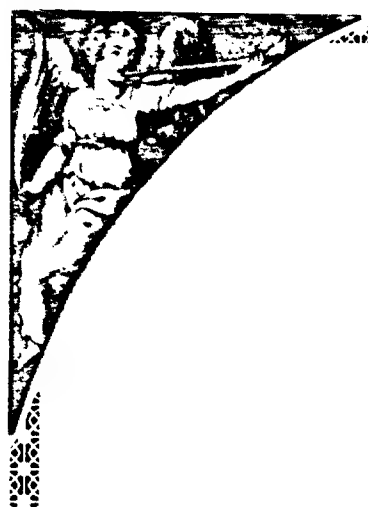
SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/5 RAMALHO EANES. 9 Cá. 11 Or. 12
Opera. 13 Rol. 15 Om. 16 Mr. 17 Ra.
18 Cala. 19 Re. 20 Au. 21 Acuar. 23
MAKARIOS. 26/56 ENRICO Berlinguer.
29 Dio. 31 Rs. 32 Imãs. 33 Isto. 35
Se. 37 Ac. 39 Pb. 40 Samarras. 44
Ir. 46 Fi. 47 Cl. 48 Frestas. 49 Ai.
50 Aa. 51 Rai. 52 Ac. 54/77 JIMMY
CARTER. 62 Po. 63 Eam. 65 Ia. 66
Afinada. 68 As. 69 Urraca. 71 Fi. 72
IV. 73 EC. 74 Acres. 76 To. 83 Alias.
85 A moira. 86 Sãos. 87 HUSSEIN.

VERTICAIS:

1 Roma. 2 Arruem. 3 Horácio. 4
Opacos. 5 Erado. 6 Aa. 7 Eram. 8
Solar. 9 Coros. 10 Amos. 14 Kai. 22
Ri. 24 Arcas. 25 Irara. 27 Nas. 28 Rs.
30 Os. 32 Ira. 34 Tai. 36 Estira. 37
Ameigais. 38 Ps. 39 Piam. 41 Aran. 42
GT. 43 Asa. 45 Rios. 46 Fam. 47 Ca.
53 Cravo. 55 Yeu. 56 Barcas. 57 Ema.
58 Ligas. 59 Um. 60 Eu. 61 Ra. 62
Parca. 64 Cré. 67 Dirai. 70 Caio. 71
Fé. 75 Rs. 78 Am. 79 Ro. 80 Ti. 81
Er. 82 Rã. 84 La.



Correio Sentimental

O meu amor é traiçoeiro

Eu amava o repórter do «Sete-Ponto-Sete», e já vou explicar porquê. Ele era tão alegre, tão revisteiro, tão amigo do seu amigo! Comecei a desconfiar quando ele apresentou o seu observador político. «Mulherengo, machista, expoente da fauna ibérica», assim o classifiquei. Mas no fundo do meu coração ainda restou uma esperança. Porém esta ficou liquidada quando o vi tratar de «Dona Flor» o nosso primeiro-ministro. Meter Mário Soares na cama com Sá Carneiro e Freitas do Amaral é mais do que uma piada de mau gosto, é um atentado a quem ainda acredita no socialismo. E já viu, já pensou este caro senhor, quanto Freitas é feio, quanto Sá é pequeno...? Aquilo que poderia ter sido uma «ménage à trois» resultou numa farsa revisteira do pior gosto político.

Mas não ficou por aqui a minha decepção. Não contente por avacalhar as mais importantes figuras políticas do nosso País, o repórter do «Sete-Ponto-Sete» ainda por cima tentou meter a ridículo a questão das indemnizações. Aqui a minha tolerância transbordou. Os coitados que tanto sofreram com essa coisa da revolução, que por tal foram obrigados a emigrar e quase a pedir esmola, então não tinham direito a ser indemnizados? Quem mais do que eles, em 50 anos de ordem reinante, lutou para salvar a integridade financeira deste País? Acaso foi você, que devia viver (mal) do ordenado, e nunca lhe sobrou um chavo para investir nos programas económicos, que nunca proporcionou (penso eu) um emprego a quem quer que fosse?

Esses homens, que você chama de capitalistas e com ar decerto trocista de indigentes, foram de facto os grandes obreiros deste País. Sem patrões, que teria sido deste Povo? Quem é que lhes pagava o ordenado? Era você?

Acho piada a certos Zés-Ninguéns que só porque acabou a censura se permitem comentários e críticas a grandes figuras da nossa história contemporânea. Um amigo meu, que sabe muito destas coisas, costuma dizer: «Deixem-nos pousar». Tenha cuidado, caro repórter do «Sete-Ponto-Sete». Nada é mais perigoso que o coração duma leitora despeitada.

Ex-leitora do «Sete-Ponto-Sete»
(devidamente identificada)

CINE/PONTO

AS RUÍNAS NO INTERIOR
de José de Sá Caetano
(Portugal — 1976)

Só muito raramente um filme português consegue furar o bloqueio que variados condicionalismos lhe fazem e ser exibido ao público. Este mês de Outubro viu chegar uma dessas ocasiões: **As ruínas no interior** estreou no Satélite, o que quer dizer é preciso, com urgência, que o leitor do 7.7» lá acorra. Trata-se não só de um filme português (razão por si só já mais que suficiente para justificar o interesse do leitor) mas de um filme particularmente equilibrado e fascinante, uma viagem ao fim da infância dada como uma realidade biface: desgostante e onírica.

Cinema Satélite
(não acons. men. 13 anos)

MARY POPPINS
de Robert Stevenson
(USA — 1963)

Uma musical-reposição de um dos mais caros e melhores filmes das produções Walt Disney. Tecnicamente cuidado, **Mary Poppins** é uma obra que retoma a receita dos filmes-família sem descer a objecções lacrimejantes (estilo **Música no Coração**) mas sem delas se libertar completamente. Num mundo reformável, onde a família é a instituição a solidificar, este filme é um pouco de açúcar (animado) no limiar da indulgência e do visível.

Cinema Tivoli
(Para todos)

DONA FLOR E OS SEUS DOIS MARIDOS
de Bruno Barreto
(Brasil — 1975)

Normalmente um sucesso estreia em várias salas e depois vai reduzindo o seu número. Com **Dona Flor e os Seus Dois Maridos** o processo foi inverso. Primeiro só no Monumental e agora também no Pathé, este filme parece apostado em transformar-se num dos maiores sucessos do ano. Mercê da «pedalada» da Gabriela e ajudado por valores pessoais que fazem do estreante Bruno Barreto um realizador a seguir com atenção.

Cinemas Monumental e Pathé
(Não acons. men. 18 anos)

UMA PONTE LONGE DE MAIS
de Richard Attenborough
(USA-G.B. — 1977)

Um filme-dinossauro: grande comprimento e envergadura e um cérebro demasiado pequeno para tudo controlar. Resultado: quase três horas de tiros, bombas, tanques e aviões a evidenciarem enormes meios financeiros e até uma indesmentível perfeição industrial a servirem de suporte a muito poucas ideias. Nem os actores, em parada de glória, parecem muito interessados em aprofundar o seu trabalho: limitam-se a assinar o ponto em registos díspares e desligados, nas malhas de uma produção que tudo tritura.

Cinemas Império e S. Jorge
(Não acons. men. 13 anos)

A PUNIÇÃO
de Pierre Alain-Jolivet
(França — 1973)

Entre Bergman e Scorsese, o Quarteto exibe este meio-porno de luxo imbecil. A «série» parece continuar com a estreia, entretanto verificada, de um filme de Thorseu não menos objecto. O Quarteto está a poluir-se e é pena. Pode perder-se, sem remédio, o projecto de um espaço de cinema que se queria dinâmico e significativo. Malhas que o comércio tece ou simples acesso de febre passageira?

Cinema Quarteto — dala 3
(Interdito a men. 18 anos)

O PADRINHO — PARTE II
de Francis Ford Coppola
(USA — 1974/75)

Transferido para uma sala menor (por força da estreia do filme-catástrofe **Aeroporto 77**), **O Padrinho — Parte II** prossegue uma carreira merecida ante uma adesão pouco entusiástica do público. É que, recusando a violência à superfície do écran e tratando-a em profundidade, este filme corre o risco (voluntário) de se ver pouco admirado por um público à espera dos tiros e do sangue que ele só muito episodicamente tem. Ao invés, **O Padrinho — Parte II** é um filme em negro, no nosso tempo. Enterrado é o romantismo já que os **gangsters** são hoje simples (?) homens de negócios.

Cinema Berna
(Não acons. men. 18 anos)

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER
de Werner Herzog
(RFA — 1975)

Após longuíssimos meses de espera, eis que estreia, comercialmente, **O Enigma de Kaspar Hauser**, filme de Herzog que, dois anos atrás, toda a Europa admirou e aplaudiu.
Kaspar Hauser é a história de um olhar novo sobre o homem e sobre a vida, olhar novo porque primitivo, inocente, liberto de moldes sociais, como o olhar de um «bom selvagem» europeu. Descontados os limites de uma tal empreendimento, este filme não deixa de ser profundamente curioso e estimulante; e a atenção a Bruno S., o actor.

Cinema Aplo 70
(Não acons. men. 13 anos)

MONIKA E O DESEJO
de Ingmar Bergman
(Suécia — 1952)

Entre uma filmografia toda feita de momentos invulgares, **Monika e o Desejo** é um filme que, 25 anos depois, não resistiu completamente ao tempo. Não se quer com isto dizer que a vitalidade, o erotismo quase pagão que este filme exala tenham perdido a sua força ou esmaecido na sua contundência. Mas sendo um filme central da carreira de Bergman (e nunca é de mais falar no plano final, um dos mais agressivos momentos de cinema jamais feitos) e sendo este um relizador pouco datado, esta sua incursão nos meandros do desejo ficou, 25 anos depois, coberta por um véu púdico que só algumas imagens geniais (como a da foto) conseguem romper.

Cinema Quarteto
(Não acons. men. 13 anos)

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
De Martin Scorsese
(USA — 1974)

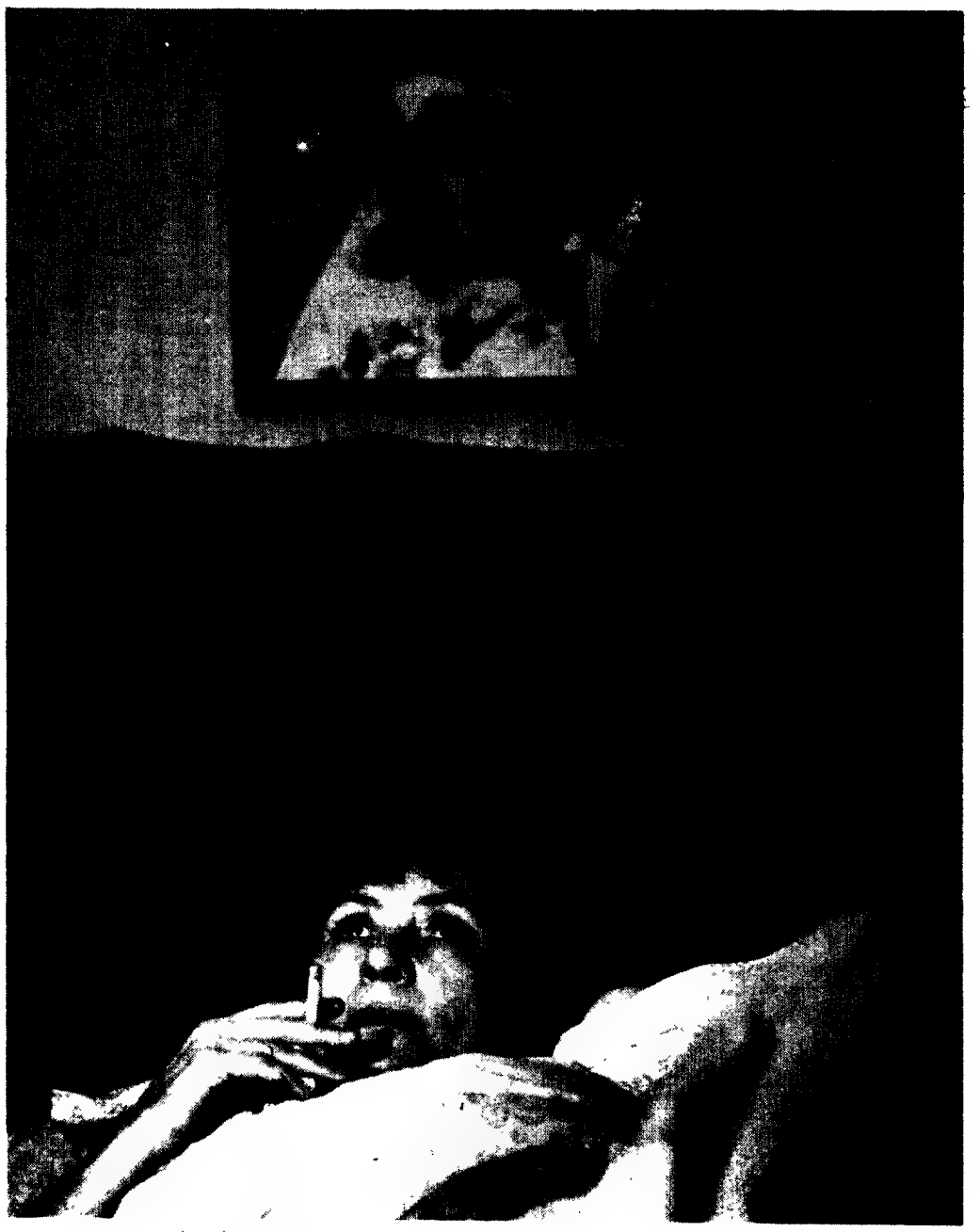
Um dos méritos do Quarteto tem sido o de «repescar» filmes que o público ignorou na estreia e de os promover, por vezes mesmo ao nível do sucesso. Tal se passa, de novo, com este filme de Scorsese, uma obra que não foge a um certo conformismo mas que possui em potência, e por vezes em acto, as qualidades que produziriam, depois, **Taxi Driver**. E, já agora, uma pergunta: para quando a exibição das restantes películas de Scorsese, nomeadamente de **Mean Streets**?

Cinema Quarteto
(não acons. men. 13 anos)

"Adopção" de Marte Meszaros

FICHA:

Título original: Orokbefogadas
Realização: Marta Meszaros (Hunggria-1975)
Realização: Marta Meszaros (Hungria-1975)
Argumento: M. Meszaros, Gyula Hernadi e Ferenc Grunwalsky
Fotografia: Lajos Koltai
Música: Gyorgy Kovacs
Interpretação: Kati Berek (**Kata**), Laszlo Szabo (**Joska**), Gyongyver Vigh (**Anna**), Arpad Perlaky (**o médico**), etc.
Distribuição em Portugal: Exclusivos Triunfo Cinema: Nimas
Classificação: Não acons. men. 13 anos.
Duração: 89 minutos



O cinema em socialismo como é (como deve ser)? Por certo não o cinema grandiloquente, pesadão, positivo e frequentemente piroso que constitui o grosso da coluna das obras que nos chegam do Leste europeu. Por certo não o cinema róseo de tudo bem no melhor dos mundos» em que se atolam tantos e tantos cineastas dos países socialistas.
O socialismo será um sistema social e político que revigore a vigilância do intelectual, que o estimule na sua dupla função de servir e educar as massas, que faça desabrochar mil escolas e estilos que se emulem, ou não será socialismo nenhum.
Exemplo desse cinema (em socialismo) capaz de avançar em múltiplas frentes tem sido o cinema húngaro que (conjuntamente com o cinema polaco) tem sabido constituir-se na vanguarda da sétima arte nos países do Leste europeu. Exemplo desse cinema tem, também, sido (noutra latitude e em diferentes coordenadas e influências culturais) o cinema cubano. Tudo cinematografias muito deficientemente conhecidas do público português (e aqui caberia sugerir às Associações de Amizade o esforço necessário para as divulgar) por razões várias que não cabe aqui referir mas que têm a ver sobretudo com a colonização (formal, ideológica e económica) que o cinema americano continua a exercer sobre o nosso país que dificulta a penetração e o sucesso que tais filmes mereciam.
Marta Meszaros, para não irmos mais longe, é uma realizadora que conta já com mais de meia dúzia de filmes no activo; **Adopção** é a primeira a cá chegar e necessitou do prémio de Berlim para o conseguir. E, a avaliar pela afluência na estreia, não deverá ter público que baste.
É, porém, é urgente a descoberta deste olhar feminino, terno e rigoroso, sobre as suas companheiras de estrada. Olhar que se quer ao ritmo lento de uma calma divagação pelos rostos e pelos gestos, pelas palavras, como quem muito ama e muito sofre.
Filme feminino (que não feminista), **Adopção** é uma incursão num universo dominado (o das mulheres), universo que aprende, à própria custa, os caminhos do sucedâneo, à falta de uma real libertação. É por isso que, não sendo um filme agressivo, **Adopção** acaba por se tornar em antelibelo, a constatação que procede a revolta. Há nele uma (violenta) preocupação de marcar os limites do écran, de fazer constituir a imagem em espaço fechado, diria incompleto, como se houvesse a intenção de estar sempre muito próximo «do real» e, ao mesmo tempo, de vincar as margens do nosso olhar, de nos fazer, mesmo, reparar na fundamental importância do não dito, do não visto.
Subtil sem ser caligráfico, este filme reconfirma (se necessário fosse) a justeza da rota seguida pela cinematografia húngara. Um cinema próximo das pessoas, capaz de falar de uma realidade sem com isso ir satisfazer os desvios dos espectadores. Um cinema que vai direito ao público não para o confortar, acariciar, entorpecer ou mistificar mas para o despertar, cada vez mais.

O Padrinho
Imponente, ele desce as escadarias do Palácio, de regresso à sede da Cosa Nostra». Ainda em Belém, diria aos jornalistas: «O governo terá de ceder. Palavra de Don Diogo!»

Basílio «Três Dedos»

Lucky» Amaro

Joe Caschieri

"La Cosa

Antecipando-se ao famoso Francis Ford Coppola, o «Sete-Ponto-Sete» avança hoje com «O Padrinho – III Parte», revelando deste modo ao leitor alguns aspectos da actuação da Mafia em Portugal, com destaque para a figura de Don Diogo, personalidade de grande influência no «bas-fond» da política nacional.

Como o leitor bem sabe, perdem-se nos tempos as origens da Mafia portuguesa. Para alguns historiadores, os «mafiosi» começaram a cobrar no Alentejo ainda as associações secretas da Sicília andavam no cu dos afonsinhos, passe a expressão, enquanto outros estudiosos defendem que a «Cosa Nostra» nacional nasceu do espírito expansionista da «Família» italiana: No fundo, o que interessa é que a «nossa» Mafia não sofreu os reveses da sua congénere siciliana primeiro o arrepio que apanhou de Garibaldi, em 1860, mais tarde a morte de Don Corleone e por isso cresceu e multiplicou-se, forte e sadia, com um sentido próprio da honra e da dignidade que só por má-fé pode ser ignorado.

Os séculos foram andando, e chegámos ao Ano de Graça de 1977 com uma Mafia dinâmica e imaginativa, cujos objectivos trancedem de largo as ambições da organização matriz. Começando por operar em Palermo e estendendo-se mais tarde à América do Norte, os «mafiosi» italianos têm-se limitado a fazer umas cobranças em troca de protecção, e estas receitas – segundo fonte bem informada – mal chegam para as pensões aos filhos e viúvas dos associados mortos em serviço. A Mafia portuguesa,

pelo contrário, é hoje norteada num propósito diferente, mais ambicioso, que se traduz na conquista do poder político (o económico já tem).

Em todo o caso, mantêm-se intactos alguns valores que vêm da primeira «Família», como sejam o sentido da honra, da entreajuda e da extorsão pela ameaça (um mero exemplo: «Se o PS precisar de nós para fazer um acordo, nós exigimos, em contrapartida, que ele nos faça

A Família
Reunida «La Famiglia», o Padrinho conta como foi possível remover os obstáculos que impediam a progressão da Mafia em Portugal

O Negócio
Reconquistado o poder económico, Don Diogo combina com Chico Chiquinho a estratégia a seguir para a tomada do poder político

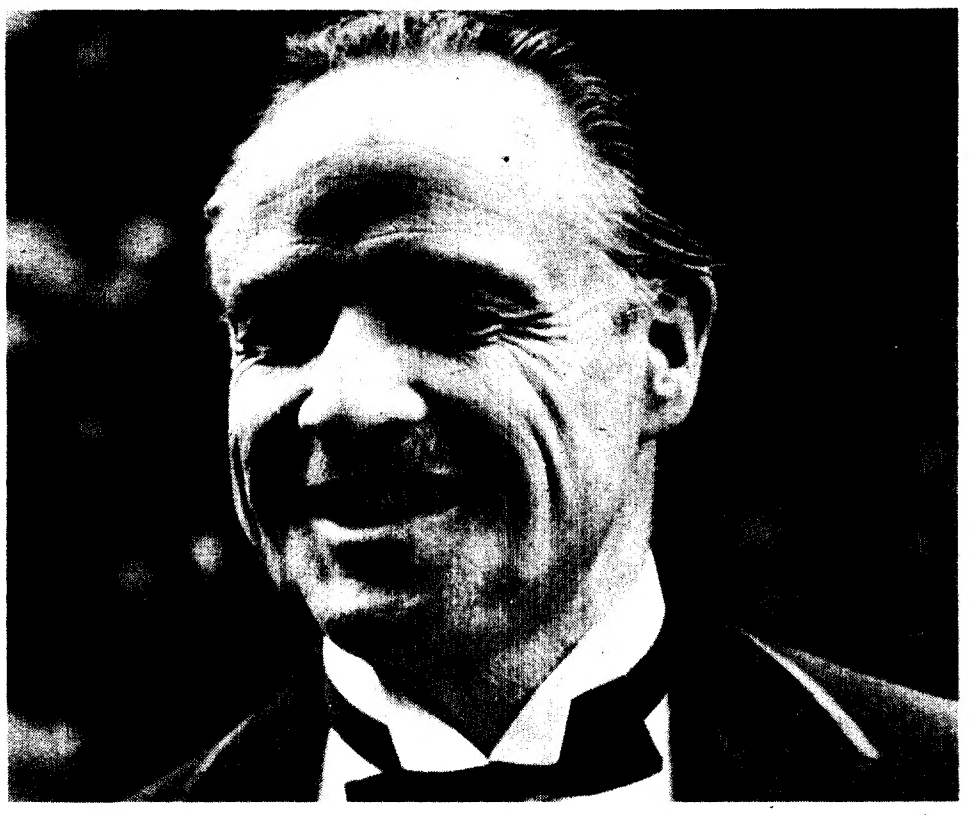
a Deles"

determinadas concessões» — Don Diogo, em entrevista concedida à Anop).
Entretanto, convém desde já sublinhar que a Mafia portuguesa, também chamada pelos esquerdistas «acidental praga lusitana», beneficia da circunstância de actuar na

legalidade, não estando por isso sujeita aos contratempos que afligem os outros delinquentes.
E sendo assim, a «Cosa Nostra» nacional pode mesmo candidatar-se às eleições.
Mas para que o leitor melhor se ponha no fenómeno mafioso, temos a obrigação de lhe dizer que o êxito da Mafia, robustecida aí por fins de 1975, não se deve apenas à cabeça de Don Diogo e ao seu prestígio pessoal, já que o mérito é de toda a «Família». Para citar alguns nomes, aqui se referem os de Basílio «Três Dedos», «Baby» Anacoreta, Joe «Cachieri» (Joe «O Agrícola») «Lucky» Amaro, «Galvani «F87», «Bill» Abecassis, todos com provas dadas ao serviço da «Cosa Nostra» ou , mais propriamente, da «Cosa Deles».
Ao longo da sua existência, esta Mafia soube manter-se coesa, sobretudo nos momentos de maior crise: a queda da cadeira em 68, a surpresa do feriado em Abril de 74. Nenhum destes acontecimentos abalou por aí além a organização que, pelo contrário, nos últimos tempos tem conseguido impor-se, chegando inclusive a assumir a forma de partido político.
Foi aliás como partido que a Mafia passou a recolher maiores dividendos, metendo-se por último a ameaçar com a queda do governo, que deixará de «proteger» se, também ele, não pagar «protecção».
É assim que, por coincidência ou receio de represálias por parte dos «mafiosi» , o governo faz grandes cedências ao Padrinho, nomeadamente com a devolução de terras, fábricas e empresas que afinal já estavam na posse da «Família» há mais de meio século.

Em breve: «La Mafia portughesi dal punto di vista giuridico e da quello storico» (Reportagem do 7o7 baseada em documentos arquivados na Torre do Tombo)

Os Padrinhos



A Mensagem
«Neste abraço eu envolvo todos aqueles portugueses a quem asseguramos protecção» — comício do Padrinho em Chaves

«Bombfighter» Arriaga

A Madrinha

caixa do PONTO

CASIMIRO E CAROLINA: QUARTO MÊS DE ÊXITO

O Teatro da Cornucópia continua a apresentar a peça «Casimiro e Carolina», que já vai no quarto mês de representação, com assinalável êxito do público e da crítica. A peça, de Odon von Horvath, é considerada uma das mais importantes do teatro contemporâneo.
Como o restante da obra de von Horvath, «Casimiro e Carolina» constitui uma espécie de bestiário social que visa a cegueira, a

Casimiro e Carolina: a cegueira, a mesquinhez, duma burguesia em crise

mesquinhez, a miséria da pequena burguesia atingida pela crise.
Com «realismo e ironia» Horvath tenta «desvendar as consciências». Por detrás dos bons sentimentos, dos valores estabelecidos, da autoridade, de boa consciência, ele revela a realidade profunda de indivíduos isolados pela ordem social e submetidos às exigências do inconsciente. Este «desvendar» traz à luz a nevrose colectiva de uma classe que engrossará em massa o fascismo e alimentará a sua ideologia. Horvath, dramaturgo da grande crise dos anos 30 sempre se interessou pelo papel dos factores económicos e sociais. A isso acresce uma particular atenção dada à linguagem na sua dimensão social e individual. Leitor de Freud, Horvath interessa-se pelas complexas relações entre a vida de consciência e a de inconsciente.
Ao lado de Brecht, Horvath deixou-nos uma obra rica, representada e discutida nas duas Alemanhas e que agora o Teatro da Cornucópia revela ao público português com este espectáculo que o público e crítica acolheram entusiasticamente.

Depois da apresentação de Casas Pardas de Maria Velho da Costa e da Antologia, 20 Anos de Poesia Portuguesa organizada por Pedro Tamen, a série Leituras que o Teatro da Cornucópia tem vindo a organizar, prossegue no próximo dia 9 de Novembro com a apresentação de dois livros de «novíssimos»: Ossuário» de Rui Diniz e Última Palavra: Sim» de Nuno Júdice. Rui Diniz é um jovem poeta radicado nos EUA desde 1968 e Ossuário é a primeira recolha dos seus poemas depois de alguma polémica colaboração em O Tempo e o Modo» de 1967/68. Sobre a poesia de Rui Diniz escreve Nuno Júdice, que prefacia o volume: «a mudança que se aprofunda na linguagem, na escrita e na teoria de uma poética portuguesa e revolucionária, encontra em Rui Diniz um lugar talvez histórico de reflexão — e de primeiro reflexo de uma geração condenada ao sonho de não se realizar». Última Palavra: Sim» é o primeiro texto em prosa publicado pelo poeta Nuno Júdice que afirma «Uma vez escrevi, cheio de febre, à luz de uma vela, que o negrume do céu dissipava as misérias dos homens. As pessoas atravessavam as ruas como sinistros fantasmas materiais. Na igreja ficara um morto sozinho. Os cães ladravam supondo grandes destruições. Pensei que poderia escrever indefinidamente com um terror espesso a guiar-me os dedos. Toda a realidade é nefasta. A cólera de Deus rompeu-me os dedos. É a loucura, é a voz silenciosa dos corpos adormecidos. Um silêncio, uma imobilidade no ar, a morte — uma hipótese de revolução no interior de nada». A leitura dos textos, a cargo dos actores do Teatro da Cornucópia, será apresentada pelo poeta Nuno Júdice.

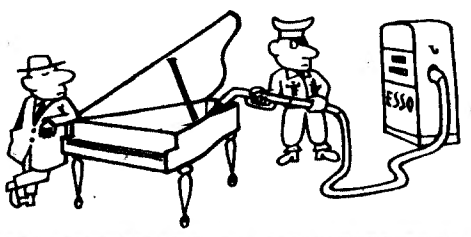
Carlos Moniz e Maria do Amparo: domingo, no Salão das Furnas

OS BONECREIROS: DUAS INICIATIVAS

O Grupo Teatral «Os Bonecreiros» apresenta hoje, peas 21.15, no Salão das Furnas, a peça «Os retratos», de Júlio Maurício, espectáculo levado a efeito por iniciativa da Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica. Os bilhetes encontram-se à venda na sede da Junta, à Rua Raul Caparinha, a partir das 18.30. Entretanto, e para as crianças da freguesia, o mesmo grupo apresenta «O Fungagá da Bicharada», com Júlio Isidro, Anabela, Carlos Moniz e Maria do Amparo, no domingo, pelas 15.30, no mesmo local? As entradas são gratuitas.

Música do tempo de Rubens

Realiza-se no domingo, 30, o segundo concerto sobre «Música do Tempo de Rubens» que terá lugar no Museu Gulbenkian, pelas 12 horas, com a participação dos artistas Magadelan von Zeller (cravo), Helena Afonso (soprano), Manuel Morais (alaúde) e Pedro Cabral (cistro e alaúde). O programa integra-se no conjunto das comemorações do IV Centenário do Nascimento de Rubens e está dividido em duas partes, abrangendo a interpretação de um importante conjunto de obras renascentistas e pré-barrocas de diversos autores, entre os quais Fray Bartolomeu de Olague, Antônio Cabezon, Antônio Carreira, Jean-Batiste Besard, John Dowland, John Johnson, Robert Johnson, Ottavio Durante, Anthony Holborne, Diego Ortiz, Claudio Monte Verdi, Girolano Frescobaldi e Fray Antônio Martin y Coll.



UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

COMISSÃO COORDENADORA DA CAMPANHA CONTRA OS DESPEDIMENTOS E PELO DIREITO AO TRABALHO DO DISTRITO DE LISBOA

COLÓQUIO

A Comissão Coordenadora da Campanha Contra os Despedimentos, convoca toda a população de **Lisboa**, para um coloquio sbore a análise e discussão da actual política seguida pelo Governo e concretamente sobre os despedimentos e pacote 2, no próximo dia **31/10/77 (2.ª feira) às 21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico**.

NÃO FALTES !
COMPARECE !
PARTICIPA !

Lisboa, 20 de Outubro de 1977.

A COMISSÃO COORDENADORA

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL - EDP

Empresa Pública

DIRECÇÃO OPERACIONAL DE EQUIPAMENTO E PRODUÇÃO

ENGENHEIROS TÉCNICOS DE ELECTRICIDADE E/OU MECÂNICA

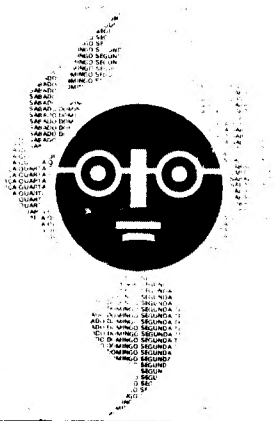
Admite para preparação de trabalhos de conservação de equipamento mecânico, eléctrico e instrumentação de Central Térmica, em Setúbal.

OFERECE-SE:

— Remuneração compatível
— Regalias sociais
— Horário semanal de 40 horas.

Resposta por carta com currículo completo incluindo idade, classificações escolares, experiência profissional, à EDP (Av. Infante Santo, 17-4.º, Lisboa-3), até às 18.00 h do dia 4 de Novembro de 1977

NOTA: Os candidatos já inscritos devem, no caso de estarem interessados, responder a este anúncio.



a PONTO e virgula

CRISTÓVÃO DE AGUIAR: «O PÃO DA PALAVRA» (VÉRTICE)

Há algum tempo que não se nos deparava um caso assim: um poeta das novas gerações fazendo ainda os percursos tão batidos do lirismo alertado regular e obrigatoriamente no seu discurso pelo apelo forte da necessidade social. É uma poesia muito na linha da que praticaram pelo menos duas ou três gerações de poetas no âmbito da poética neo-realista que (esse âmbito) nunca chegou verdadeiramente a ultrapassar certos limites formais que inicialmente se impunham a partir de noção dobrada (desdobrável, mesmo assim precária) de que sendo a arte a expressão de uma individualidade criadora, criativa, a criatividade ou a capacidade criativa dessa expressão seria alargadamente maior se no seu projecto se incorporasse uma opção ideológica de sentido colectivo, superadora de limites e limitações do individualismo, politicamente progressista; se não se incorporasse, deveria, pelo menos, transparecer algum generoso esforço feito nesse sentido. Daí que tal tipo de prática poética verdadeiramente nunca tenha deixado de transparecer ou mesmo muitas vezes limitar-se a falar do drama particular de cada um debatendo-se parante a impossibilidade de fazer alguma coisa de mais consequente: por exemplo, uma produção textual suficientemente autónoma para se impor por si sem a necessidade de encontrar justificação ao nível das referências. Uma poesia assim formalmente (apenas formalmente?) conservadora processou-se ao longo apenas de anos predominantemente dentro dos esquemas (formais, somente?) em que a tradição a enquadrou; algumas práticas menos dependentes do formulário trouxeram para aqui a novidade de algumas diferenças. Mas pode-se dizer que a poesia tipicamente neo-realista — tal como aqui a entendemos, num determinado tempo do discurso poético português — só em certos casos —, os melhores, evidentemente —, encontrou uma táctica textual e discursiva suficientemente forte para fazer valer, impor-se como válida, ao nível da produção da poesia, como da arte em geral, uma estratégia tendente ao conhecimento simbólico da realidade, do real, e do mundo — através da linguagem e do trabalho dela e com ela que evidentemente se impunha. Isto tudo de parte, pelo menos por agora, e ocupemo-nos um pouco do livro citado em epígrafe. É um conjunto numeroso de poemas e praticamente todos eles datados de 66 a 77, o que nos permite não só uma apreciação global mais fundada mas ainda a perspectiva de alguma possível evolução. A disposição por que os poemas aparecem não respeita a ordem cronológica da sua supomos que primeira facturação: talvez por isso, escapa-nos se aqui se pode detectar qualquer sensível aperfeiçoamento, alguma melhoria (perspectiva formal, formalista) nos poemas mais recentes em relação aos de datas mais distantes; talvez por isso, mas não só, é claro: também, por exemplo, e por certo entre outras razões, porque o poeta terá procedido mais recentemente a uma reescrituração dos seus textos, funcionando então as datas como simples indicações para uma leitura eventualmente atenta aos referenciais. Numa apreciação global do livro pode-se dizer que esta poesia se nos propõe hoje muito à margem de tantas e tantas conquistas que nos últimos anos, nas últimas décadas, se fizeram para o texto e o discurso da poesia portuguesa em domínios de importância fundamental como a morfologia, a sintaxe, e a semântica do poema. Um relance sobre estes poemas verifica desde logo a sua fragilidade estrutural — a debilidade própria dos seus processos de organização, a fraca consistência dos seus resultados. Um poema ao acaso: «Sentado à porta do tempo penso-me/E escrevo o poema da hora triste./O silêncio é uma certeza de dor antiga/Nos atalhos abandonados da terra.//Espero um túnel de tortura/Sentado à porta do tempo,/Os olhos são a verdade das horas/Arrastadas no muro da distância.//A vindima é uma colheita de ansiedade/Festa sem festa quase morta.//Inventou-se uma porta para o tempo». Vem na pág. 25. pertence a uma série, mas serve aqui de amostra exemplar, certamente. Para além do convencionalismo da forma e da sintaxe textual-discursiva, anote-se, por exemplo, a menos do que escassa força de metáforas-imagens como «porta do tempo», «túnel de tortura», «muro da distância», «colheita de ansiedade», «certeza de dor antiga». Além de que a esta inconsistência se deve a imprecisão ou nebulosidade semântica, o poema constrói-se de um vocabulário abstracto, o que certamente contradiz o realismo que informa esta poesia; e a adjectivação — «hora triste», «dor antiga», «atalho abandonado», «festa quase morta» («quase», para mais) — é por certo ainda no domínio da abstracção, da abstractização, que se situa. Recorrendo a outras transcrições, os exemplos poderiam ocorrer em abundância numerosa. Enfim, há trinta/quarenta anos esta poesia poderia propor-se a esse tempo com alguma novidade e talvez impacto. Hoje não se nos afigura com um mínimo de interesse a justificar que aqui a saudemos. Uma anotação, para encerrar. «O Pão da Palavra» não o livro de um estreante — o que naturalmente força a (ou permite) um juízo mais exigente, e, por consequência, mais severo.

VÉRTICE

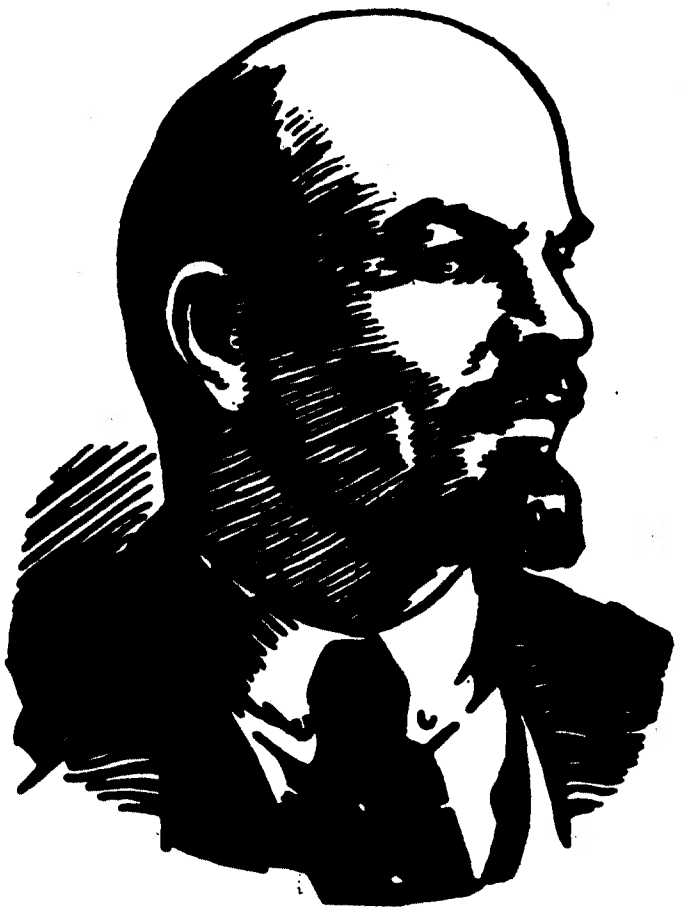
De vez em quando aparece-nos nas livrarias mais um número desta revista e apercebemo-nos então de que ela ainda existe. Cada vez mais apagadamente, todavia. Em tempos, esta «revista de cultura e arte», esta revista do «racionalismo moderno» eufemismo para iludir a estupidez irracional da censura que sobre ela se abatia sempre — foi aquilo a que uma certa linguagem heróica chamaria um baluarte: da resistência cultural ao fascismo; também um lugar onde uma certa forma de combate, o ideológico —, se desenvolvia. Dentro de inúmeras limitações. E conviria aqui recordar que limitações não apenas impostas: também as limitações próprias da sua poética — do seu projecto, do seu programa —, enquadrada pelo neo-realismo e tanto fiel ao seu ideário que por vezes se suspeitava se não lhe seria menos fiel e ao seu espírito mais largo — porque muito dependente de certas imposições teóricas (e práticas) que esse movimento impunha — ou lhe impunham os seus mentores. E hoje? A revista vai nos seus trinta e sete anos de existência, temos presente o número duplo 398-399, desfolhamos as suas quase cem páginas e que temos nós? Um editorial, Rui Climaco escrevendo sobre o anticomunismo — arma ideológica do «imperialismo», e mais sete textos: «A teoria, força material», de Magalhães Vilhena; «Composta, serena, a obra o nada diminui», exercícios de linguagem e estilo muito pretextados em referências culturais, Fernando Guerreiro, «Forma histórica da sociedade e consciência social», de Friedrich O. Wolf; «O controlo» do controlo operário», um discurso parlamentar do deputado do PCP Jorge Leite, e a terceira e última parte dum estudo sobre «Os fundamentos materiais e intelectuais do neo-realismo», de Heindrum Bruckner; um escrito de Álvaro Pina sobre um livro de José Gomes Ferreira, outro de Severo de Melo sobre «Vasco Gonçalves, um educador revolucionário» (como diz o autor). E é tudo. Mais parece um arquivo, um dossier. Certo que alguns dos textos que aqui estão prendem-se com a situação portuguesa, o que lhes daria um interesse assinalável se não fosse — como é — a estrita, estreita, orientação ideológica que lhes preside. Mesmo assim, vamos lá, talvez um que outro texto tenha algum interesse de realçar, para que a revista hipoteticamente se considere viva e fiel à sua vocação interventiva e crítica — de fundo, como deverão implicar as dimensões as proporções da publicação. Falamos do texto de Severo de Melo sobre Vasco Gonçalves — discutível texto, evidentemente, mas, de qualquer modo, um trabalho demoradamente fundamentado; de Jorge Leite — mas trata-se, como dissémos, duma intervenção na Assembleia da República e isso pode ser uma limitação, embora de ordem formal, mais ou menos sensível; de Rui Climaco — onde se pode ver qual é a orientação que a revista persistenemente perfilha e procurará defender nos textos que insere. Esta orientação não se põe aqui em questão, evidentemente. A questão que se põe é que tal orientação continua a ser defendida duma forma muito pouco expedita, desenvolta. Duvida-se naturalmente de que o recurso a gastos e regastos esquemas permite um trabalho de efeitos notórios. «Vértice» revela-se hoje já nem aquilo que por vezes chegou a ser: um lugar onde algum debate interno sobre questões fundamentais merecia a sequência dum atento interesse. A imagem global que a revista hoje nos dá é que não se suportou aqui o embate de exigências novas que a incessante mudança dos tempos vai impondo. A revista é agora um lugar cercado — conte muito a importância relativa dos textos que lá vão saindo. É uma linguagem que há muito começou a separar-se de nós — ou fomos nós que há muito começámos a separar-nos dela. É possível que dizer isto pareça alguma coisa de chocante. Esperemos que não seja.

GRANDE OPORTUNIDADE

TEMPORARIAMENTE 65$00 CADA VOLUME

obras completas de Lenine

47 VOLUMES EM FRANCÊS



UMA OBRA FUNDAMENTAL

ÚTIL para consultar

NECESSÁRIA para estudar

INDISPENSÁVEL para ler

CDL a distribuição

TV/PONTO

Sabado, 29

14.02 Telejornal
(dinâmico)
14.15 Ida e Volta
(sobre transportes, sugestão: faça-se um programa sobre o «atropela e foge», a ver se eles têm mais respeito pela gente)
14.45 Os Melchiores
(o episódio de hoje intitula-se «Bruxas e Bruxedos» e deve ser visto com o televisor sobre uma mesa pé-de-galo, para dar ambiente)
15.10 Animação
(os telespectadores aguardam que um dia destes Vasco Granja perca a cabeça e apresente os políticos nacionais em banda desenhada, coragem homem!)
15.50 Polónia-Portugal
(via eurovisão, a contar para a fase preliminar do campeonato do mundo, aceitam-se apostas na Casa Bacêlo **Fazendas e Miudezas)**
17.50 Telejornal
(explosivo)
18.00 Entre Barreiras
(actividades tauromáquicas, uma conjura semanal para lixar o touro)
18.30 Magazine
(com um «slogan» espantoso: «revista dos principais acontecimentos da semana»)
19.30 Espaço 1999
(hoje: «Semente de Destruição», aqui se conta que o comandante Koening, ao fazer uma exploração num estranho asteróide, fica retido e é substituido no comando de Alfa por um duplo exactamente igual, que pretende retirar **toda a energia à base para o seu povo poder viver)**
20.30 Telejornal
(arrebatador)
21.00 Boletim Meteorológico
21.05 Recital
(com Dionne Warwick, em Paris, a pedido de numerosas famílias portuguesas, para quem um sábado sem **Recital é um fim-de-semana estragado)**
22.20 Telejornal
(concludente)
22.35 «Pobre Allan»
(uma realização de Curtis Harrington, **com Anthony Perkins no principal papel, não há motivo para optimismo)**

Domingo, 30

12.32 Missa de domingo
(além do mais, ajuda à resignação, que é uma qualidade que as pessoas estão a perder)
13.10 Os rapazes do 47-A
(«pedido de casamento» é o título do episódio de hoje. passa-se numa época em que ainda se pediam essas coisas)
13.40 Desenhos animados
(os do costume, para a gente não estranhar)
14.00 Telejornal
(emotivo)
14.15 TV/Rural
(Sousa Veloso luta à sua maneira pela «Reforma Agrária»)
14.45 O tesouro secreto de Tarzan
(onde se conta que «Tarzan tem de lutar com uma expedição que procura um tesouro...» uma maneira pouco subtil do governo promover os FIP's)
16.05 Bota das 7 Léguas
(um programa altamente concorrente do telejornal)
16.35 Policarpo e o Micos
(prefiro a Micas)
17.00 Marco
(lá para o fim da série, e depois de Marco ter comido o macaco para **sobreviver, aparecem os caçadores que salvam o bicho e matam a criança, a mãe morre de desgosto e o pai casa com um cavalo argentino por correspondência)**
17.30 Série filmada.
18.30 Grande Encontro
(Mário Zambujal fala do desporto de hoje e de ontem, quando os desportistas ainda não usavam gioco)
19.30 Programa Musical
(com a duração de uma hora, tem de **ser bom)**
20.30 Telejornal
(de molidor)
21.00 Boletim Meteorológico
21.05 «O mundo de Wolfman Jack»
(produzido pela «America's Howl, hoje com a participação de Johny Rivers)
21.40 A Família Adams
(e só vão 10 episódios)
22.35 Telefutebol
(os comentários são melhor prato da jornada)
23.05 Telejornal
(irresistível)

Segunda 31

18.32 Telejornal
(sensacional)
18.35 O Circo Pepinelo
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 La miré
(música e bailado)
20.00 Telejornal
(espectacular)
20.30 Gabriela
21.05 Boletim Meteorológico
21.10 A visita da Cornélia
(Com a vaquinha que fala)
23.15 Telejornal
(inédito)

Terça, 1

17.30 Missa
(de todos os santos)
18.30 Telejornal
(imaginativo)
18.35 Um Verão na Ilha Mirabela
(é o 3º episódio, mas há mais)
19.00 Jardins Zoológicos de todo o Mundo
(visita ao zoo de S. Diego)
19.30 Ligeiríssimo
20.00 Telejornal
(retumbante)
20.35 Gabriela
21.10 Boletim Meteorológico
21.15 Mosaico
(saudades de Seruca)
22.45 Telejornal
(fabuloso)

Quarta, 2

17.15 Curso de monitores
18.32 Telejornal
(genial)
18.35 O Circo Pepinelo
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 «Uma cidade sobre o rio Scalda»
(Antuérpia)
20.00 Telejornal
(verdadeiro)
20.30 Gabriela
21.05 Boletim Meteorológico
21.10 O Muro
(perspectiva da guerra civil em Espanha: a luta contra as forças fascistas que acabariam por impor a ditadura franquista)
22.45 Telejornal
(inimitável)

Auinta, 3

17.15 Curso de Monitores
18.32 Telejornal
(charmoso)
18.35 Os Paladinos
18.55 Aventuras dos Hardy
19.30 Tropicália
(hoje: «Festival de Humor de Piracicaba»)
20.00 Telejornal
(único)
20.35 Gabriela
21.10 Boletim Meteorológico
21.05 Vamos jogar no Totobola
(então adeus, boa viagem)
21.15 Telefutebol Especial
21.30 Colditz
— André Malraux
(documentário sobre a vida do grande romancista)
22.50 Telejornal
(chato)

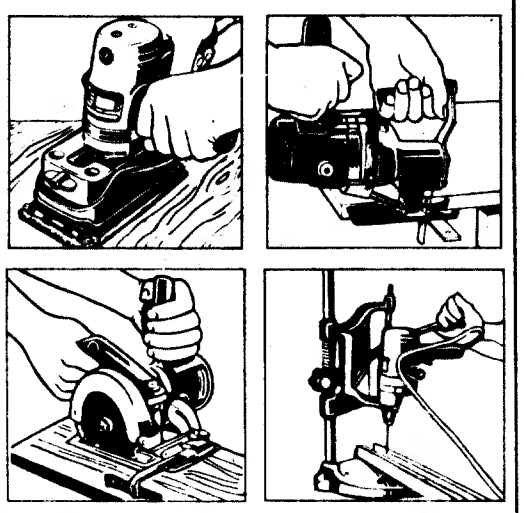
Porque é que 1 milhão de Portugueses usa Black & Decker?

porque só *Black & Decker* oferece uma linha completa, preços acessíveis, qualidade comprovada, versatilidade económica, bancadas Workmate e uma assistência eficaz!

BERBEQUINS PARA TODAS AS EXIGÊNCIAS!
COM 1 OU MAIS VELOCIDADES
COM E SEM PERCUSSÃO
O MELHOR VALOR PELO DINHEIRO!

OITO MODELOS DESDE **699.**

DISPOSITIVOS MAIS ECONÓMICOS!
PARA FAZER MAIS COISAS
E POUPAR TEMPO E DINHEIRO!

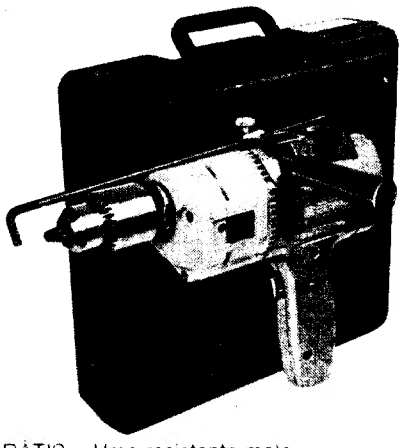


ATÉ 30 DE NOVEMBRO
25% DESCONTO

BANCADAS WORKMATE, ÚNICAS NO MUNDO!
Torno gigante, cavalete fortíssimo, banca portátil, tudo ao mesmo tempo!

Dois modelos para diferentes necessidades WM 625 com duas alturas
E AGORA WM 400 MAIS ECONÓMICA
PREÇO NORMAL ~~2990~~ **SÓ 2499.**

A SUPER QUALIDADE Black & Decker!
DNJ 84 ŠE – O MELHOR BERBEQUIM DO MERCADO!
14 velocidades fixadas electronicamente para execução rigorosa de todos os trabalhos mesmo os mais exigentes.



GRÁTIS — Uma resistente mala em poliestireno para melhor transporte e conservação deste extraordinário berbequim.
PREÇO NORMAL ~~3899~~ **SÓ 2999.**

apoio em todo o país com centros de assistência em Lisboa, Porto, Coimbra, Faro (e brevemente no Funchal) para o servir com rapidez e eficiência!

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES
FAÇA VOCÊ MESMO com *Black & Decker*